



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**RAIZEIROS DE GOIÂNIA:
AS REPRESENTAÇÕES ENTREMEADAS NOS USOS E NAS REDES
DE DISTRIBUIÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DAS PLANTAS
MEDICINAIS EM GOIÂNIA - GO**

**LUIZA HELENA BARREIRA MACHADO
ORIENTADORA: PROFA. DRA. MARIA GERALDA DE ALMEIDA**

GOIÂNIA, DEZEMBRO DE 2008.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)
GPT/BC/UFG**

M149r Machado, Luiza Helena Barreira.
Raizeiros de Goiânia [manuscrito]: as representações entremeadas nos usos e nas redes de distribuição e comercialização das plantas medicinais em Goiânia - GO / Luiza Helena Barreira Machado. - 2008.
139 f.: il., figs, tabs.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Maria Geralda de Almeida.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, 2008.

Bibliografia.
Inclui lista de figuras e tabelas.
Apêndices.

1. Plantas medicinais – Goiânia (GO) 2. Plantas medicinais (distribuição e comercialização) 3. Raizeiros 4. Redes (Geografia) 5. Representações I. Título.

CDU: 615.89(817.3)

LUIZA HELENA BARREIRA MACHADO

**RAIZEIROS DE GOIÂNIA:
AS REPRESENTAÇÕES ENTREMEADAS NOS USOS E NAS REDES
DE DISTRIBUIÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DAS PLANTAS
MEDICINAIS EM GOIÂNIA - GO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás para a obtenção de título de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Natureza e produção do espaço

Orientadora: Profa. Dra. Maria Geralda de Almeida.

GOIÂNIA, DEZEMBRO DE 2008.

LUIZA HELENA BARREIRA MACHADO

**RAIZEIROS DE GOIÂNIA:
AS REPRESENTAÇÕES ENTREMEADAS NOS USOS E NAS REDES
DE DISTRIBUIÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DAS PLANTAS
MEDICINAIS EM GOIÂNIA - GO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós – Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócio – Ambientais da Universidade Federal de Goiás, para a obtenção do grau de Mestre, aprovada em _____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^a. Dr^a. Maria Augusta Mundim Vargas

Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro

Prof^a. Dr^a. Maria Geralda de Almeida
Orientadora

Prof. Dr. Alecsandro J. P. Ratts
Membro Suplente

Goiânia, dezembro de 2008.

Dedico esta dissertação aos meus pais, Roseli e Marcos, que me proporcionaram chegar até aqui com amor, carinho, confiança e justiça; que me ensinaram o caminho a seguir; os quais sempre estiveram prontos a amar, ajudar e exortar! À minha avó querida Augusta Mohn Machado e à memória do meu avô Manoel Machado, que sempre foram exemplo da importância dos saberes adquiridos ao longo da vida.

AGRADECIMENTOS

Talvez seja esta a melhor parte da dissertação a ser escrita, por ser uma das últimas coisas e por me fazer lembrar cada momento desses dois anos e meio, cada pessoa nessa caminhada e as ajudas precisas.

Nesse tempo aprendi não apenas pesquisar, mas tenho aprendido a agradecer a Deus por ter me dado sabedoria e condições para alcançar mais essa etapa. Nessa caminhada pude sentir de perto o companheirismo da minha família. É bom saber que posso contar com vocês. Agradeço aos meus pais, Roseli e Marcos, e aos meus irmãos, Ana e Eduardo, por ter me dado suporte e por ter suportado. Agradeço a minha avó Augusta o encorajamento, e o apoio das primas e primos, tias e tios, e em especial agradeço ao tio Amilton grande incentivador do desenvolvimento acadêmico e intelectual de todos os sobrinhos.

Aos meus 3 irmãos de mestrado, quero dizer que pensei que este dia não chegaria! E deixar um agradecimento especial: Cris, Alexsander e Fábio. Foi antes ainda do mestrado se iniciar que formamos um quarteto fantástico. Na época da seleção passamos a estudar juntos. Leituras, debates, discussões, lanches e risadas. Nesse período, a angústia da seleção nos uniu e nos fortaleceu. Aprendemos muito! Quando saiu o resultado foi só alegria e nem imaginávamos as barras que viriam: disciplinas, artigos, trabalhos, qualificação (bendita qualificação, essa quase nos deixou loucos!). E nada de bolsa. Quase um ano depois, do quarteto, apenas a Cris pegou a bolsa. Durante o primeiro ano montamos um grupo de estudos sobre o livro “Natureza do espaço”, de Milton Santos. Passamos por momentos bons e outros não tão bons, e agradeço por vocês três estarem lá comigo em cada um desses momentos.

À Cris quero agradecer pela amizade que se aprofundou e firmou nesse período conturbado de nossas vidas. Obrigada pela dedicação no árduo trabalho de formatação da minha dissertação, pelo apoio nos artigos, trabalhos de campo, pastéis, cocas-cola, sorvetes, passeios, entrevistas, conversas, confissões, elucubrações, risadas, viagens, congressos, lasanhas, jogos de futebol no Serra Dourada (mesmo sem termos nos encontrado...). Enfim, pela sua amizade!

Ao amigo Gervásio, quero agradecer a disposição e empenho na produção dos mapas. Companheiro desde a graduação, mesmo atualmente sem muito tempo, não negou nem mesmo a madrugada para terminarmos o trabalho. Obrigada pelo empenho e carinho.

À professora e amiga Adriana pela gentileza e profissionalismo quando muito precisei!

Agradeço também as amigas Karla Anyelle, Ana Paula C. Rodrigues, Alyne e Renata Lopes, companheiras desde a graduação, e em breve todas seremos *Mestres Jedi!!!*

Obrigada também aos funcionários do IESA, os quais cuidaram da parte burocrática do curso com profissionalismo nos atendendo durante esse período.

Agradeço ao professor Tadeu Arrais, que foi meu “chefe” no Boletim Goiano de Geografia, onde fui estagiária durante o primeiro ano do mestrado. Agradeço também pelo conselho de fazer o concurso para professor substituto no CEPAE/UFG (onde aprendi muito por dois anos) e pelas orientações valiosas para a prova de didática do concurso. Obrigada pelos ensinamentos e contribuições.

Sou grata aos professores das disciplinas que cursei: Iêda Burjack, Carlos Maia, Luciana Lopes, Cláudia Lima, Divino Brandão, Alex Ratts, Lana Cavalcanti e Eguimar Chaveiro. Ao último com carinho, porque acompanha meu desenvolvimento acadêmico há 8 anos. Foi meu professor nos primeiro e último anos de graduação, fez parte da minha banca de monografia de final de curso, foi professor de Teoria e Método no mestrado, participou da qualificação e também na defesa desta dissertação.

À professora Maria Geralda de Almeida, que considero minha “mãe acadêmica”, (não minha vó!), quero deixar registrado todo meu reconhecimento, carinho, admiração e amizade. Obrigada por confiar em mim e ter me orientado com tanto empenho e paciência. Obrigada pelas horas de orientação, leituras e correções de meus textos, conversas, festas e jantares. Por ter sua sala e casa abertas quando precisei. Aprendi e continuo aprendendo com você.

Agradeço aos raizeiros pela disposição em colaborar, sem os quais não seria possível realizar esta pesquisa.

Agradeço a Universidade Federal de Goiás e ao Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, onde esta formação foi se tornou possível.

RESUMO

Entender a relação sociedade/natureza é buscar a origem do(s) significado(s) e usos que os seres humanos têm dado as naturezas. Durante a existência do ser humano na Terra observa-se que as representações e, conseqüentemente, os usos das naturezas mudam de acordo com as necessidades e com o passar do tempo. Este trabalho realizado na perspectiva da abordagem da Geografia Cultural buscou compreender a relação dos raizeiros da cidade de Goiânia com as naturezas identificando os próprios raizeiros, suas origens, seus conhecimentos, como também seus olhares e representações das naturezas pelos usos de plantas medicinais. Sendo assim, os objetivos como desvelar as representações e usos medicinais que os raizeiros fazem das naturezas no exercício de sua atividade profissional, mapear a ocorrência de raizeiros na cidade de Goiânia, identificando suas áreas e de ocorrência e concentração, identificar os consumidores de plantas medicinais, sua crença e eficácia e evidenciar as várias redes que surgem relacionadas com a coleta, distribuição e venda de plantas medicinais também foram orientaram essa pesquisa. A metodologia iniciou-se com o levantamento bibliográfico sobre pesquisas e temas afins. Também levantou-se nos órgãos competentes da prefeitura (como a Secretaria de Desenvolvimento do Município - SEDEM) o cadastro de raizeiros em feiras e demais lugares. Empregando a abordagem qualitativa as incursões exploratórias foram executadas para que se elaborasse o mapeamento dos raizeiros e realizadas as entrevistas. Estão apresentadas as considerações finais em três principais eixos: as representações, os usos e os saberes; a organização e propagação das redes de comercialização; e a relação sociedade / naturezas e o papel dos raizeiros nesta relação. Dentre os resultados alcançados destaca-se a importância da família como elo de transmissão de saberes, mas também como geradora da ampliação da rede comercial de plantas medicinais, materializada em bancas de feiras e de mercados e lojas, como nós. Ficou evidenciado que os setores Centro e Campinas concentram os pontos comerciais de plantas medicinais da cidade. Que a Política de Plantas Medicinais e Fitoterápicos é um passo importante, mas ainda mostra-se como um conjunto de intenções que necessita ser colocado em prática de maneira completa. Encerra-se com a importância e influência que o recente termo “biodiversidade” e seu discurso, exercem na mediação das representações das naturezas.

Palavras-chaves: Raizeiros, plantas medicinais, redes e representações.

ABSTRACT

Understanding the relation between society and nature is to seek the meaning of the source and uses that humans have given the natures. During the existence of human beings on Earth we have observed that the representations and, consequently, the use of nature have changed according to the needs and over time. This work has been done according to the approach of the Cultural Geography trying to understand the relation of the rooters (people who sell and produce roots) in the city of Goiania with the nature. Identifying themselves, their origins, their knowledge, but also their eyes and representations of nature by using medical plants. Thus, the objectives like revealing the representations and medical uses that the rooters do with the natures in their professional activity, doing a map of the occurrence of the rooters in the city of Goiania, and identifying their areas of occurrence and concentration, identify the people that buy medical plants, their belief on the effectiveness of them and highlighting the various networks that are related to the collection, distribution and sale of medical plants were also in this search. The methodology has begun with the looking for the bibliographic searches and related topics. It has also researched the city hall departments (such as the Department of City Development - SEDEM) the register of rooters at fairs and other places. Employing a qualitative approach the exploratory visits have been executed in order to produce the places where the rooters acted and the interviews were executed. The final considerations are presented in three main areas: the representations, the uses and knowledge, the organization and how this is spread of the places where they sell the roots, the relation of the society and nature and the role of the rooters in this relation. As a result it highlights the importance of the family as a link in the transmission of the knowledge, but also as a generator of expansion of the sales of medical plants, materialized in stalls of fairs and markets and shops. It was evident that the Center district and some points in Campinas district concentrate the trade of medical plants in the city. The Politics of Medical Plants and Phytotherapeutic is an important step, but it still shows up that a set of intentions needs to be put into practice in a complete way. In conclusion, this research ends showing the importance and influence that the recent term "biodiversity" and its speech, has in mediation of representations of nature.

Key words: Rooters, medical plants, networks and performances.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 01. Quadro: características da evolução da geografia cultural no Brasil.	15
Ilustração 02. Quadro periodização da Geografia Cultural por Paul Claval.	17
Ilustração 03. Mapa de localização dos mercados nos bairros de Goiânia-GO-2008.	25
Ilustração 04. Quadro esquema da periodização das idéias e conceitos da natureza para o mundo ocidental – uma tentativa.	41
Ilustração 05. Esquema explicativo do processo de formação das Representações Sociais.	53
Ilustração 06. Gráfico: raizeiros que tem conhecimento e são usuários de livros sobre plantas medicinais Goiânia – GO.	61
Ilustração 07. Gráfico: raizeiros que NÃO trabalham com livros sobre plantas medicinais por etapa de entrevistas, 2005 e 2008, Goiânia - GO.	61
Ilustração 08. Gráfico: porcentagem de raizeiros que NÃO utilizam livros sobre plantas medicinais relacionados as atividades de trabalho em 2005/2008.	62
Ilustração 09. Gráfico: Motivo gerador de interesse pelo comércio de plantas medicinais - Goiânia –GO.	63
Ilustração 10. Gráfico: Pretéritas atividades relacionadas com as plantas medicinais.	64
Ilustração 11. Gráfico: Tempo de trabalho dos raizeiros com plantas medicinais - Goiânia- GO.	64
Ilustração 12. Quadro de atividades educacionais e de pesquisa do Hospital de Medicina Alternativa – HMA.	65
Ilustração 13. Gráfico: Origem dos raizeiros de Goiânia, 2008.	82
Ilustração 14. Gráfico: Origem dos Raizeiros do Setor Central de Goiânia, 2005.	83
Ilustração 15. Mapa. Localização dos raizeiros no centro de Goiânia-GO.	88
Ilustração 16. Foto. Loja do Sr. João, na Avenida Goiás.	89
Ilustração 17. Foto. Banca na esquina da Avenida Paranaíba com a Goiás.	90
Ilustração 18. Quadro: Primeira etapa de levantamento de raizeiros em Goiânia, segundo dados da SEDEM, 2007.	92
Ilustração 19. Quadro: Segunda etapa de levantamento de pontos comerciais de plantas medicinais em Goiânia, 2007.	93
Ilustração 20. Gráfico: Concentração de ervanarias por Bairro em Goiânia/GO – 2007.	95
Ilustração 21. Foto. Banca na Feira do Itatiaia- Goiânia/GO.	95
Ilustração 22. Fotos da banca do Mercado de Campinas – Goiânia/GO.	96
Ilustração 23. Mapa de localização de raizeiros em feiras visitadas em Goiânia – GO, 2008.	100
Ilustração 24. Foto: Entrada principal do Mercado Central de Goiânia (Rua 3).	101
Ilustração 25. Rede circular de ervanárias da família QM.	103
Ilustração 26. Rede Christalleriana em elo familiar.	104

Ilustração 27. A rede da “A raizeira” locais com lojas.	105
Ilustração 28. Mapa de localização das lojas de raízes nos bairros de Goiânia-GO, 2008.	107
Ilustração 29. Rede Christalleriana de Ervanarias em Goiânia - GO – 2008.	108
Ilustração 30. A Rede Solar da “Nativa”.	109
Ilustração 31. Rede Solar – Principais lojas distribuidoras para pequenos raizeiros (pR) de Goiânia/GO, 2008.	110
Ilustração 32. Principal rota das aquisições atacadistas.	111
Ilustração 33. Diagrama representativo do parentesco entre raizeiros.	112
Ilustração 34. Diagrama representativo da rede de contato familiar dentro do comércio de plantas medicinais.	112
Ilustração 35. Raizeiros em Goiânia e o envolvimento de membros da família em suas atividades no trabalho.	114

LISTA DE TABELAS

Tabela 01. Lojas comerciais de plantas medicinais em Goiânia, 2007.	93
Tabela 02. Concentração de ervanarias por setores - Goiânia, 2007.	94
Tabela 03. Levantamento de raizeiras em feiras livres diurnas de Goiânia, 2007.	97

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
I. AS RAÍZES DA ANÁLISE GEOGRÁFICA	28
1.1 Os saberes científicos e populares	28
1.2 Captura geográfica da atividade dos raizeiros	33
1.2.1 Redes e representações na perspectiva geográfica	34
1.3 Plantas medicinais e a Geografia	37
1.3.1 A relação sociedade / natureza: uma retrospectiva das concepções sobre a natureza	39
II. REPRESENTAÇÕES QUE PERMEIAM E O PROCESSO DO COMÉRCIO DE PLANTAS MEDICINAIS EM GOIÂNIA	47
2.1 Representações: da Psicologia para a Geografia	48
2.2 Das representações entremeadas: medicinas e fé	54
2.2.1 As medicinas e seus usos	54
2.2.1.1 Medicamentos, remédios e ervas	55
2.2.2 O processo de aproximação dos raizeiros e usuários com as plantas medicinais	58
2.2.3 O uso e indicação das plantas medicinais	66
2.3 A proximidade dos raizeiros com a natureza	72
III. AS REDES SOCIAIS: DE PONTO EM PONTO ATÉ AS RAÍZES	80
3.1 Redes e raízes	81
3.2 A localização dos pontos de comércio de plantas medicinais em Goiânia	86
3.2.1 Localização e circuitos dos raizeiros	91
3.3 Raízes familiares: as relações familiares e as redes de comércio de plantas medicinais em Goiânia	101
3.4 Redes informacionais: a informação, divulgação e saberes no comércio de plantas medicinais	114
3.4.1 Os impressos	115
3.4.2 A internet e a televisão	115
3.5 A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos - PNPMF	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS	130
APÊNDICE	137

“O geógrafo estuda as relações entre o homem e o ambiente, e entre homens e homens, através da descrição dos conjuntos de ferramentas usadas, da língua falada e dos discursos. Numa segunda fase, ele focaliza a dimensão simbólica dos discursos, dos mitos e dos rituais. Numa terceira fase, ele explora o que fornece às culturas, o seu conteúdo, normativo. Nessa perspectiva é possível analisar o papel dos grupos sociais na transmissão da cultura, mas a ênfase se dá aos aspectos individuais dos fenômenos estudados”.

CLAVAL, 2007

APRESENTAÇÃO

A modernidade dos centros urbanos proporciona para as pessoas que habitam as cidades estilos de vida diferentes daqueles da vida no campo. Possibilita novas experiências, muda a rotina e ainda acelera o tempo. Mas todo esse novo movimento, esses novos contatos e as novas experiências são frutos de mesclas de velhos e novos valores e sentidos dos objetos e das ações. O resultado dessa mescla aparece nas cidades como rugosidades, coisas e ações que ainda resistem ou persistem ao novo tempo e às novas técnicas. Algumas dessas rugosidades se manifestam no exercício de uma tradição característica de outros espaços como o campo: no hábito alimentar, no uso de plantas medicinais, nos almoços familiares com muita fartura, etc..

Muitas vezes essas maneiras e opções de vida parecem estar em oposição à vida urbana que se materializa nas relações superficiais, rápidas e frias por conta de um tempo que nunca é suficiente para se executar o suficiente para viver e desfrutar o lazer e a liberdade. São quase indispensáveis as comidas rápidas, então os *fast food* ganham espaços e adeptos; são imprescindíveis os remédios eficazes e rápidos e, logo, os alopáticos conquistaram quase toda a população; é preciso trabalhar aos finais de semana e assim não sobra tempo para família, lazer e amigos. Mas esta é uma impressão genérica das relações na cidade, pois limita as possibilidades que o espaço urbano pode proporcionar. A cidade se revela como um conjunto de lugares, em que diferentes tipos de relações se consolidam em diferentes espaços. Dessa forma, não é difícil entender que, mesmo em uma cidade como Goiânia – metrópole nacional, segundo a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – referência em tratamentos médicos (com destaque oncológico, oftalmológico) e odontológicos apareçam hábitos, costumes como uso de plantas medicinais.

Este uso de plantas medicinais em Goiânia é recorrente. Nas ruas de diversos bairros, é fácil encontrar pontos de comercialização de ervas com o objetivo curativo ou mesmo preventivo. As pessoas que comercializam e consomem estas ervas formam redes sociais entremeadas de representações sobre a capacidade curativa da natureza. Evidenciar, mapear, compreender estes usos de plantas medicinais na

metrópole é o tema dessa dissertação. Assim, optou-se pela abordagem da geografia cultural por compreender que esta considera o subjetivo tornando-se a mais adequada para desvelar as relações e representações desses usos na metrópole.

Até a década de 1970, o grande marco da Geografia Cultural foi a escola de Berkeley, nos Estados Unidos da América, sob grande influência dos estudos de Sauer. Entretanto, nesse momento a cultura era entendida como supra-orgânica, com leis independentes dos indivíduos. Na Renovação da Geografia Cultural a cultura passa a ser vista como “um reflexo, uma mediação e uma condição social. (...) necessita ser explicada” (CORREA & ROZENDAHL, 2003, p. 13). Durante o período da geografia teórico-quantitativa, há uma intimidação nos estudos de abordagem cultural, mas eles não deixam de existir. E é com os debates da década de 1970 que haverá uma renovação nos estudos de geografia cultural, e esta passará a ser reconhecida como *New Cultural Geography*, ou nova geografia cultural, segundo Corrêa (2007).

A geografia cultural se estabelece, de fato, no Brasil com a criação de núcleos de estudos e pesquisas voltados para este sub-campo¹ da geografia, na década de 1990.

Ao observar que existem no Brasil aspectos pouco claros ou mal assimilados relativos à natureza da geografia cultural, Corrêa (2007) se preocupa em apresentar o estado da arte para que isso seja esclarecido. Ele divide a geografia cultural no Brasil em três momentos de desenvolvimento, como pode ser observado na ilustração 01:

Ilustração 01. Quadro: Características da evolução da geografia Cultural no Brasil	
1990	Não aceitação do sub-campo.
2001 – 2005	Relativa aceitação do sub-campo.
Pós 2005	Vulgarização.
Fonte: MACHADO, L.H.B, 2008 baseado em Corrêa, 2007.	

Sem apresentar dados empíricos (como as produções e pesquisas realizadas), ou ao menos citá-los, esse autor afirma que na década de 1990 é quando o

¹ Discordamos que seja um sub-campo, como afirmado por Corrêa, entendemos que seja uma abordagem, que considera todo fato geográfico como cultural conforme as idéias de Claval (2002).

sub-campo não é aceito, pois seria “capaz de abalar as estruturas do poder acadêmico” (CORREA, 2007, p. 1). No segundo momento, de 2001 a 2005 para ele é quando “passa a ser visto progressivamente como uma novidade interessante” (CORREA, 2007, p. 1), e o terceiro momento é o de sua vulgarização, quando não há preocupação com “reflexões e críticas consistentes” (CORREA, 2007, p. 1).

Entretanto, a despeito desta opinião de Corrêa (2007), é notório que este período é quando este campo passa a se popularizar, o que é diferente de vulgarizar. Também, em todas as áreas científicas pode ocorrer a presença de estudos superficiais e descontextualizados. Além das divergências temporais relatadas consideramos que o termo vulgarização não seria o mais adequado para caracterizar esta terceira etapa. Se popularizou não justifica que tenha ocorrido uma vulgarização dessa abordagem. Ainda existe muito a ser desvelado pela abordagem cultural nos estudos geográficos. Hoje os trabalhos desta abordagem são apresentados em eventos que os recebem com respeito e espaço garantido. E isso ocorre não pela vulgarização, mas pelo reconhecimento da qualidade e importância dessas análises. Almeida (2008) afirma que o crescente número de trabalhos apresentados em eventos como da Associação Brasileira de Geografia – AGB e da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia – ANPEGE, tem “assombrado os organizadores” (p.36). Só em 2007, no VII Encontro Nacional da ANPEGE (Niterói/RJ) “sessenta trabalhos foram considerados como desta abordagem, igualando aqueles de Geografia Urbana e superando a Geografia Agrária (37 trabalhos) e os vinte e um trabalhos apresentados na Geografia do Ensino, consideradas áreas tradicionais da Geografia” (ALMEIDA, 2008, p. 36-37).

Diante da afirmação feita por Corrêa tem-se a impressão que a geografia cultural é nova e sem consistência teórica e metodológica. É válido recordar que Vidal de La Blache, Jean Brunhes, Pierre Deffontaines se destacam no lançamento das bases da geografia cultural, segundo Almeida (2008) além de muitos outros. O que acontece atualmente é uma valorização desses estudos e mudanças em suas análises; há uma evolução tanto nas teorias, metodologias, quanto nas práticas; essas mudanças são resultantes, em parte, do grande debate teórico metodológico e ideológico na ciência geográfica, desde a década de 1970.

Claval (2002) aponta, como citado anteriormente, que em 1980 já começara ser introduzido na UNESP – Rio Claro e na UFPR as bases da abordagem humanista-

cultural no Brasil; e que assim na década de 1990 ocorreu o que ele denominou de convergência cultural, ao contrário, discordando de Corrêa (2007) que afirma ser naquele período como sub-campo não aceito da geografia.

Mesmo nesse momento de convergência ainda não havia grande filiação à abordagem cultural. Essa pouca filiação a abordagem cultural da geografia, é consequência de uma questão de método. Almeida afirma que no Brasil

tal corrente [marxista] insistia em firmar a geografia crítica como a única abordagem possível de interpretar a realidade. A despeito do reducionismo, ser marxista ou adotar a geografia crítica prevaleceu e afastou os geógrafos do risco de serem considerados positivistas se adotassem outra abordagem (2008, p. 34).

Claval, em artigo anterior (2002), ao analisar o papel da geografia cultural conclui que ela atualmente é mais importante que no passado. Seguindo a análise ele faz a seguinte periodização:

Ilustração 02. Quadro Periodização da Geografia Cultural por Paul Claval	
Final do século XIX até 1950	Os geógrafos adotavam uma perspectiva positivista ou naturalista. O interesse voltava-se para os aspetos materiais da cultura, as técnicas, as paisagens e o gênero de vida. Os aspectos culturais fundamentais para a Geografia inserem-se nos domínios: a) das relações homens/meio ambiente, através do estudo do meio humanizado, da paisagem, das técnicas e das densidades; b) das relações sociais, a partir do estudo das instituições, da comunicação e da difusão das idéias e das técnicas; c) da organização regional e do papel dos lugares.
1960 e 1970	A evolução da Geografia Cultural deu-se numa tentativa de utilizar os resultados da “Nova Geografia” para uma sistematização metodológica.
Após 1970	A Geografia Cultural deixa de ser tratada como um subdomínio da geografia humana , posicionando-se no mesmo patamar da Geografia Econômica ou da Geografia Política (grifo nosso)
Fonte: MACHADO, L. H. B, 2008, com base em Claval, 2002.	

Ao fazer essa periodização da geografia cultural, Claval (2002) destaca pontos relevantes da evolução dos estudos dessa abordagem até 1970. Ele enfatiza os três principais domínios até 1950. O segundo período, de 1960 a 1970, aponta como destaque a tentativa de utilização de resultados da “Nova Geografia” e, no terceiro período, garante como proeminência o reconhecimento da geografia cultural como subdomínio da Geografia Humana.

Já com esse reconhecimento, Almeida (2008) afirma que a postura “marxista” da geografia na USP, na década de 1990, já citada anteriormente, que em

outras instituições acadêmicas “emergissem contracorrentes e o movimento de novas vias para o conhecimento geográfico como o humanismo” (p. 35).

Nesse jogo de forças entre posturas de interpretação dos campos geográficos é que ocorre a revalorização da cultura nos estudos geográficos e sua trajetória no Brasil. Novas abordagens, metodologias, objetos passam a ser estudados. A partir dessa nova ou renovada forma de ver a cultura, as representações passam a ter importante papel. Claval afirma sobre isso que

O objetivo da abordagem cultural é entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, compreender a significação que estes impõem ao meio ambiente e o sentido dado às suas vidas. A abordagem cultural integra as **representações mentais e as reações subjetivas** no campo da pesquisa geográfica (2002, p.20, grifos nossos).

Temas como festas, músicas, literatura, poesias, alimentação, esportes, tribos urbanas de motoqueiros, *punks*, góticos e manifestações culturais diversas são objeto de estudo nesse campo. Nessa mesma linha, pesquisar sobre os raizeiros de Goiânia, constitui um objeto que é pertinente com a abordagem cultural.

Com a realização desta pesquisa buscou-se produzir um estudo que consiga capturar como se estabelecem as representações e redes de plantas medicinais presentes em Goiânia. O objetivo foi de compreender o que faz os raizeiros resistirem numa metrópole e porque as pessoas cidadinas continuam utilizando plantas medicinais de maneira artesanal e quais redes se estabelecem nesse processo.

Esse consumo não é uma exclusividade de Goiânia, ou dos estados centrais e/ou interioranos do país. Isso é um fenômeno que ocorre em várias cidades do Brasil como de outros países do mundo. De pequenas a grandes cidades pode-se encontrar o uso e o comércio de plantas medicinais, seja ele de forma artesanal e sem regulamentação, ou não. Os usos tradicionais ou modernos se dão de diversas formas.

Para compreender como eles surgem e resistem ao tempo nos restringimos a algumas hipóteses que podem contribuir para a explicação desses usos. A primeira hipótese baseia-se na migração campo-cidade e que essas pessoas trouxeram consigo os saberes relativos ao uso medicinal de plantas. A segunda hipótese é o caso de pessoas urbanas, sem tanta proximidade com a natureza – como pessoas do campo geralmente têm – e que mesmo assim se interessaram por plantas medicinais. A família como elo de transmissão de saberes, é outra hipótese.

No primeiro caso, é na “bagagem” desses migrantes que se encontram modos de vida e saberes, que não se perdem totalmente na mudança de ambiente. Eles podem adaptar-se, mas não perder-se por completo. Eles desempenham um papel de resistência a cultura do novo lugar, mesmo às vezes, inconscientemente. Que seja o sotaque, as comidas, o vocabulário, as danças, os saberes como das plantas medicinais, ou mesmo a saudade da terra natal estão presentes no dia-a-dia.

No segundo caso, constatou-se que, mesmo sem terem a vivência da proximidade com a natureza, os comerciantes tiveram a percepção da quantidade de pessoas que fazem usos desse tipo de remédios, a despeito de estarem em uma grande cidade como Goiânia.

O contato com plantas medicinais é por interesse comercial ou por tradição familiar e vivência com ambientes pouco antropizados e desprovidos de tecnologias médicas e farmacêuticas. O uso de plantas medicinais é aqui entendido como parte de uma “bagagem” cultural.

De fato, a “bagagem” cultural de uma pessoa que tem a tradição familiar e suas trajetórias geográficas aproximadas da natureza, conseqüentemente do uso de plantas medicinais é carregada de sentidos, significados, símbolos e crenças. Eles são diferentes da bagagem de pessoas que constituem seus saberes pautados puramente no comércio de plantas medicinais em centros urbanos.

Assim, para compreender os sentidos, significados e comunicações do comércio de plantas medicinais investigou-se como são adquiridos esses saberes e costumes; objetivou-se entender porque, como e onde se estabelecem os pontos de comércio de plantas medicinais, suas origens, procedências e motivação para entrar no mercado formal ou permanecer no mercado informal e por que os consumidores ainda utilizam tais remédios frente ao desenvolvimento da metrópole.

Portanto, os questionamentos que nortearam a pesquisa foram os seguintes: por que as pessoas utilizam plantas medicinais na metrópole? O que faz elas buscarem remédios naturais? Quais representações permeiam todo esse processo de comércio e uso de plantas medicinais e remédios naturais? Como esses saberes são passados e resistem na metrópole? Como resistir frente à indústria farmacêutica e à medicina oficial? Como e onde estão localizados os pontos comerciais? E qual a comunicação estabelecida entre os distribuidores, raizeiros e clientes?

Para, então, chegar à compreensão destes questionamentos iniciou-se a pesquisa bibliográfica e o campo, como a seguir estão descritas na metodologia e as etapas de campo utilizadas na realização da pesquisa.

A metodologia de campo

A base deste estudo foi discutir a relação sociedade /natureza a partir de um conhecimento de plantas que gera redes que se estabelecem no comércio de plantas medicinais e as representações sociais que permeiam esse processo. Para isso, após levantamento bibliográfico, precisou-se as seguintes etapas em campo: 1) mapeamento da ocorrência de pontos de comercialização de plantas medicinais para vislumbrar as áreas de ocorrência e de concentração; 2) identificação das redes que surgem relacionadas com a coleta, distribuição e venda de plantas medicinais; 3) identificação e compreensão das representações e usos que os raizeiros fazem das plantas medicinais e da natureza com destaque para o Cerrado.

A área em estudo selecionada foi a cidade de Goiânia. A pesquisa no primeiro momento foi realizada no Setor Central com o levantamento de pontos comerciais de plantas medicinais. Nessa etapa foram localizados raizeiros ambulantes, nos mercados e lojas. Na segunda etapa, para realizar a pesquisa na cidade foram localizados além dos ambulantes, lojas e mercados também as feiras diurnas. As 57 feiras diurnas, e a presença de 41 raizeiros em 26 feiras, justifica a importância da inclusão delas na pesquisa. Assim a pesquisa desenvolveu-se da seguinte forma:

Iniciada em 2005, a elaboração do primeiro relatório de pesquisa referente aos raizeiros do Setor Central de Goiânia resultou na monografia, exigida para obtenção do título de bacharel em geografia². Os dados coletados desde 2005 serviram para comparação e atualização de dados no decorrer desses anos.

Durante esta primeira etapa, desenvolvida em 2005, objetivou-se primeiro identificar os raizeiros como produtores e reprodutores de um conhecimento popular e de uma cultura e a origem desses conhecimentos. Preocupou-se com os vínculos entre raizeiros e locais de extração das plantas, a manipulação das plantas, a identificação de clientela-consumidora e suas representações sobre o cerrado. A compreensão do

² Orientada pela Profa. Dra. Maria Geralda de Almeida, defendida no IESA/UFG.

desenvolvimento desta etapa, será possível pela bibliografia básica, os procedimentos de campo e alguns resultados.

O referencial teórico construiu-se com Almeida (2003, 2004 e 2005) e Rigonato (2004 e 2005) para a Geografia Cultural; Albuquerque (2002) no que se refere à Etnobotânica; Diegues (2000) sobre Etnoconservação; Gonçalves (1989) para Meio Ambiente e Ribeiro & Walter (1998), Sano e Almeida (1998) sobre Cerrado, seu ambiente e flora.

Os procedimentos de campo se iniciaram pela realização de localização e mapeamento dos raizeiros no setor central da cidade de Goiânia. O raizeiro foi entendido como pessoa que comercializa plantas (sementes, folhas e raízes) para uso medicinal. Nesta compreensão vendedores com estas características foram localizados dentro dos limites do Setor Central. Chegou-se a um total de 17 raizeiros.

As entrevistas foram realizadas com base num roteiro dividido em cinco partes: a primeira, denominada “Contato com raízes e plantas medicinais”, composta por seis questões, que buscavam compreender como e por meio de quem os raizeiros adquiriram seus conhecimentos sobre as plantas medicinais do Cerrado; na segunda parte, denominada “Característica da banca e produtos”, solicitava-se a descrição das barracas e produtos, do processo de aquisição até a venda dos produtos; na terceira parte, referente ao “Cerrado”, foram explorados os conhecimentos sobre o Cerrado, como seu conceito, seu uso, histórias e animais que pertencem ao bioma, com o objetivo de desvelar as representações; na quarta parte, “Venda e eficácia”, foram questionados sobre a clientela, sua crença e fidelidade e na última parte sobre dados pessoais, a qual foi denominada “Identificação”. Já na entrevista com clientes adotou-se o procedimento por amostragem aleatória, de acordo com a presença destes nas barracas na qual ocorria a entrevista do raizeiro. Sem um roteiro pré-estabelecido a entrevista foi livre. Já os entrevistados foram 2 do Setor Pedro Ludovico e os outros 15 entrevistados no centro.

Durante o desenvolver desta pesquisa em 2005, surgiram outros questionamentos como também a necessidade de aprofundar alguns temas explorados, no sentido de ampliar a área de estudo. Com a oportunidade de prosseguir a pesquisa no mestrado, além da ampliação da área de estudo do setor central para a cidade de Goiânia, as categorias norteadoras da análise passaram a ser redes e representações.

A primeira etapa do trabalho de campo, iniciada em fevereiro de 2007, foi realizada na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico de Goiânia – SEDEM, com o objetivo de levantamento de dados sobre raizeiros ambulantes ou em feiras de Goiânia. Não havia nenhuma informação ou dados disponibilizados ao público por meio de *sítios*. O *sítio* da SEDEM encontra-se em manutenção desde 2006. Os poucos dados adquiridos nessa Secretaria estão apresentados e discutidos no terceiro capítulo.

Mas, a realidade dos dados recolhidos na prefeitura é configurada por um desconhecimento oficial da quantidade de feiras que existe na capital goiana. E, também, há um descontrole da quantidade de pessoas comercializando plantas medicinais na cidade. Em parte, isto decorre da organização da SEDEM estruturada em divisões, cada uma responsável por um tipo de estabelecimento de venda. Assim, existem divisão de feiras livre, divisão de feiras especiais, divisão de mercados e assim por diante. E os funcionários da Secretaria dizem não ter uma síntese destas divisões.

Outra dificuldade encontrada foi o fato desses dados não estarem digitalizados. A quantidade e localização de estabelecimentos comerciais de plantas medicinais, ervas, remédios ou produtos alimentícios naturais solicitada, foi negada. Estes dados foram negados, no nosso entender, por omissão e falta de organização da Secretaria, que não tem os dados digitalizados e de fácil acesso.

A falta de disposição dos funcionários em disponibilizar ou explicar dados solicitados, o pouco interesse em fornecê-los, não significa inexistência de dados, pois esses aparecem em uma monografia³, em 2003.

Os dados solicitados a SEDEM norteariam o trabalho de campo, também serviriam de base de análises comparativas podendo evidenciar uma dinâmica do comércio de plantas medicinais na cidade de Goiânia. Frustrada a visita, tornou o trabalho campo essencial para recolhimento de dados.

Em princípio pensou-se em focar o estudo apenas com os raizeiros ambulantes e presentes em Mercados, da mesma forma que foi realizado no mapeamento de 2005. Ao realizar a segunda etapa do trabalho de campo, na primeira semana de maio de 2007, selecionou-se a ida para Campinas e para bairros adjacentes e

³ Monografia apresentada por funcionárias da SEDEM, SANTANA, Dilma Pio e CARVALHO, Marta Horta Figueiredo com título de “A dinâmica da informalidade em Goiânia a partir de 1980”, em 2003; na modalidade de especialização de planejamento e gestão urbana, no IESA/UFG.

Vila Nova, por causa da presença de mercados e da centralidade de Campinas. A presença de raizeiros ambulantes, feirantes e lojas identificados está registrada no capítulo 3.

No decorrer da pesquisa chegou-se a conclusão da importância de ampliar a análise e contemplar os raizeiros de feiras livres também. A quantidade e distribuição de feiras na cidade poderiam evidenciar de maneira mais expressiva a comercialização de plantas medicinais. Com isso, necessitou-se de outra etapa de campo, antes não planejada, e realizada antes mesmo do início das entrevistas. Com ela informou-se de fato, quantos raizeiros estariam no universo da pesquisa, localização e os selecionados para as entrevistas.

Em Goiânia existem diversas feiras diariamente. A prefeitura de Goiânia, por meio da SEDEM, classifica as feiras em dois principais grupos: Feiras Especiais e Feiras Livres. As Feiras Especiais⁴ são as feiras que acontecem num horário diferente do horário tradicional das feiras livres, geralmente a noite e nos finais de semana e que em sua maioria o objetivo não é a comercialização específica de hortifrúti⁵. Uma característica que tem se destacado é a presença de feiras comercializando hortifrúti no período da noite. Ainda são poucas. Em sua maioria as feiras noturnas comercializam roupas, artigos variados para casa, acessórios femininos e masculinos e comidas prontas (como bolos, pamonhas, salgados, pastéis, pizzas e outros). São exemplos de feiras especiais as feiras da Lua (sábado), do Sol (domingo), Hippie (domingo), Cepal do Setor Sul (sexta-feira), etc.

Já as Feiras Livres ocorrem durante a semana diuturnamente e seus principais produtos são hortifrúti.

Como recorte espacial, optou-se pelas feiras livres diurnas com base nos seguintes critérios: primeiro, as feiras livres diurnas são tradicionais, um fenômeno consolidado; as feiras noturnas constituem-se num fenômeno recente; outro motivo é a presença dos mesmos feirantes das feiras diurnas naquelas noturnas, como é o caso do

⁴ Em Goiânia encontram-se dois tipos de feiras, segundo a divisão oficial da SEDEM: livre e especial conforme já dito anteriormente no texto. Porém, a realidade encontrada é outra, conforme observação em campo de 2007/2008, já que em ambas há uma mistura de tudo, não há como separar o que é feira livre ou feira especial dado, por exemplo, foi encontrado em feiras livres roupas, calçados, artesanato e nas feiras especiais podem ser encontradas hortifrúti. A diferenciação atribuída pela SEDEM é assim puramente de cunho organizacional e administrativo.

⁵ Estabelecimento comercial que vende hortaliças, legumes e frutas.

entrevistado R-12, discutido no terceiro capítulo, que comercializa plantas medicinais nas feiras diurnas do Urias, da Fama, do Centro-oeste, do Itatiaia, Criméia Oeste, e também expõe seus produtos na feira do Balneário à noite. Maia e Coelho (1997), atestam que isso ocorre como “ampliação das possibilidades dos expositores maximizarem as suas vendas e satisfazerem públicos diferenciados” (p.7).

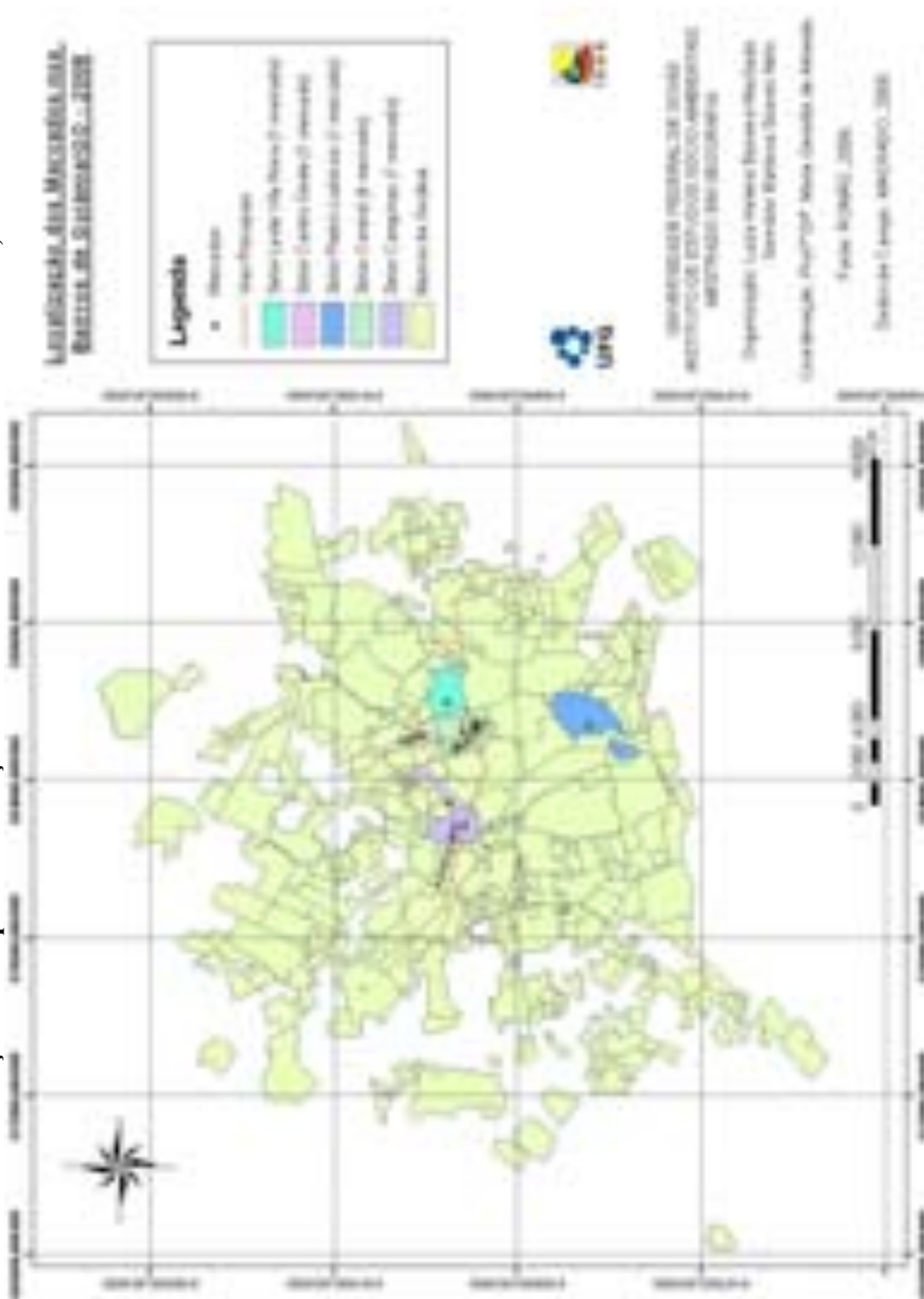
Os raizeiros de mercados e ervanarias abrem seus estabelecimentos todos os dias. Já a forma que os raizeiros feirantes encontram para “abrir seu estabelecimento todos os dias” é percorrendo a cidade de feira em feira expondo seus produtos. Dessa forma, compreendeu-se importante entrevistar os raizeiros de feiras diurnas.

Foi possível selecionar, dentre as feiras livres, diurnas, de domingo a sábado, 47 feiras, a partir de uma lista de feiras da cidade divulgado pelo “Jornal Daqui” (em anexo). É a mesma lista existente também no *sítio* da prefeitura, porém disponibilizada depois da divulgação dos dados pelo jornal. No segundo e terceiro capítulos, esses dados estão especificados e tabulados.

Com já colocado anteriormente, esta pesquisa iniciou-se em 2005 e deu continuidade com trabalho de campo de fevereiro e julho de 2007. Nele constatou-se o aumento do número de ervanarias que comercializam plantas medicinais. O aparecimento de novas ervanarias conseqüentemente terminou por prolongar o tempo de execução do trabalho de campo.

Além das feiras e das ervanarias foi realizada a localização dos raizeiros em Mercados. Foram visitados o Mercado Aberto da Avenida Paranaíba, o Mercado Central, o Mercado da Vila Nova, o Mercado Popular da Rua 74 (Setor Central), o Mercado de Campinas, o Mercado Centro-Oeste, o Mercado do Setor Pedro Ludovico e o Camelódromo de Goiânia (Setor Central), conforme ilustração 04. Nestes foram localizados um total de 18.

Ilustração 03. Mapa de localização dos mercados nos bairros de Goiânia-Go, 2008



Os dados coletados em campo apontam um total de 93 raizeiros. Destes, foram localizados 41 raizeiros em Feiras Livres diurnas, 2 raizeiros em Feiras Especiais, 18 raizeiros em Mercados, 27 lojas de raízes e 5 raizeiros ambulantes (2 ambulantes em Campinas, 1 Jd. América, 2 no Centro).

Simultaneamente à localização e entrevistas foram observados aspectos da organização das bancas. Foi possível perceber que as condições de raizeiros de feiras e de mercados são praticamente as mesmas com um diferencial: ao final do dia de trabalho o raizeiro do mercado tranca sua banca e volta no outro dia para abri-la. Quanto ao feirante após o fim do horário da feira ele tem que remover suas mercadorias para um lugar seguro, onde possa guardá-la, pois as feiras livres acontecem geralmente em ruas que são interditadas durante o período da manhã. Poucas feiras ocupam praças sem ter que interditar uma rua. Essas e outras características a serem descritas oportunamente, acabaram por classificar o raizeiro de mercado e feira como uma categoria única diferenciando-os apenas dos lojistas.

Para executar as entrevistas primou-se por alguns procedimentos: a) entrevistar uma parte de raizeiros de feiras ou mercados ou ambulantes e raizeiros lojistas; b) privilegiar a acessibilidade para as entrevistas, visitando locais onde se concentram mercados, feiras, ambulantes e lojas – centralidades: Setor Central e Setor Campinas; c) limitar o número de pessoas objetivando uma entrevista semi-estruturada, mais longa, de maneira a explorar ao máximo o material coletado. Assim, chegou-se a um total de 17 entrevistas em 2005 e 11 entrevistas em 2007.

Os pontos centrais observados, descritos e analisados das entrevistas foram selecionados a partir das categorias que nortearam a dissertação.

A estrutura da dissertação

Os dados foram tabulados, analisados e atrelados à discussão teórica de forma a construir a dissertação dividida em três capítulos.

O primeiro capítulo trará uma discussão da compreensão geográfica do objeto de estudo e como pode ser realizada a análise com uma discussão entre saberes populares e científicos. Logo em seguida, apresentará a captura geográfica da atividade dos raizeiros, por meio da abordagem cultural da Geografia e as categorias representações e redes. Elas serão apresentadas de maneira introdutória, com

aprofundamento das discussões dessas categorias nos capítulos seguintes. A finalização do primeiro capítulo é realizada com a discussão da relação entre plantas medicinais e Geografia pautada na relação sociedade/natureza.

No segundo capítulo, a análise se delineará no estudo das representações envolvidas no comércio das plantas medicinais. Primeiro será feita uma contextualização do uso das representações enquanto categoria nessa pesquisa, o objetivo e significado num estudo geográfico. Nesse capítulo será possível compreender os diferentes motivos e usos das plantas medicinais, os discursos desenrolados com os comerciantes, as relações entre os comerciantes, a natureza e a mercadoria. Nele explorou-se sobretudo as falas dos comerciantes. Em princípio foi pensado dialogar também com a fala dos clientes/usuários; mas, de acordo com o desenrolar da pesquisa e a maneira como o processo de aquisição de informações e dados foi se estabelecendo decidiu-se limitar as entrevistas apenas as falas dos raizeiros, e pela exclusão dos usuários. Esse fato não diminui a pesquisa realizada e ainda abrirá caminhos para possíveis outros projetos. Também, usos, receitas, crenças e saberes foram abordados neste capítulo.

O terceiro capítulo terá por tema geral as redes e o mercado. Nele tratará das redes estabelecidas no comércio de plantas medicinais, buscando identificar os agentes diretos dessa comunicação entre coletores, distribuidores, raizeiros (em bancas, mercados e lojas) e o consumidor. Para isso, será feita a discussão conceitual das redes e como se deu a aplicação neste estudo. Nesse capítulo algumas das hipóteses da pesquisa elaboradas inicialmente foram derrubadas, a respeito de uma “precariedade” da comunicação do sistema de coleta e distribuição ao constatar o porte da organização nacional.

Por fim, chegaremos as considerações finais do estudo, quando serão alocadas as análises e impressões finais da pesquisa. Nelas, tratará a exposição dos objetivos alcançados sobre, principalmente, as redes e representações de plantas medicinais em Goiânia, além das perspectivas futuras decorrentes da pesquisa.

I. AS RAÍZES DA ANÁLISE GEOGRÁFICA

Neste capítulo busca-se abordar como a Geografia pode lançar seu olhar analítico sobre as raízes, mas de maneira geral, as plantas tidas como medicinais. E é com base nos conceitos e categorias da ciência geográfica, que se procura evidenciar esse olhar geográfico.

O capítulo divide-se em três seções. A primeira, traz uma discussão sobre os saberes científicos e populares, os quais, por vezes, aparecem no decorrer da história do desenvolvimento humano como discursos completamente opostos. Contudo, ultimamente, nota-se uma aproximação da academia desses saberes, muitas vezes desprezados pela própria ciência moderna. Ainda nessa parte, discute-se como a geografia se volta para alguns temas antes desconsiderados. Essa discussão conecta-se com a seguinte seção que trata especificamente da captura espacial da atividade dos raizeiros em Goiânia. Ela discorre sobre o olhar cultural da Geografia e sobre as categorias representações e redes.

O capítulo encerra-se com a terceira seção apresentando alguns temas pesquisados sobre plantas medicinais e a Geografia, além de abordar concepções de natureza e a relação sociedade natureza.

1.1 Os saberes científicos e populares

Os saberes mais comuns, mais populares são freqüentemente menosprezados. Estes saberes são, em sua maioria, guardados por gerações e gerações de famílias, grupos étnicos e grupos tradicionais, grupos estes geralmente também esquecidos.

Esse “esquecimento” de comunidades, populações e de seus saberes se deu, em parte, pela ciência “supraorgânica e intocável” e por cientistas “donos da verdade”, que contribuem para a legitimação de um sistema de dominação da natureza e, por conseguinte, de seres humanos. Como Gonçalves (2002) afirma:

‘dominar a natureza’ pressupõe dominar outros homens pelo trabalho e, assim, junto com o homem burguês tem-se aqueles expulsos da terra que, assim, se vêem constrangidos a viver através de algo abstrato que é o salário (p. 260).

O poder de dominação de um ser humano sobre o outro, reflete-se na ciência.

Essa ciência, após ter conseguido sair do lugar de submissão – que o poder, principalmente, da Igreja Católica Apostólica Romana a submetia durante a Idade Média – alcançou grandes avanços em seus saberes e técnicas. Entretanto, a ciência se utilizou da mesma opressão, que outrora sofrera, para com os demais saberes, visões de mundo e modos de vida. Isso foi feito com fim de deter o poder através do “saber” (o *savoir-pouvoir*). Assim, outorgava a si mesma a competência única de resolver todas as questões da humanidade e do mundo, como único saber válido, que produziria a “verdade verdadeira”. Gonçalves (2002) explicita como isto se dá:

A capacidade de transformação da matéria advinda da subordinação do trabalho e da natureza, essa, sobretudo após o domínio científico e técnico da energia (ela, também, capacidade de trabalho) fóssil, impele a razão burguesa, antropocêntrica, européia a dominar o mundo e, agora, não mais por razões religiosas, como a Bula Papal sancionou com Tordesilhas, mas acreditando-se movida por uma razão superior técnico científica. A razão branca (p.261).

Seguindo esta razão burguesa, mais tarde o capitalismo vai também se utilizar do desenvolvimento científico para dominar as pessoas. Esse sistema fortalece essa atitude arrogante de supremacia e dominação que a ciência moderna geralmente faz uso, e se respalda nela para assim legitimar o controle da sociedade. Isso é feito desde o momento em que se determina serem os profissionais especializados aqueles que podem emitir diagnósticos e prognósticos sobre os mais simples problemas de relacionamento entre pais e filhos, alunos e professores e o indivíduo e sua própria sexualidade, como Chauí (1989) desvela.

Sobre isso, Almeida (2003b) faz uma crítica a supremacia dada à ciência afirmando que:

(...) considerar a ciência como fonte de autoridade universal e de legitimidade do conhecimento revela uma concepção de ver o mundo e a vida, e desloca para a margem um encontro com outras cosmologias e outras culturas. Isto tem como consequência um **processo de invisibilidade** de práticas e saberes de outras sociedades como formas viáveis de socialização (p. 81, grifos nossos).

De fato, a ciência ao fazer isso se fortalece tornando invisíveis as demais visões de mundo. Como dito anteriormente, isso é resultado da disputa de poder.

Quando a ciência nega os saberes sobre as plantas medicinais por parte de raizeiros, ela anula os saberes e seus detentores de forma a incluí-los na sua dominação.

Por um lado, a ciência, enquanto produtora de conhecimento, tem servido a humanidade de diversas formas: descoberta de vacinas, tratamentos e cura de doenças, obras de engenharia que beneficiam acessos e moradias, evolução de técnicas agrícola, desenvolvimento do conhecimento do universo e muitas outras.

Mas, por outro lado, têm produzido tecnologias para ataques bélicos, controle e submissão de outros seres humanos; tem utilizado de forma indiscriminada a natureza sem preocupação social, pública e futura. E é a mesma ciência que consegue multiplicar a produtividade de soja ou trigo, legitima o poder dos que permitem a fome, doenças e a miséria se proliferarem em países por todo o mundo.

Contudo, existem pessoas e setores da sociedade que já há algum tempo vem refletindo sobre a atual situação em que as relações humanas se estabelecem. Nota-se o interesse de parcela considerável de cientistas, militantes, lideranças étnicas, comunitárias, religiosas, partidárias, sindicais e de associações diversas que buscam a mudança de atitudes, de objetivos e aplicações de pesquisas e da própria produção do conhecimento.

Esta mudança advém de uma preocupação com os rumos que a humanidade está tomando. Preocupação e mudança essas, que se expressam por paradigmas como o da complexidade, do holismo, da diferença, da concepção quântica do universo e da natureza, como coloca Chaveiro (2006).

Esses paradigmas contribuem para que pesquisas de diversas áreas se comuniquem, se complementando na produção do conhecimento. Aqui, entende-se que os paradigmas não se reduzem somente ao campo das idéias, não são puramente filosóficos. Eles estão expressos nas práticas diárias.

Na Geografia novos paradigmas podem ser observados em diferentes áreas, influenciando abordagem de diversos temas, como também raros, por exemplo, o estudo sobre a alimentação, futebol, a metodologia espacial do voto, saberes populares além de outros.

Para estudos dessa natureza aos poucos aumenta a quantidade de financiamentos e financiadores – como a iniciativa privada, Ong's e governos municipais, estaduais e federal. Isso aponta, por um lado, o reconhecimento da

importância e eficiência das pesquisas que envolvem em sua abordagem a questão cultural. Mas, por outro lado, estudos dessa natureza também são apropriados pelo mercado, transformando essas pesquisas como mercadorias ou produtos descartáveis, vendem informações e estilos muitas vezes deturpados; o mercado tem descoberto neles mais um “filão de mercado”.

Essa apropriação pelo capitalismo se materializa pelas vias da globalização, através de governos, multinacionais e ONGs – pois, estes detêm o poder político e econômico. E é dentre as relações de poder político e econômico dos governos e conglomerados econômicos que as relações e produções científicas também se dão.

Nesse mundo globalizado o turbilhão de informações ditado pelo tempo rápido, com muitas inovações, múltiplos paradigmas, diversas metodologias, diferentes interesses de mercado, integração de saberes e segmentos da sociedade em que a pesquisa, o pesquisador e a universidade estão inseridos, leva, muitas vezes, à produção equivocada. Para evitar-se equívocos na produção científica tem que se ir além do pesquisador, tem que tornar-se, de fato, um intelectual.

Logo, em princípio, é necessário manter claro o papel do intelectual. Sua produção deve ter como finalidade a contribuição para o acréscimo do conhecimento científico, mesmo que tenha que entrar em confronto com o poder (ou melhor, com quem o detém). O intelectual comprometido deve estar premunido contra os elementos sedutores e pressionadores do mundo e ciência modernos.

Sobre o papel do intelectual em meio a este processo de globalização Santos (1997), um intelectual preocupado com a ética do pesquisador, do professor, mas, sobretudo do intelectual, levanta algumas questões que considera importante. Para elas devem estar em constante vigilância para que o intelectual cumpra com seu papel: o intelectual deve-se manter fiel a idéia de universidade, e não a instituição⁶; não permitir a associação de um pensamento acorrentado pelas condições materiais do mundo contemporâneo; deve distinguir a verdade das verdades interesseiras que levam a produção de teorias utilitárias; deve tomar partido do progresso – atenção igual aos pobres e excluídos; se interessar pela questão da totalidade e da inerente questão do movimento, do processo; deve ainda exercer diariamente a rebeldia contra conceitos assentados, tornados respeitáveis, mas falsos; exercitar o papel de criador e propagador

⁶ O intelectual deve-se manter fiel a idéia de universidade e não a instituição universidade para não compactuar com equívocos e erros e nem cometê-los.

do desassossego; ter boa medida entre coragem e modéstia; saber que a meta não é o poder, mas o prestígio – o prestígio não necessita do poder; deve também premunir-se contra os riscos da instrumentalização do seu trabalho, que se dá pelo mercado, militância, política, mídia e carreira.

Por não compreender o papel do intelectual, a ciência, de forma geral, cometeu equívocos colocando-se numa posição não adequada a ela, como já dito anteriormente. Da mesma forma que a Medicina, a Farmácia, a Química, a Agronomia precisam encarar de forma ética a questão dos saberes tradicionais e das pesquisas científicas desenvolvidas. A partir desses saberes cabe também aos cientistas sociais contribuir nessa caminhada.

Geografia e geógrafos também devem estar alerta para que não cometam nenhum desses equívocos. Cabe a Geografia preocupar-se com a busca do progresso, ampliar seus campos de estudo, como já vem acontecendo, mas sem descuidar-se do método, da metodologia e do risco da instrumentalização.

Na ciência geográfica tem-se em muito evoluído neste sentido. E a consolidação dela e de seu conhecimento produzido é evidente nos dias atuais. Dentre diversos temas abordados pela Geografia é possível notar os estudos já consagrados como os de geografia urbana, climatologia geográfica, geografia agrária, geomorfologia; e outros temas que antes não se exploravam muito, como estudos sobre esportes, cemitérios, literatura, etc.

Essa abordagem só se tornou possível devido a uma maior consolidação epistemológica da Geografia, expressa pelo entendimento da delimitação do seu objeto de estudo e da estruturação de métodos e das metodologias e, por fim, superação de paradigmas que se impõem em detrimento de outras formas de pensar.

Respaldados epistemologicamente e a vontade, os geógrafos passaram a pesquisar novos temas pela lente da Geografia. Nessa etapa da produção geográfica, também antigos temas voltam a ser abordados, com novos olhares. E entre antigos e novos destacam-se temas como Geografia da saúde e médica, Geografia do crime e da violência, do trabalho, Geografia e corredores ecológicos, Geografia e música, e poesia, percepção ambiental, educação ambiental, gênero, raça, sexualidade, memória, práticas alimentares, esportes, rádio, plano diretor, erosão urbana e plantas medicinais dentre outros mais.

Certamente, por esta nova etapa de produção, de ressignificação dos estudos geográficos, de valorização do saber geográfico tantas pessoas, empresas e segmentos diferenciados têm procurado a e na Geografia, várias respostas e especializações. Nas ações práticas desta ciência a confecção de planos de desenvolvimento de assentamentos, EIA/RIMAs, consultorias, perícias e laudos ambientais, planejamentos regional e urbano, diagnósticos e prognósticos sócio-ambientais e outros representam parte da produção e contribuição da Geografia.

Entre os estudos geográficos encontram-se aqueles que por tempos excluíram de sua análise os aspectos culturais. E, em alguns casos, não permitiram o conhecimento completo do objeto em estudo. Claval (2002a) coloca que a geografia cultural pode esclarecer a compreensão de alguns processos e elementos que podem ficar obscurecidos em análises que não abordem os signos e significados da cultura que envolve o objeto.

Assim também, ao analisar o comércio estabelecido pelos raizeiros em Goiânia, o estudo geográfico procura na cultura dos raizeiros elementos que revelem a resistência à cultura metropolitana da medicina e da farmácia modernas, e permitem a existência de comércio e usos “rústicos” de raízes numa metrópole. Por fim, desvelar as representações, que permeiam as práticas de usos das plantas medicinais e, conseqüentemente, da natureza.

1.2 Captura geográfica da atividade dos raizeiros

Como visto anteriormente, a Geografia pode capturar pelo seu olhar a atividade comercial, mas ainda pode complementar essa análise ao constatar as representações que dão sentido a cada parte do processo de comércio e uso de plantas medicinais.

Assim, nas seções seguintes esses aspectos complementares da abordagem proposta serão abordados. Para isso, parte-se da discussão do olhar cultural da Geografia fechando com apresentação das categorias utilizadas, representações e redes – que voltarão a ser discutidas em capítulos específicos.

1.2.1 Redes e representações na perspectiva geográfica

Com já mencionado, dentre os estudos da Geografia uma abordagem que atualmente vem recebendo destaque tanto pelo aumento da produção, como pela seriedade e diversidade dos estudos é a abordagem cultural humanista. Conforme Claval (1999) “a perspectiva cultural jamais conheceu tal sucesso na geografia” (p.59).

A perspectiva cultural procura, também, segundo este autor,

reconhecer que, ao lado das lógicas econômicas, sociais ou políticas em ação na vida coletiva, existem outras que dizem respeito as particularidades dos sistemas de representação, dos signos e dos símbolos pelos quais apreendemos o mundo e conseguimos nos comunicar. (CLAVAL, 2002, p.136)

Logo, pelos obstáculos e pelas possibilidades que o espaço e o ambiente oferecem aos processos de transmissão da cultura é que os fatos culturais vão interessar a Geografia. E com o conhecimento do sistema de representação da cultura em estudo pode-se evidenciar outros aspectos que não se explicam somente pela abordagem direta das relações mercantis. Portanto, esse mesmo autor afirma que

estudar a cultura é abordar a vida de relação a partir de um ângulo original: o da invenção e transmissão de representações. Isso explica o lugar ocupado necessariamente pela análise das condições em que se estabelecem as comunicações (CLAVAL, 2002a, p.160).

Assim, para a análise da comercialização de plantas medicinais, primeiramente o espaço necessita ser compreendido para se apreender as condições de comunicação dos raizeiros e quais representações estes transmitem. Mas, as representações são ao mesmo tempo produtos e produtoras do espaço, pois como Kozel (2002) afirma,

Certamente as representações podem apreender o real e produzir a realidade objetiva opondo-se às subjetividades constituindo-se na dialógica das representações espaciais, na qual contribuem para evidenciar o espaço real que se pretende e o espaço produzido contribui para a elaboração das representações (p.228).

A realização desta análise, diante de tantos fatores, é complexa. De fato, conseguir dizer quem realmente são os raizeiros, sua origem e procedência, como adquiriram esses conhecimentos, como, onde e por quem é feita a coleta e a distribuição, como são manipuladas as plantas, quem são os clientes consumidores, as medidas que possibilitam a exploração das plantas e sua conservação, como as

representações permeiam estas relações, se as representações do Cerrado têm um viés ecológico ou econômico. Também, além de buscar entender o que o Cerrado representa para estas pessoas, é necessário que vários olhares sejam lançados.

Para isso, de forma viável duas categorias de análise principais serão guias norteadoras desta análise, de forma que uma complete a outra: redes e representações. E nesta perspectiva busca-se o respaldo teórico-metodológico na Geografia para compreender a questão dos raizeiros de Goiânia.

Com esta abordagem pode-se fazer um estudo urbano ou ambiental dos raizeiros de Goiânia e realizar um estudo que revele as condicionantes da ida e permanência de pessoas do campo para a cidade, daqueles que se tornam comerciantes de plantas, e o interesse de pessoas originalmente da própria cidade que tem adentrado ao mercado de plantas medicinais.

O direcionamento desse estudo foi pelas categorias representações e redes para desvelar dos dois grupos distintos de raizeiros – os que vêm do campo e os que são da cidade – e as representações que fazem sobre a natureza. Neste caso, especificamente, do Cerrado e suas plantas medicinais, como seus saberes, além da configuração espacial reticular que esse comércio forma.

Com estas categorias é possível apreender como se dá a relação sociedade/natureza pelo entendimento dos usos, das conexões, comunicações e das representações que se estabelecem nesta atividade de comércio de plantas medicinais do Cerrado ou não.

O estudo das redes será oportunamente aprofundado em capítulo específico. Aqui se faz apenas uma introdução. Para buscar a aclaração das redes inicia-se pela figura central, o raizeiro, pessoa que utiliza seus conhecimentos sobre plantas com potencial medicinal para uso e indicação delas. Essas pessoas também podem ser encontradas comercializando plantas – flores, frutos, folhas, troncos e raízes – em diversos lugares e assim passam a ser definidos como raizeiros mercadores⁷, por estarem comercializando estas ervas. De tal modo, ele é um elemento central que a partir da sua localização o estudo de redes pôde ser definido e iniciado.

Mas o estudo das conexões existentes entre os agentes envolvidos nesse processo de comercialização de plantas medicinais não seria suficiente para

⁷ Definimos raizeiro: mercador na primeira etapa da pesquisa em 2005, como esclarecido na apresentação.

compreender de forma completa este fenômeno, como já alertado. Segundo afirma Kozel (2002),

Caberia a geografia das representações entender os processos que submetem o comportamento humano, tendo como premissa que este é adquirido por meio de experiências (temporal, espacial e social) (p.215).

Neste mesmo sentido, segundo Santos (2002), atualmente o estudo de redes

supõe a descrição do que a constitui, um estudo estatístico das qualidades técnicas, mas também, a avaliação das relações que os elementos da rede mantêm com a presente vida social, em todos os seus aspectos, isto é, essa qualidade de servir como suporte corpóreo do cotidiano (p.262).

Ao optar pela categoria rede o tempo de existência do comércio de plantas medicinais, quem dele participa, sua quantidade e forma de distribuição são fundamentais. Como também, são tipos de uso, suas relações com outros elementos, para assim chegar a compreensão completa das redes de plantas medicinais em questão.

Interligada com a categoria rede, recorre-se a categoria representação e, com ela objetiva-se a compreensão do sistema de representações e destas na influência, ou na própria, configuração das redes. Assim, compreende-se de maneira completa a (r)existência de raizeiros na metrópole.

O fato de os raizeiros comercializarem essas plantas em vilas e grandes cidades, mesmo com o objetivo primeiro de se sustentar, implica diretamente na difusão de determinada cultura expressa pelo uso e conhecimento das aplicações de plantas em especial as de potencial medicinal e a propagação desse conhecimento. Portanto, para além das redes, nos interessa o estudo da cultura dos raizeiros, pois, como esclarece Claval (2002a),

a cultura é o **conjunto de representações** sobre as quais repousa a transmissão, de uma geração a outra ou entre parceiros da mesma idade, das sensibilidades, idéias e normas. Ela inclui a imagem do **meio ambiente próximo** e os **conhecimentos, práticas e ferramentas** que permitem tirar partido dele. Ela comporta um arsenal de métodos para se orientar (p. 141-142, grifos nossos).

Como está esclarecido nessa citação o uso da categoria representação possibilita compreender a cultura dos raizeiros pelo entendimento das representações, das imagens de meio ambiente próximo, dos conhecimentos, das práticas que das pessoas que se utilizam plantas medicinais.

A vida e o desenvolvimento humano estão fundamentados na natureza e cada grupo humano atribui representações diferentes a ela e a sua realidade formando,

assim, diferentes culturas. Esse entendimento é importante para o estudo dos raizeiros, pois a compreensão do papel do modo de produção na relação sociedade/natureza – que aqui não será utilizado enquanto categoria da análise principal, mas que contribui no desenvolver da pesquisa – tem influência direta na concepção e nos usos da natureza.

1.3 Plantas medicinais e a Geografia

O uso de plantas com o objetivo de tratamento de moléstias nem sempre está associado à comprovação de sua eficácia. Isso nos remete ao uso caseiro de plantas medicinais, aos saberes tradicionais, a medicina popular, isto é, aos usos feitos a partir de experiências e saberes passados de geração a geração, e em grande parte transmitidos de maneira oral.

Para serem consideradas medicinais (dentro da ciência moderna) as plantas têm que apresentar substâncias de ação farmacológica, que ajam direta ou indiretamente como medicamento. Mas, para ter esse reconhecimento é necessário que sua autenticidade, integridade e pureza sejam comprovadas, como enfatiza Tourinho (2000). Essas três etapas se referem respectivamente a identificação da espécie botânica, a identificação de substâncias químicas e o controle microbiológico que possibilita a identificação de algum possível tipo de contaminação.

Aos poucos a ciência moderna tem se voltado aos saberes populares na busca de sua comprovação para que possam ser utilizados e comercializados de maneira segura. Assim, tratar atualmente de plantas medicinais aproxima cotidiano e ciência. O uso de plantas, chás para curar mal estar, dores de cabeça, cólicas está presente no dia-a-dia dos homens e mulheres ao longo de séculos.

Diversas ciências têm se debruçado sobre o estudo das plantas medicinais. A Biologia, a Química, a Medicina, a Farmácia, entre outras, têm procurado descobrir o potencial de atuação de cada planta, a melhor forma de uso, a quantidade exata, os efeitos colaterais, as reações diversas e adversas, as interações possíveis, a eficácia e como sintetizar tais remédios para a produção em larga escala. Outras ciências como a Agronomia tem pesquisado maneiras específicas de cultivos de forma a possibilitar

melhor e maior produção de determinadas substâncias químicas; a História tem registrado a evolução de usos diversos e de pesquisas de plantas medicinais; a Antropologia, averiguado o uso e inserção dessas plantas em cada cultura.

A historiadora Fernandes (2004), em seu livro *Plantas medicinais memória da ciência no Brasil*, ao registrar a memória da ciência faz ao mesmo tempo um levantamento da produção científica desde o I Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil, que ocorreu em São Paulo, em 1967 até o XVII Simpósio, em Cuiabá, 2002.

Esta autora constata que no primeiro simpósio foram publicados 104 trabalhos de diferentes instituições de todo o Brasil. Nesse momento as principais áreas de pesquisa eram a Medicina, a Botânica, a Farmacologia, a Química representadas principalmente por universidades – como a USP, UFRJ, Unesp, UFC, UFPR, UFMG, Unifesp, PUC-SP, USP-Riberão Preto, etc.; laboratórios como Lilly do Brasil, Hoechst do Brasil, Estrela, Prociex, etc.; institutos de pesquisas Fio Cruz, Butantan e Lorenzini, e órgãos governamentais como o CNPQ e FAPESP. Dentre os 104 trabalhos destacaram-se 22 trabalhos não vinculados a nenhuma instituição.

Já no XVII simpósio, ocorrido em 2002, o total de trabalho é de 870, distribuídos entre as seguintes áreas de pesquisa: Agronomia (85), Botânica (115), controle de qualidade (46), Farmacologia – Toxicologia (9), Farmacognosia (68), Farmacotécnica (414), Química (133). Nesse mesmo simpósio participaram 102 diferentes instituições dentre universidades, institutos de pesquisa e órgãos públicos, inclusive a UFG com 9 trabalhos. Esse levantamento de Fernandes (2004) demonstra o crescimento das principais áreas que desenvolvem pesquisas e seu crescimento no Brasil, no período de 1967 a 2002.

Na geografia existe, por enquanto, um pequeno número de pesquisadores interessados nessa temática em específico. As pesquisas por vezes não exploram o lado subjetivo e/ou a cultura envolvida nos usos. Muitas vezes o foco das pesquisas é apenas o uso da planta. Tem que considerar que há também a dificuldade de divulgação e comunicação das pesquisas e pesquisadores.

Nesse estudo, o foco está na busca da compreensão do espaço entendendo as redes estabelecidas no processo de comercialização de plantas medicinais em Goiânia. Mas, compreender não apenas aspectos reticulares como também as representações sobre plantas medicinais e, conseqüentemente, sobre natureza, que os raizeiros têm. São

essas representações que dão sentido a existência das redes, e as redes gerando a mudança espacial, que por sua vez influenciarão as representações.

Com a evolução e ampliação da Geografia, conforme já discutido, novas teorias, metodologias e campos de pesquisas vão surgindo. Diante disso, temas como este são entendidos como “novos” e por vezes não são compreendidos. Repetindo, além de resultado da expansão da geografia esses “novos” temas são produtos e produtores de aproximação entre campos diferentes da ciência. A complementaridade das ciências gera uma aproximação da Geografia com as Ciências Sociais e com a Antropologia – no caso desta pesquisa – e com outras diversas ciências em outros estudos. Da mesma forma, a aproximação de pesquisadores de diversas áreas influencia o estudo de novos temas e discussões para outras ciências.

Para se chegar ao entendimento da atual relação e representações da natureza a seguir será apresentada a relação sociedade/natureza nos diversos momentos da história do ser humano.

1.3.1 A relação sociedade / natureza: uma retrospectiva das concepções sobre a natureza

A natureza está presente em nossa vida diariamente. Até porque somos parte da natureza. E mesmo com a externalização que a humanidade vem promovendo, não é possível nos separarmos por completo dela. Ela está lá mesmo quando se pensa na possibilidade de isolar-se “urbanamente”, como se fosse possível deixar a natureza apenas lá no rural, do lado de fora da cidade. Como se modernidade e natureza tivessem que ser diretamente opostas. Isso acontece porque as pessoas têm um conceito reduzido ou equivocado de natureza e de sua presença/ importância em suas próprias vidas.

Nessa sociedade presa aos muros da cidade, as crianças crescem acreditando que tudo vem da fábrica, das caixas, das geladeiras, da criação humana. Elas crescem sem compreender que antes de serem industrializadas as matérias-primas são a própria natureza. Assim, torna-se difícil acreditar que “o leite vem da vaca e não da caixinha”.

Nesse sentido, o ser humano acaba se colocando num isolamento “cognitivo” da natureza e por consequência de si mesmo.

Outra discussão a essa atrelada é a de naturalização da natureza. O termo natureza quase sempre aparece naturalizado nos vários cenários em que aparece como um conceito fixo e imutável. Na verdade, é necessário ter em mente que os diferentes seres humanos fazem diferentes leituras de diferentes realidades em diferentes momentos. Isso é válido para os conceitos que nos ajudam a compreender e formar nossa própria realidade, como o conceito de natureza.

Lima (1998), ao discutir a natureza como uma categoria social justifica que analisar a relação sociedade/natureza é uma relevante abordagem para a Sociologia compreender a contemporaneidade. Do ponto de vista da Geografia essa análise da relação sociedade/natureza colaboraria com a compreensão das modificações e das questões espaciais da contemporaneidade, mas a compreensão das relações e concepções pretéritas também são importantes, por isso as incluiremos oportunamente.

O mesmo autor (1998), ainda alerta sobre o perigo de se naturalizar o conceito de natureza. Ao mesmo tempo em que se formam conceitos baseados em possibilidades, técnicas e sistemas distintos de determinados momentos, também se formam as representações da realidade de cada indivíduo a partir dessas (possibilidades, técnicas e sistemas distintos de determinados momentos).

O valor do termo natureza quando é passado ou feito ser entendido como naturalizado encobre peculiaridades, que consequentemente passam despercebidas. Essas peculiaridades estão expressas principalmente nos interesses que possam existir de pessoas e grupos e, principalmente, para exercitar o poder no domínio e controle de outros os seres humanos.

Portanto, para compreender os discursos sobre a natureza e ter certeza das reais intenções em relação a ela, é necessário atentar para o grupo de origem do discurso; é importante levantar qual o atual momento, quais as técnicas e o sistema econômico em vigor; assim como também identificar ligações diretas e indiretas com os detentores de poder, as redes que os interessados estabelecem. Dessa forma, será possível apreender os verdadeiros interesses em relação à natureza e seu uso.

O desvelo desses interesses de grupos e/ou pessoas (peculiaridades encobertas) pode se dar por via de periodizações da relação sociedade/natureza. Aqui se

utiliza dois autores que elaboram diferentes periodizações para discutir sobre essa relação ser humano/natureza durante a história ocidental.

Dentro dessa perspectiva, Henrique (2005), propõe um quadro⁸ periodizando momentos da história humana e seus respectivos sentidos/ concepções de natureza. Ele divide a história em três grandes momentos: 1) Natureza e Homem; 2) Homem e Natureza; e 3) Homem e Território. Como se pode observar abaixo:

Ilustração 04. Quadro Esquema da periodização das idéias e conceitos da natureza para o mundo ocidental – uma tentativa.

Momento	História	Período	Concepção de natureza	Meios de representação da natureza	Recursos técnicos	Cultura	Aspecto dominante da relação homem-natureza
A natureza e o Homem	Idade Antiga	Clássico	Mitologia	Literatura	Canais de Irrigação	Helênica	Contemplação
	Idade Média	Teológico	Divina	Bíblia	Arado	Teológica	Temor
O homem e a Natureza	Idade Moderna	Descobrimen- to	Físico-lógica Mecânica	Pinturas Xilogravuras	Caravela Balão	Marítima comercial Rural mercantilista	Dominação
	Idade Contemporânea	Incorporação	Recurso Natural	Fotografia aérea Litogravura	Avião Automóvel	Industrial Urbana	Incorporação
O homem e o território	Idade Contemporânea (Atual)	Produção	Artificialização	Imagem de radar e orbital	Avião Satélites	Expansão urbana (Metropolização / Globalização?)	Produção

Fonte: Henrique, 2005, p. 154.

Ao observar a ilustração acima vê-se que o primeiro momento é denominado "a natureza e o homem". O autor caracteriza duas subdivisões temporais. Na primeira, que corresponde a Idade Antiga, ao período Clássico, aonde a concepção de natureza aparece como Mitológica, a natureza é representada pela literatura; nesse momento os recursos técnicos referenciais são canais de irrigação; e a cultura a helênica; e o aspecto dominante da relação homem-natureza é a contemplação. Na segunda parte desse momento (o momento: a natureza e o homem), que corresponde a Idade Média, e ao período Teológico, a concepção de natureza é entendida como divina e é representada pela Bíblia; aparece como recurso técnico do momento o arado; a cultura a teológica e o aspecto dominante da relação homem-natureza é o temor.

⁸ Restrito as idéias ocidentais.

No segundo momento, chamado de "o homem e a natureza", também faz duas subdivisões. Na primeira, que corresponde a Idade Moderna, e ao período dos descobrimentos, a concepção de natureza aparece como fisicoteológica mecânica; sua representação aparecia em pinturas e xilogravuras; os recursos técnicos da época eram caravelas e balões; a cultura, a marítima comercial e rural mercantilista e o aspecto dominante da relação homem-natureza era a dominação. Na segunda parte desse momento, que corresponde a Idade Contemporânea e ao período da Incorporação, a concepção de natureza era de recurso natural; era representada por fotografias aéreas, litogravuras; simbolizam os recursos técnicos da época o avião e o automóvel; a cultura a industrial urbana, e o aspecto dominante da relação homem-natureza era a incorporação.

O terceiro e último momento, "o homem e o território" – não há subdivisões e – corresponde a Idade Contemporânea (atual), e ao período da Produção; a concepção de natureza é a artificialização, é representada por imagens de radar e orbital, onde os recursos técnicos são os aviões e satélites; a cultura expressa-se na expansão urbana (megapolização / globalização) e o aspecto dominante da relação homem natureza é a produção.

Nesses três momentos, divididos em cinco períodos diferentes (Clássico; Teológico; Descobrimetos; Incorporação e Produção), conforme foi dito, é possível notar a mudança de ações para com a natureza e conseqüentemente a sua concepção.

Henrique (2005) afirma que seu objetivo não é o de definir a natureza. Ao mesmo tempo em que natureza apresenta-se como simples palavra, ao ser utilizada, ela apresenta-se complexa ao ser analisada. Henrique, faz essa proposta de periodização a partir da idéia de "hipótese necessária ou uma ferramenta para o pensamento, válida até como forma de esclarecimento" (2005, p. 153), para o entendimento do termo o que concordamos.

Partindo dessa idéia, o autor então, destaca características mais relevantes de cada período. No primeiro, o período Clássico, afirma que "o conhecimento sobre a natureza era fruto da imaginação e contemplação, principalmente pelos relatos heróicos dos aventureiros, atrelando a idéia de natureza à concepção de um mito" (HENRIQUE, 2005, p.154).

O segundo período, o Teológico, “vai ser marcado como uma interpretação da Bíblia, objeto fonte do entendimento da natureza, denotando uma forte componente teológica da natureza” (HENRIQUE, 2005, p.155).

No terceiro período, dos Descobrimentos, o autor afirma que se deu “a superação dos obstáculos físicos e intelectuais no entendimento da natureza” (HENRIQUE, 2005, p.155). Ele afirma ainda, que nesse período a caravela e o balão ampliam o horizonte da ação humana; a primeira contribuindo para a expansão horizontal do conhecimento humano e o segundo permitindo que o ser humano saísse das prisões da superfície da Terra.

O quarto período, o da Incorporação, é quando muda a relação entre ser humano e natureza, passando a incorporar uma forte cultura industrial, sustenta Henrique (2005). Nesse momento, entendida como recurso, a natureza é incorporada à vida social de duas formas tanto à cultura vigente, como em função das técnicas.

No quinto e último período da proposta de Henrique (2005), o período da Produção (o atual), é quando de fato há uma mudança radical na perspectiva do entendimento da relação do ser humano com a natureza, pois esta está totalmente incorporada ao território usado, através das imagens orbitais que permitem o conhecimento de toda superfície do planeta.

Diante dessa periodização desenvolvida por Henrique (2005), pode-se observar que desde o momento em que o ser humano cria possibilidades de dominar a natureza ele passa-se a externizar-se dela, pois só ao se externalizar ele poderá dominar a natureza. Antes, quando não detinha conhecimento sobre a natureza e nem domínio, o ser humano mantinha a natureza enquanto algo mítico, separado e sacralizado. Isso demonstra que a evolução das técnicas e do conhecimento humano refletem diretamente no espaço. E ao transformar o espaço transformam-se também os seres humanos, que refletem as mudanças na forma de utilização do espaço.

A segunda autora que norteia esta discussão é Cidade (2001). Ela faz discussões referentes aos seguintes períodos: povos primitivos; Grécia antiga e ocidente (séculos VII a.C. – IV d.C.); Europa medieval (séculos V-XV); Europa renascentista (séculos XVI-XVII); Europa iluminista (século XVIII) e pensamento ocidental (séculos XIX e XX).

Ela inicia sua periodização pelos povos primitivos. E ao avaliar as diversas visões de natureza que os grupos humanos concebem de acordo com os períodos históricos, baseia-se nos estudos de Elisabet Sahtouris – publicados em 1991 – para afirmar que nos povos primitivos apareciam dois tipos de visões da natureza. O primeiro se referia aos povos sedentarizados e que já tinham o domínio da agricultura; essas sociedades agrícolas distinguiam-se por seu bom planejamento, pelo seu igualitarismo, por serem democraticamente avançadas, também caracterizadas pelas parcerias. Outra característica é que colocavam-se sob a proteção de uma deusa-mãe, provedora e protetora.

Já as sociedades caçadoras caracterizavam-se por serem nômades, o que gerava habilidade no uso de armas, para poderem invadir e conquistar. Essas sociedades adoravam um deus-pai.

Essas características, de cada sociedade, gerariam distintas visões de natureza, afirma Cidade (2001). Alguns autores vão discordar dessa visão por considerá-la um tanto quanto determinista. Entretanto, é claro que a visão de natureza está contida na visão de mundo que cada pessoa constrói. Essa tendência determinista de Sahtouris, Cidade (2001) advoga que a análise, apesar de ter essa tendência “indica a possibilidade de contextos sociais e materiais distintos desenvolverem valores opostos que, por sua vez, alimentariam diferentes visões de mundo” (p. 104).

Na Grécia Antiga e no Ocidente (séc. VII a.C. – IV d.C.) Cidade (2001), afirma, que “os filósofos descobriram que a natureza possuía leis regulares e permanentes, cujos efeitos poderiam ser modificados pela técnica. Haveria uma estrutura racional, lógica, separando o mundo humano do mundo natural” (p.105).

Na Europa Medieval (séc. V - XV), o que a autora supracitada destaca é a influencia do pensamento da Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) predominando sua doutrina e a tradição hebraico-cristã. Logo, a percepção da natureza tinha que ser “aceita” dentro da doutrina da ICAR. Isso significava que a percepção da natureza era integrada e espiritual.

Na Europa renascentista as concepções de natureza “baseavam-se na crença dominante da natureza como entidade exterior, sujeita a regularidades regidas por leis mecânicas, desvendadas pela razão por meio da matemática” (CIDADE, 2001, p. 108).

Já na Europa Iluminista (séc. VXIII), destaca-se “a visão racionalista-inglesa que refletiam seus pressupostos metodológicos de separação entre sujeito e objeto. Essa dicotomia também estaria no centro das concepções de uma natureza externa como um objeto da intervenção da sociedade capitalista. Na França, no entanto, os enciclopedistas viam a natureza como uma grande cadeia e a sociedade parte dela. (...) A natureza seria, assim, um plano encadeado necessário de fenômenos, passíveis de dedução uns dos outros” (CIDADE, 2001, p.112).

Por fim, Cidade (2001) chega à conclusão de que “torna-se cada vez mais claro que, enquanto a separação entre sociedade e natureza é bastante antiga, o capitalismo, juntamente com os sistemas de conhecimento associados à sua emergência tornou mais aguda essa separação, estabelecendo tendências a uma ruptura” (2001, p. 117).

Concordamos com Cidade (2001) que o capitalismo contribui. E com o passar dos anos percebe-se isso. Pois, com evoluções técnicas, científicas o ser humano amplia e modifica seus pensamentos, suas representações e conseqüentemente suas relações. A concepção de natureza também é modificada de acordo com a necessidade de cada sociedade em cada tempo. Conseqüentemente, nunca foi única. Em momentos a natureza aparece como integralizada e às vezes aparece separada da sociedade. Cada grupo social tem sua concepção de natureza determinada pelo seu conjunto de saberes e representações gerando diferentes objetivos e usos da mesma. Concordando com a posição de Cidade (2001) em relação ao capitalismo entende-se que, de fato, o capitalismo acirra essa separação.

Destaca-se aqui, que Henrique (2005), faz uma evolução da concepção de natureza desde mitológica, passando por divina, fisicoteológica mecânica, recurso natural e artificialização. Ele elabora essa classificação associada aos recursos técnicos desenvolvidos em cada período da história.

De fato, as técnicas vão influenciar diretamente na concepção de natureza porque a natureza é matéria-prima para a execução e consolidação delas. E as concepções de mundo regem essas mudanças nas técnicas, pois quando foi possível a evolução do pensamento refletiu nas técnicas.

Entendemos que o mais importante está no fato se conhecer a mutação das concepções de natureza do que propriamente quais as concepções. Essa variedade da

concepção de natureza demonstra que não é simples buscar compreender o desenrolar da relação entre ser humano e natureza já que o homem conceitua a natureza. E a medida que seus interesses mudam, os significados e utilidades da natureza também se modificam.

Concordamos também com a afirmação categórica de Passmore (1995), ao afirmar que:

a ambigüidade da palavra ‘natureza’ é tão notável que dispensa comentários. Exceto, talvez para enfatizar que esta ambigüidade – quase tão aparente quanto Aristóteles o denotou a muito tempo, no seu equivalente Grego ‘physis’ – não representa um produto meramente accidental de confusões ou fusões etimológicas; reflete fielmente as hesitações, dúvidas e incertezas com as quais os homens têm se deparado frente ao mundo ao seu redor (p. 91).

Ainda além das hesitações, dúvidas e incertezas que o mundo apresenta, acrescentam-se que os interesses individuais tem se feito presentes também. E que ao tentar se passar a idéia de produto meramente accidental de confusões ou fusões aí se explicita a intencionalidade.

Assim, como já dito o mais importante é saber que existem formas diferentes de construção de concepções e estas se modificam de acordo com as condições dispostas. E não há ação ou concepção sem uma intencionalidade, um interesse. Pois, como é visto em cada período, seja qual for a periodização, nota-se que a idéia de natureza estava diretamente ligada ao poder, ao grupo dominante – que gera e impossibilita possibilidades de desenvolvimento dos subjugados, mesmo sendo ele o mítico, o religioso, o intelectual e/ou o político. Ou o político atrelado aos demais.

II. REPRESENTAÇÕES QUE PERMEIAM E O PROCESSO DO COMÉRCIO DE PLANTAS MEDICINAIS EM GOIÂNIA

O uso da categoria de análise representação como uma das categorias norteadoras da pesquisa pode gerar certo desconforto e até determinada desconfiança por parte dos leitores em relação à validade e utilidade de pesquisas realizadas dessa maneira. Mas as representações têm um valor significativo na vida dos indivíduos e nesta pesquisa. Como explica e advoga Jodelet (2001), a representação

é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum ou ainda saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outras, do conhecimento científico. Entretanto, é tida como um objeto de estudo **tão legítimo quanto este, devido sua importância na vida social e à elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais** (p.22, grifos nossos).

É, segundo essas palavras de Jodelet (2001), que representação foi aplicada como categoria de análise nesse estudo. Por ser, primeiro, “uma forma de conhecimento” e, conhecimento “socialmente elaborado e partilhado”, que tem “objetivo prático” e, também, que “contribui para a construção de uma realidade comum ou ainda um saber ingênuo ou natural”. Ainda mais, pois são pelas representações que os processos cognitivos e interações sociais são desvelados.

No mesmo sentido de esclarecimento feito até então, este capítulo é composto por três seções que se desdobraram na seguinte seqüência: a primeira, apresenta a discussão sobre a categoria representação. Na segunda está a apresentação de alguns termos, conceitos e representações referentes às medicinas e seus usos; como funciona o processo de aproximação de diversas pessoas com as plantas medicinais, tanto por parte dos clientes como da parte dos raizeiros e, tática e estratégias destes para alcançar novos clientes, o uso e indicação das plantas medicinais. O capítulo encerra com a discussão da proximidade dos raizeiros com a natureza.

2.1 Representações: da Psicologia para a Geografia

Para explicar determinadas ações e usos no/do espaço, algo mais nos foi necessário além da busca da compreensão de suas estruturas e seu funcionamento. Foi nos indispensável chegar ao conhecimento do que move as pessoas às ações e aos usos, suas crenças, símbolos, ritos e saberes e como agem a partir deles. Assim, na busca da compreensão da realidade das pessoas que comercializam plantas medicinais em Goiânia optou-se por atrelar à categoria *rede* o sentido que leva ao comércio dessas plantas. Ou seja, ao estabelecimento dessas redes.

Pautados nesse objetivo, de compreender porque as pessoas usam plantas medicinais, conseqüentemente incentivando o estabelecimento e crescimento do comércio das mesmas, que adotou-se a categoria representações. Como esclarece Almeida (2003a)

o estudo das representações espaciais centra-se sobre as modalidades de apreensão do mundo e do *status* do real, isto é, o problema da adequação entre a realidade, o que nós percebemos e nossos discursos sobre a realidade. É através de um conhecimento das representações das pessoas que é possível captar toda a riqueza de valores que dão sentido aos lugares de vida dos homens e das mulheres; pelas representações também é possível entender a maneira pela qual as pessoas modelam as paisagens e nelas afirmam suas convicções e suas esperanças (p.71).

Almeida (2003a) toca no ponto que nos interessa nessa pesquisa. Ela é direta ao afirmar que as representações espaciais estão no cerne da maneira que se apreende o mundo. Isso significa que cada pessoa com o seu modo de compreender o mundo gera também suas próprias representações. As representações, então, vão funcionar como a síntese da adequação da realidade, do que nós percebemos e dos nossos discursos sobre a realidade.

A autora (2003a) ainda afirma a importância do estudo das representações ao enfatizar que é a partir do conhecimento das representações que será possível compreender a riqueza dos valores que dão sentido aos lugares, entender a modelagem das paisagens e as convicções e esperanças afirmadas nelas. Assim, é importante conhecer as representações para captar essa riqueza, seus detalhes, especificidades,

símbolos e para compreender a cultura que gera esse significado às ações e modelagens da paisagem.

Com o estudo das representações, chega-se ao conhecimento das culturas, pois são diferentes as culturas, os lugares, os significados e as ações e reações de cada povo, de cada ser humano. No mesmo sentido de Almeida (2003a), o questionamento feito por Claval (2001) contribuiu sobre a importância de considerar as representações ao procurar compreender o espaço:

Por que os indivíduos e os grupos não vivem os lugares do mesmo modo, não os percebem da mesma maneira, não recortam o real segundo as mesmas perspectivas e em função dos mesmos critérios, não descobrem neles as mesmas vantagens e os mesmos riscos, não associam a eles os mesmos sonhos e as mesmas aspirações, não investem neles os mesmos sentimentos e a mesma afetividade? (p. 40).

Quando este autor faz este questionamento ele nos remete tanto ao individual como ao coletivo, e na questão das especificidades de cada ser humano como de cada grupo. Essas especificidades e singularidades, ações e reações, construções, relações e inter-relações são construídas a partir da subjetividade de cada grupo. E as diferentes relações mediadas pela subjetividade individual e coletiva gera valores e usos diversos.

O campo da subjetividade é, sem dúvida, o que vai demonstrar as percepções individuais. E registrar o que é observado, o que é ignorado, o que é falado e do que se foge numa conversa; capturar os gostos e desgostos; as relações de respeito e objetos valorizados, as ações e reações, as canções que cantam a vida, o trabalho, a dor, a dificuldade é o início do caminho para se chegar a compreensão dessa subjetividade. Juntamente a essas observações e registros, a compreensão dos sistemas de comunicação, valoração, construção de vida de cada grupo social e as singularidades e especificidades de seus indivíduos, sua produção e realidades é que a análise poderá ser completada.

Nessa mesma acepção de compreensão de diferentes realidades, modos de vida e representações que nos interessa desvelar os significados das plantas medicinais e da natureza entremeados na atividade comercial dessas plantas. E a partir das representações dos raizeiros compreender o que incentiva as pessoas a dedicar-se a venda e a compra de plantas ao invés de medicamentos – o que será explorado oportunamente.

Pesquisas sobre representações sociais têm sido desenvolvidas por várias áreas do conhecimento, dentre elas pode-se destacar a Antropologia, a Sociologia, a Sociolinguística, a Geografia e outras. Mas, o estudo das representações sociais tem sua origem e base na Psicologia, e sua idéia embrionária, segundo Moscovici (2003), vem da teoria de Durkeim sobre representações coletivas. A partir do conceito de representações coletivas que Moscovici (2003) desenvolve na psicologia o conceito de representações sociais, o qual fundamenta nossa pesquisa.

Serge Moscovici, há mais de quarenta anos introduziu o conceito de representações sociais na Psicologia Social contemporânea. A Teoria das Representações Sociais revolucionou a Psicologia e as ciências sociais como a Sociologia, Antropologia e a Comunicação. Moscovici, em seu livro “Representações Sociais: investigações em Psicologia Social” (2003) esclarece que, ela é a teoria das representações sociais, pois,

é o fato de esta teoria tender mais e mais na direção de se tornar uma **teoria geral dos fenômenos sociais** e uma **teoria específica dos fenômenos psíquicos** (MOSCOVICI, 2003, p.173, grifos nossos).

Ela, a teoria das representações, então, é entendida como teoria geral no sentido em que o ajuntamento de indivíduos é reconhecido como sociedade e para isso devem existir representações ou valores que lhes dêem sentido e que garantam sua existência em comum. E teoria específica dos fenômenos psíquicos na medida em que isso se dá a partir dos indivíduos, das opiniões.

A representação social, como afirma Jodelet (2001), “são produto e processo de uma atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento e de elaboração psicológica e social dessa realidade” (p. 22). Sendo assim, as representações são influenciadas por diversas estruturas sociais, redes, outros indivíduos etc.

No Brasil, segundo a mesma autora, há mais de vinte anos o estudo sobre representações sociais vem se desenvolvendo. Ela destaca que a produção no campo das representações sociais

foi implementada, sobretudo e com uma multiplicidade particular, nesses três domínios [da saúde, da educação e do trabalho], tanto por razões históricas, quanto pela adequação entre suas problemáticas próprias e os recursos de análise oferecidos pela teoria (JODELET, 2004, p. 8).

Qual seria então para a Geografia sua utilidade? Segundo Almeida (2003a), por sua singularidade de ter o espaço como objeto

O espaço, além de ser produto das atividades humanas, tem múltiplas valorizações e caracteriza-se por atributos funcionais, estruturais e afetivos. Espaço pode ser então, considerado como o lugar onde os homens e mulheres, ideologicamente diferente, procuram impor suas representações, suas práticas e seus interesses. Cada espaço, tornando-se social, está possuído de símbolos e afetividades atribuídos pelas pessoas (p. 71).

As representações são importantes mesmo no sentido de compreendermos as coisas, os processos, os sistemas a partir de representações do outro, pois

é em contraste – ou às vezes por analogia – com as representações de outra sociedade que apreendemos melhor os caracteres e o funcionamento dessas configurações que denominamos de representações sociais (HERZLICH, 2005, p.63).

Kozel (2002) trabalha com a idéia de que “representação como conhecimento que permite ao indivíduo se apropriar do mundo exterior, acompanhado de palavras e idéias comunicáveis” (p.223). Uma outra questão, relativa as representações é posta por Kozel (2002), quando afirma que as representações são produto e produtoras do espaço e das próprias representações.

Para melhor compreender como a categoria representações nos auxiliou nessa pesquisa recorreu-se ao esclarecimento feito por Kozel (2002) faz em seu artigo “As representações no geográfico”. Nele, ao fundamentar teórico-conceitualmente o uso das representações em geografia; Kozel (2002) destaca a existência de três concepções: a realista (embasa o real), a idealista (dá suporte teórico ao imaginário) e a sociocultural (que perpassa as duas concepções, proporcionando a análise da teia de relações estabelecidas entre a sociedade e o espaço geográfico).

Na primeira concepção, a realista, “as representações são, portanto, produtos da percepção, integradas pela dimensão simbólica. Não considera as interferências da afetividade e do meio social, e prioriza as dimensões biológicas do desenvolvimento humano” (KOZEL, 2002, p. 224). Essa concepção se baseia nas correntes filosóficas positivistas e neopositivistas e tem a neutralidade como suporte de uma visão de mundo que postula que o objeto existe independente do pensamento. Nessa concepção o objeto aparece como o centro.

Ela é caduca no sentido principalmente da neutralidade. Como se conhecimento estivesse pronto e acabado no objeto e que o sujeito em nada interfere no objeto. Já superada, essa concepção não atende as necessidades de análise da pesquisa.

A segunda concepção compreende o real como um produto da mente, do

pensamento, da consciência, assim entendendo a representação como uma “metáfora do conhecimento”. A autora explicita que nessa concepção a

realidade é captada pelo conhecimento sensível, imaginário e abstrato, proporcionando a construção e reconstrução da realidade, explicando-se por meio das **representações**, que num primeiro momento acontecem como ‘síntese cognitiva’, passando pela memória/consciência em direção à seletividade, apontando para a lente que se usa para ver e conceber o mundo e as coisas pertinentes a ele (KOZEL, 2002, p. 225, grifo nosso).

Nessa abordagem o sujeito é o centro. E o importante é a construção de conhecimento através dos sentidos. São entendidos não apenas como objetos dados. “As coisas não podem ser conhecidas por si mesmas, mas pelas representações que fazemos delas; as leis são produtos do entendimento e não ensinamentos provenientes da natureza” (KOZEL, 2002, p. 226).

Completamente oposta a primeira concepção, a segunda parte do princípio de que o que é importante são as interpretações humanas, suas construções e significações. Não nos é útil também essa visão extremada de análise, pois, apenas as opiniões, representações e interpretações humanas isoladas de um contexto perdem seus sentidos.

Diante disso, existem duas concepções opostas. A primeira que valoriza o objeto e a segunda que valoriza o sujeito. Entretanto, além dessas duas concepções muitas outras surgem variando entre elas. Considerando a relação epistemológica sujeito-objeto a terceira concepção, a sociocultural, postula-se um sujeito construtor do mundo e de si mesmo. É nessa vertente, associada a teoria social, que a fundamentação da autora resulta.

Comungamos das idéias esplanadas por Kozel (2002) demonstrando que a realidade não existe apenas de maneira objetiva sem a necessidade da percepção humana; nem é da pura construção do conhecimento pautada somente nos sentidos, no real como resultado da construção do pensamento. Assim, no entendimento sociocultural de Kozel (2002)

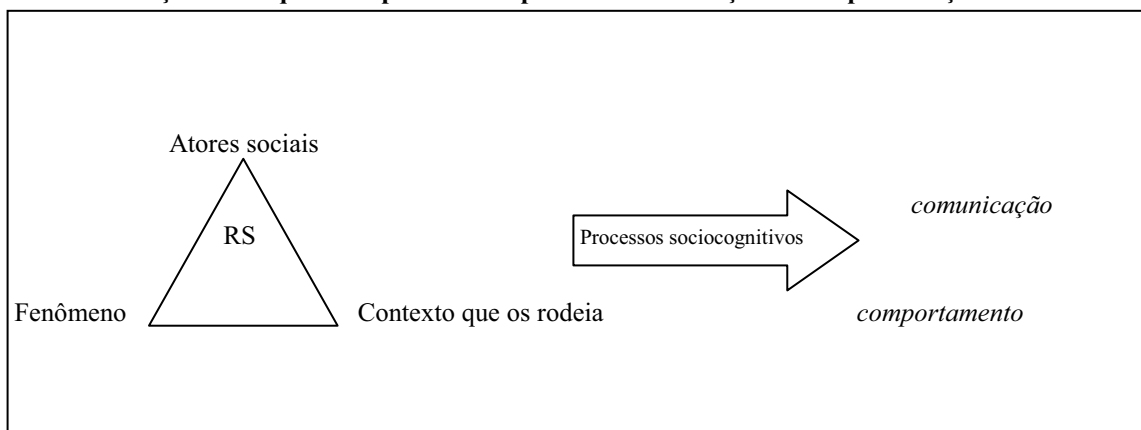
as representações sociais estabelecem uma síntese entre os fenômenos cognitivos, afetivos e sociais, que na realidade estão completamente interligados, permitindo a incorporação de análises ideológicas, dos saberes populares e do senso comum (p.227).

Na mesma direção de entendimento de representações, Coutinho *et all* (2004) complementa afirmando que

A história das representações sociais insere-se na inter-relação entre atores sociais, o fenômeno e o contexto que os rodeia. Elas são constituídas por **processos sociocognitivos** e têm **implicações na vida cotidiana**, influenciando a comunicação e os comportamentos. Desta forma a representação pode ser considerada como um **sistema de interpretações da realidade, organizando as relações dos indivíduos com o mundo e orientando suas condutas e comportamentos no meio social** (p. 469- 470, grifo nosso).

Assim, o uso de representações sociais é pertinente porque nos interessava compreender a organização das relações entre indivíduos que comercializam e que usam plantas medicinais, suas condutas e comportamentos a partir de suas representações de realidade, do mundo. Como pode ser observado na ilustração abaixo, esse processo de formação das representações sociais e suas interferências ou implicações na vida cotidiana é que se propõe a compreender:

Ilustração 05. Esquema explicativo do processo de formação das Representações Sociais



Elaboração: MACHADO, L.H.B, 2008 com base em Coutinho et all, 2004.

Por compreender que os grupos são essenciais que optamos por essa visão de valorização da cultura pelo caminho de atenção as representações como afirma Claval (2007): “A partir da representação cria-se uma abordagem mais social; a atenção dada às ferramentas e às práticas, é menor; e as representações, ao apontar o papel central das culturas levam a uma visão onde os grupos aparecem como essenciais” (p. 10).

2.2 Das representações entremeadas: medicinas e fé

A razão desta seção é apresentar os diferentes sistemas medicinais existentes, suas organizações, representações e interações; assim, compreendendo como o uso de plantas medicinais encaixam-se nos sistemas.

Propõe-se nela esclarecer que não existe apenas uma medicina e que cada uma das medicinas existentes traz seus saberes e representações específicas. Ao mesmo tempo, nela estaremos relacionando, também, os saberes não institucionalizados, crenças e a fé envolvidos no processo de cura, que em algumas “medicinas” é de extrema importância. Além das diferenças entre as medicinas e suas aplicações, é também intenção aclarar os conceitos de medicamento, remédio, erva/planta medicinal e suas representações para cada tipo de medicina, passando da medicina oficial, pelas tradicionais, alternativas e populares.

Com o tema referente às medicinas Alternativas e Populares, fecha-se a discussão da seção abordando os raizeiros e conhecimento das plantas medicinais e suas estratégias e táticas para alcançarem novos clientes. Por fim, são discutidas as formas de usos e indicações dessas plantas medicinais.

2.2.1 As medicinas e seus usos

Para evitar que se difunda uma possível confusão esta seção se inicia procurando conceituar os termos medicamento, remédio e ervas/plantas medicinais inseridos na discussão. Após, os esclarecimentos, as discussões seguintes tratam dos medicamentos mais vendidos; dos usados por mulheres e por homens, além de abordar receitas e relatos de cura pelo uso de plantas.

Ao se falar em medicina logo se tem a idéia de conhecimento único, rígido e universal. O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa traz a seguinte definição para o termo: “*medicina*, *s.f.* Arte e ciência de curar ou atenuar as doenças;

sistema medicinal; (fig.) aquilo que remedeia um mal” (FERREIRA, 1972). Se então a medicina é arte ou ciência há aí uma diferenciação que está baseada nas diversas concepções de arte e ciência de cada cultura. Além das diferentes referências culturais presentes na constituição das medicinas institucionalizadas ainda existem as medicinas populares, aquelas que não passam pela obrigatoriedade de comprovação da eficácia de remédios e técnicas; que é utilizada de maneira indiscriminada, muitas vezes; aquela que está muito próxima a fé e as diversas crenças e até mesmo simpatias. Elucidado este detalhe serão explorados as concepções dessas medicinas e termos que permeiam cada um desses sistemas. Assim, será possível compreender como as representações a cerca de cada um desses sistemas e entre eles se estabelecem.

Se a medicina é arte ou ciência, isto é, ela é o conjunto de conhecimentos, procedimentos e técnicas utilizados para a manutenção da saúde dos seres humanos, as concepções de arte e ciência, de conhecimentos, procedimentos e técnicas, e de saúde e doença vão variar de acordo com a cultura, como já afirmado anteriormente. Cada povo terá sua concepção e organização desse sistema de manutenção da saúde. Esta análise não se aplica a somente a povos tribais e distantes de sociedades urbanas. Mas, incluem todas as sociedades.

Cada país vai ter seu sistema institucionalizado e legal de medicina. A este sistema estão ligadas às universidades que constroem os saberes e formam os profissionais que trabalharão nele, além de desenvolver parte importante de suas pesquisas. Outras instituições, tanto particulares como públicas, paralelas às universidades também investem e desenvolvem pesquisas na área médica. Diretamente ligada à área médica está a área farmacêutica, dependente da política médica ou de saúde do Estado, este enquanto regulador do sistema de patente, habilitações, profissionalidade e comércio de remédios. Mas além desta medicina institucionalizada, a oficial, existem ainda outras técnicas, procedimentos e saberes com o objetivo de cura e manutenção da saúde, as quais adiante serão abordadas.

2.2.1.1 Medicamentos, remédios e ervas

A variedade de maneiras e formas utilizadas para prevenir ou tratar doenças é enorme. Essa variedade se dá por diversos motivos. Seja ela pela cultura de uso de

ervas e rezas, seja pela condição financeira, por uma questão filosófica ou pelo desenvolvimento científico, diferentes pessoas e/ou grupos utilizam uma ou mais de uma dessas variedades. Os termos que integram e definem cada uma dessas variedades estão presentes no dia-a-dia, mas nem sempre são utilizados de forma correta ou sequer recebem a atenção devida. Isso acaba por gerar uma confusão que poderia ser desnecessária caso se atentem às definições desses termos. Os esclarecimentos a seguir têm como base os estudos de Di Stasi⁹, principalmente seu livro “Plantas medicinais verdade e mentiras: o que os usuários e os profissionais de saúde precisam saber”.

Um exemplo dessa confusão é o uso dos termos medicamento e remédio. Muitas das vezes esses termos são utilizados como sinônimos. Entretanto, eles não têm o mesmo significado e sua diferença é essencial para quando se trata de assuntos referentes à saúde.

O medicamento é uma substância ou conjunto de substâncias já pesquisadas e estudadas quanto à eficácia e segurança de uso. Pode ser usado como sinônimo de fármaco, mas também é um termo que se refere a todos os medicamentos aprovados para uso. O fármaco é um termo que se refere à substâncias químicas aprovadas como medicamento. Ainda em relação aos medicamentos subdividem-se em magistral e o oficial. O primeiro refere-se aos medicamentos preparados em farmácias de manipulação perante a prescrição médica detalhada, mas que não constam na farmacopéia. A farmacopéia, por sua vez, é a lista oficial de cada país dos medicamentos que podem ser utilizados com segurança. O oficial é o medicamento que consta na farmacopéia só que é elaborado pelas farmácias de manipulação, mediante prescrição médica.

Assim, para ser chamado de medicamento a substância necessita passar por estudos e aprovação de segurança de seu uso. Esse processo é fiscalizado e o medicamento reconhecido por órgãos do governo federal, filiados ao Ministério da Saúde, como a ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária.

Quanto aos remédios pode-se dizer que são procedimentos, não apenas substâncias, utilizados no processo de combate e cura de uma doença. Os remédios não

⁹ Luiz Cláudio Di Stasi é professor do departamento de Farmacologia do Instituto de Biociências da UNESP, campus de Botucatu. É mestre em Farmacologia pela Faculdade Paulista de Medicina - Unifesp, doutor em Química Orgânica pelo Instituto de Química da UNESP, campus de Araraquara, e pós-doutorado Farmacologia de Produtos Naturais pela Faculdade de Farmácia da Universidade de Granada, Espanha.

necessitam de comprovação. Geralmente, são utilizados por indicação familiar, ou já é de domínio de certas pessoas ou populações as ações de determinados procedimentos.

Fala-se em procedimentos, porque como afirma Di Stasi (2007), os remédios podem ser classificados como de natureza química, de natureza física e de natureza psíquica. Os remédios de natureza química são os que geram algum tipo de ação biológica. Segundo o mesmo autor

quando se consome um chá de determinada espécie vegetal, por via oral, para diminuir a dor, como o chá de erva-cidreira, também chamado de capim-limão (*Cymbopogon citratus*); ou se aplica uma tintura sobre a pele para combater problemas de coceira, como é o caso de do cipósoma (*Anchietia salutaris*); ou se se utiliza de uma inalação com eucalipto (*Eucaliptus globosus*) para desobstruir as vias aéreas ou mastiga-se uma planta fresca para aliviar a dor de dente, como é feito com o camapú (*Physalis angulata*), tais plantas estão sendo consumidas sempre como remédio de natureza química, pois cada um desses exemplos expõe-se o organismo aos efeitos de uma série de substâncias ativas presentes nas plantas (2007, p. 29-30).

Quando os procedimentos incluem chás, tinturas, inalação ou mastigação da plantas frescas, são entendidos como remédio de natureza química porque, ao colocar o organismo em contato com as substâncias ativas das plantas, reações químicas ocorrem.

Os remédios de natureza física são os procedimentos de climatoterapia (tratamento utilizando condições climáticas), helioterapia (tratamento por meio de raios solares), cinesioterapia (métodos como a ginástica e reeducação de movimentos e posturas) e a própria radioterapia, já conhecida na medicina moderna.

Os remédios de natureza psíquica envolvem vários procedimentos desde orações à própria relação médico-paciente. Eles também são reconhecidos como medicina mágica. Como afirma Di Stasi (2007), “esse universo é mítico, místico e ritualístico, sempre voltado a colaborar com a cura ou com o tratamento do paciente ou para o alívio das aflições físicas, mentais ou espirituais” (p.31).

Esse tipo de remédio de natureza psíquica pode ser encontrado associado a vários outros procedimentos terapêuticos e em diversas culturas. Não está somente ligada à magia ou à espiritualidade, mas às influências positivas ou negativas que paciente e a relação médico-paciente podem gerar no desenrolar do tratamento.

Diante do exposto, fica claro que todo medicamento pode ser remédio, mas nem todo remédio é medicamento. Para ser medicamento ele necessita de estudo e comprovação de eficácia e qualidade de forma oficial.

Além desses termos, outros dois estão relacionados ao assunto aqui

discutido. São eles: fármacos e drogas. Como dito anteriormente, fármaco é “uma substância ou um conjunto de substâncias que quando utilizadas promovem uma atividade biológica de valor terapêutico” (DI STASI, 2007, p.33). Já o termo droga, segundo o mesmo autor “incorpora a aceção da matéria-prima de utilidade medicamentosa ou não, incluindo nesse universo tanto os compostos provenientes de origem natural como aqueles obtidos a partir de processos de síntese química”. (DI STASI, 2007, p. 33). Ele ainda afirma que esse termo é popularmente associado ao de substâncias que causam efeitos alucinógenos. Na medicina moderna o uso dessas substâncias recebe o nome de droga de abuso.

De acordo com Di Stasi (2007) a medicina oficial pode ser diferente de acordo com o país em questão; a tradicional é definida por estar estabelecida dentro de grupos étnicos definidos; a popular estabelece-se a partir da mistura de influências culturais; mas com origem na medicina tradicional local, inclui práticas médicas que existem desde antes do surgimento da medicina moderna.

Por fim, a fitoterapia

preconiza o uso de medicamentos preparados a partir de plantas medicinais e com origem nos conhecimentos da medicina tradicional e popular, avaliados quanto a sua eficácia, segurança de uso e controle de qualidade (DI STASI, 2007, p.66).

O que é abordado, como objeto de estudo se encaixa, portanto, numa medicina popular, pois o uso de plantas não é comprovado, nem sua eficácia, nem sua qualidade por meio oficial. Esse uso é resultado de influências das culturas africanas e indígenas, principalmente, reconhecidas como tradicionais, se formando assim localmente. Além do mais, essa prática é modificada rapidamente com a influência midiática e a comunicação global.

Diante dessas definições, torna-se mais claro o entendimento da discussão sobre o uso de remédios, medicamentos ou ervas, como também, a compreensão dos conjuntos de práticas de prevenção e tratamento de doenças.

2.2.2 O processo de aproximação dos raizeiros e usuários com as plantas medicinais

A proximidade de determinadas pessoas com as plantas medicinais é reflexo da cultura em que elas estão inseridas, dos usos e significados que são dados as coisas.

Assim, utilizar plantas com o objetivo curativo depende do que estas plantas representam para o usuário dentro do sistema de significados e símbolos da sociedade a qual pertence e das experiências positivas vividas por estes indivíduos. Em decorrência destes aspectos é que será gerada uma valorização das plantas medicinais pelos sujeitos.

Se já existe por parte dos pais e/ou avós o costume do uso freqüente de plantas medicinais, isso mais facilmente vai ser aprendido pelos filhos e outras pessoas próximas como algo “normal”, e como primeira atitude de uso a recorrer diante de problemas de saúde. Esse costume se manifesta com o uso de chás para cólicas, mal-estar gastrointestinal, dores de cabeça, insônia ou o uso de emplasto para escoriações e feridas ou ainda compressas para problemas musculares ou reumatismo. Eles são tão comuns que podem passar quase despercebidos e às vezes não entendidos propriamente como uso “medicinal”.

Esse uso caseiro de plantas medicinais é um dos caminhos que torna possível a transmissão de saberes e a continuação das culturas. A família, conforme é sabido, atua como célula da sociedade e é um dos elos, de fato, de difusão da cultura. Mesmo nem sempre sendo o único elo para a transmissão de saberes da cultura, a família se revelou, nesta pesquisa como tendo um papel muito relevante, desvelado no decorrer do trabalho de campo. Nele ficou constatada a importância familiar não apenas em relação aos saberes sobre plantas medicinais, mas também em relação direta na rede de comércio dessas plantas na cidade de Goiânia.

Relembrando, no início da pesquisa existia a hipótese de que todos ou a maioria dos raizeiros viriam do campo. E, sua experiência com o rural e a proximidade com o natural seriam pontos básicos para que eles desenvolvessem na cidade o comércio de plantas medicinais pautado em saberes adquiridos num momento anterior ao da experiência urbana.

Essa hipótese geral começou a ser desmistificada nas primeiras incursões exploratórias, em 2005, com a constatação da presença de raizeiros urbanos, que não tinham vínculo com o rural inseridos no comércio de plantas medicinais. Somente as pessoas mais velhas, que chegaram a Goiânia logo no início de sua construção, haviam vivido essa experiência esperada com o rural. Na maioria dos casos os raizeiros não haviam nem morado em zona rural nem tinham vivência tão próxima da natureza. Dentre os demais, havia mais a percepção da possível comercialização face à existência

da demanda, e à intimidade com as plantas em decorrência do uso pessoal e da indicação familiar.

Pensou-se como hipótese secundária, para a existência deste conhecimento a relação familiar. E a relação familiar se manifestou durante a pesquisa de maneira muito mais significativa que o esperado como está evidenciado no terceiro capítulo.

Essa influência da relação familiar é evidenciada nos dados das entrevistas. 10% dos entrevistados (em janeiro de 2008) adquiriram os saberes sobre plantas medicinais em livros, mas resolveram comercializar por influência de pessoas próximas; igual percentual adquiriu os saberes trabalhando, o que levou a abrir sua própria loja; os 80% restante responderam ter aprendido com parentes mais velhos como pais, avós, tios, sogro ou padrasto.

Mesmo se a maioria dos entrevistados afirmou que aprendeu com familiares, todos eles declararam conhecer livros sobre o assunto. Alguns desses raizeiros os têm em suas bancas. Os seguintes são os mais utilizados: “Medicina Alternativa de A à Z”, do autor Carlos Nascimento Spethmamm, editado por Edições Natureza, já na 7ª edição (2004); “As Plantas Curam” (s/d), dos autores Alfons Balbach e Daniel de Sá Freire Boarim, editado pela Vida Plena; “A flora nacional na medicina doméstica”, de Alfons Balbach, editado por Edificação do Lar, 23ª edição (s/d); e “Plantas medicinais: manual ampliado”, de Körbes (irmão Cirilo) 1990. O primeiro livro, “Medicina de A à Z”, foi o mais citado nas duas etapas da entrevista.

Ao analisar esses dados surgem questões como as seguintes: se 80% dos raizeiros responderam ter aprendido com familiares, porque 69% (conforme ilustração 06) recorrem aos livros? E como explicar este alto percentual de uso dos livros se já aprenderam com familiares? Foram percebidas duas diferentes reações em relação à pergunta sobre o conhecimento e uso de livros: uma delas foi a reação positiva da afirmativa; nesse caso, quando o raizeiro afirmou conhecer livros o fez como se a presença do livro validasse o seu ofício ou mesmo o seu saber. Na segunda reação notada, o raizeiro ao negar o conhecimento ou a presença de livro o fez como se isso fosse contraditório ou negasse seu saber e desvalorizasse seu trabalho.

Mesmo com esta segunda reação, negativa, pode ser observado na ilustração 06 abaixo, que 69% dos raizeiros conhecem e trabalham com livros sobre plantas medicinais – livros como estes citados anteriormente.



Fonte: MACHADO, L. H. B. Trabalho de Campo 2005 e 2008.

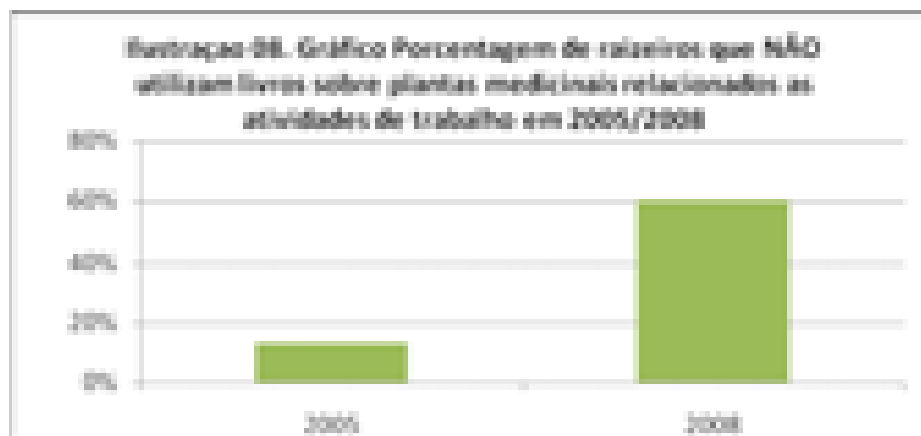
Esse percentual de 31% de raizeiros que não citaram, ou não leram e/ou não utilizam livros sobre plantas medicinais em seus estabelecimentos de comércio, esclarecemos ser o somatório de duas etapas de entrevistas. Destes 31%, 25% foram entrevistados na primeira etapa em 2005. Os 75% restante de raizeiros foram entrevistados na segunda etapa, em 2008, ilustração 07.



Fonte: MACHADO, L. H. B. Trabalho de Campo 2005 e 2008.

Na primeira etapa, em 2005, apenas 13% dos raizeiros entrevistados não utilizam livros nas atividades relacionadas ao comércio de plantas medicinais. Neste momento as entrevistas foram realizadas no Setor Central de Goiânia, e os raizeiros estavam presentes em mercados, feiras especiais e apenas 2 lojas. Isso pode ser observado na ilustração 07. Já na ilustração 08, abaixo, registra-se um maior número de raizeiros que não utilizam livros sobre plantas medicinais relacionados as atividades comerciais que desenvolvem. Nessa ilustração, em que 60% dos entrevistados afirmam não conhecer e/ou não utilizar os livros, aparecem o resultado de entrevistas realizadas em 2008, no Setor Campinas e bairros vizinhos como o Setor Centro-oeste. Nessa etapa

os raizeiros foram localizados em mercados mas, também, em feiras livres e lojas. Outro dado que se evidencia é o aumento do número de lojas que comercializam plantas medicinais em Goiânia, e que serão discutidos oportunamente.



Fonte: MACHADO, L. H. B. Trabalho de Campo 2005 e 2008.

Não se faz aqui uma comparação de dados entre as primeira e segunda etapas de entrevistas. O propósito é enfatizar que, na primeira etapa realizada em 2005, na fala dos raizeiros aparecia a preocupação de mostrar que havia um conhecimento sobre plantas respaldado nos livros. Eles apresentavam os livros como uma forma de confirmação de seus saberes. E já na segunda etapa, em 2008, era demonstrada, na fala dos raizeiros, a desnecessária presença de livros.

A este fato de desvalorização do apoio de livros indicamos alguns acontecimentos que podem influenciar tal reação. Primeiro, a sociedade começa a reconhecer o valor dos saberes populares, como também passa a existir uma super valorização da cultura que até determinado ponto seria bom, mas esse “super” acaba por gerar banalização. Além disso, programas de televisão como o “Globo Repórter”, da rede Globo, citado durante entrevistas, e os programas de culinária, também conhecidos como revista eletrônica, como “Mais Você”, da mesma rede Globo e “Hoje em Dia”, da rede Record, têm dado bastante ênfase ao uso de comidas e plantas que agem na manutenção da saúde e que curam doenças. Várias vezes são feitas reportagens, entrevistas além de serem ensinados diversos tipos de receitas medicinais.

Entende-se então, que estes exemplos demonstram um movimento social de busca por produtos e remédios naturais. E este movimento gera a valorização das pessoas que trabalham com esses saberes.

Da mesma forma, cabe aqui destacar outros pontos ligados a essa valorização. A maioria dos raizeiros localizados e entrevistados na primeira etapa (2005) tinha seus pontos comerciais em feiras, mercados e também eram ambulantes. Em 2005, somente dois raizeiros lojista foram entrevistados. Já em 2008 a quantidade de lojas aumentou e dentre as que localizamos e entrevistamos estão as seguintes lojas: Rei das Raízes I e II, Raízes 10, A raizeira (com 2 lojas), Nativa, Santa Efigênia, Clorofila, Império das Raízes e Erva fé. E no sítio da *Lista on line* ainda encontramos outras lojas como a Cactus verde, Banca Erva Mediciniais, Casa das Raizeiras, Raízesnet Fitoterápicos. Isto revela que o mercado está favorável e que há uma busca da população por esses produtos.

Além de livros, outra fonte de “complementação de saberes” constatada em Goiânia foi a presença de manual ou catálogo de mercadorias do fornecedor das plantas medicinais e de divulgação, no qual aparecem os nomes das plantas e a indicação de uso, conforme será apresentado e discutido no próximo capítulo.

Dos que afirmaram conseguir identificar plantas tanto secas como na natureza, todos confirmam que o fazem por terem apreendido na prática e com os livros. Já o motivo que os levou a vender plantas medicinais é variável, conforme pode ser observado na ilustração 09. Mas a influência familiar ainda lidera:



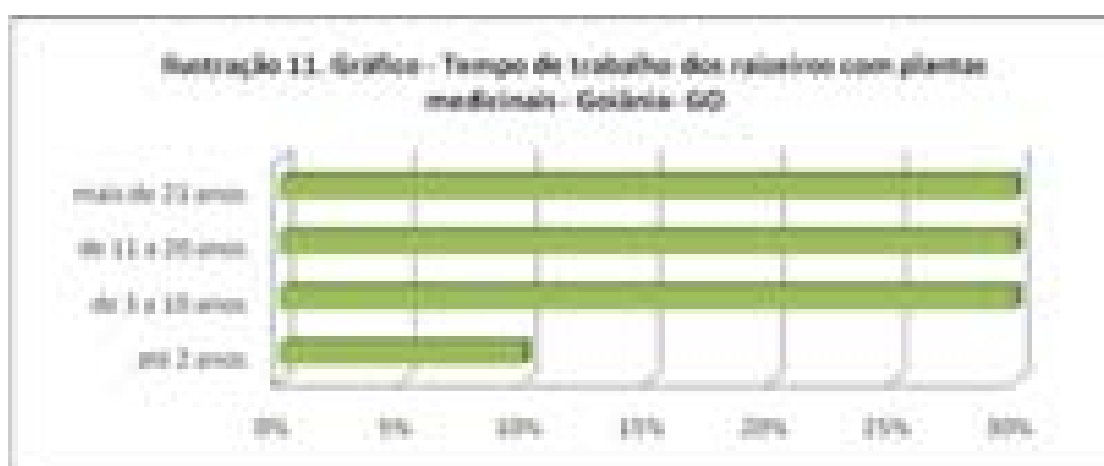
Fonte: MACHADO, L. H. B. Trabalho de Campo 2005 e 2008.

Além dos 40% que afirmaram ter sido influenciado por parentes, 10% foi motivado pelos filhos no sentido de procurar deixar uma fonte de renda futura para eles. Isso leva a um somatório de 50%.

Os raizeiros, também foram questionados sobre o tempo que trabalham com plantas medicinais e seu comércio; e sobre atividades pretéritas relacionadas com as plantas medicinais. A ilustração demonstra que a maioria dos raizeiros, 60%, sempre trabalhou com o comércio de plantas medicinais. Ao ser relacionado com a ilustração que mostra o tempo de trabalho dos raizeiros com plantas medicinais, evidencia-se que estes raizeiros entrevistados trabalham há bastante tempo com este comércio. Apenas 10%, que tem até 2 anos de tempo de trabalho com plantas medicinais coincide com os 20% que eram feirantes. Pois, os outros 10% que atuavam como feirantes faziam coleta de plantas medicinais ao mesmo tempo.



Fonte: MACHADO, L. H. B. Trabalho de Campo, 2008.



Fonte: MACHADO, L. H. B. Trabalho de Campo, 2008.

A maioria dos raizeiros não fez cursos, mas alegou ter conhecimento que o

Hospital de Medicina Alternativa - HMA, a Clínica Vida Plena, e a Clínica Mãe Dolorosa (Campos do Jordão - SP) dão cursos. Uma raizeira afirma ter feito curso, mas não soube dizer qual e onde, e que agora dá cursos até em São Paulo. Outro raizeiro disse ter feito um curso sobre plantas medicinais no HMA.

Entretanto, não foram encontradas referências alguma sobre as clínicas citadas. Nem em lista telefônica, nem na internet. Já o HMA não apresenta em sua página na internet cursos para leigos ou para a comunidade em geral. Os cursos que promoveu em 2006 foram os seguintes descritos no quadro abaixo, onde destacamos o público alvo:

Ilustração 12. Quadro de atividades educacionais e de pesquisa do Hospital de Medicina Alternativa – HMA.

ATIVIDADE	Público Alvo	TEMA
Seminário de Medicina Antroposófica	Profissionais de saúde de nível superior	Medicina Antroposófica
Projeto de Extensão Comunitária junto a Creches	Creches de Goiânia	Atendimento de crianças em creches de Goiânia
Consultoria do Ministério da Saúde sobre Gestão de serviços e de projetos dentro da PNPIC no SUS	Profissionais do HMA	Gestão em saúde
Seminário sobre Práticas Integrativas e Complementares e Integrativas no SUS	Profissionais de saúde da rede pública de saúde o estado	Práticas Integrativas e Complementares no SUS
Seminário de Homeopatia Previsível	Profissionais de saúde de nível superior	Homeopatia Previsível
Fórum sobre a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS	Entidades representativas de classes de profissionais de saúde	Políticas de Saúde
Curso de Extensão em Homeopatia	Profissionais de saúde e acadêmicos	Homeopatia
Semana de homeopatia	Méd.–Farmac – Veter. Odonto. Acadêmicos Univ. Soc. categorias Serv. Part. – Unid. Públ	Homeopatia
Sexta Científica	Profissionais do HMA e convidados	Estudo e Revisão das plantas utilizadas no HMA

Fonte: Hospital de Medicina Alternativa, in www.hma.goias.gov.br, 2008.

Na seção seguinte a discussão continua atrelada aos saberes, com o foco no uso e indicações.

2.2.3 O uso e indicação das plantas medicinais

Para a compreensão do universo do domínio dos raizeiros considerou-se importante averiguar até que ponto as plantas comercializadas eram ou são de valor realmente medicinal para o raizeiro que as comercializa. E, se os mesmos, também, fazem indicação de usos das plantas e, se essas duas informações se relacionam na hora do convencimento da compra de determinadas plantas.

Pode, em princípio, parecer até muito simples e sem sentido perguntar se eles fazem uso das plantas que comercializam. Na sua função de vendedor existe nesse momento a necessidade do convencimento do outro de que o produto que ele vai comprar é bom, já funcionou para alguém e que esse alguém está em sua frente. Talvez ao ver a pergunta qualquer leitor responda para si mesmo “é claro que ele usa, ou pelo menos vai dizer isso!” Mas, a nuance que a pergunta alcança não é expressa na *pura* resposta, mas na maneira como a resposta é dada. O tom e as expressões faciais acabam “entregando” essa obviedade de maneira muito mais honesta, tanto que todos os raizeiros afirmaram fazer uso pessoal, como também a família e até amigos.

Algumas afirmações são dadas num tom de absurdo: “*Claro!*”. Outras já dão exemplos de uso familiar para passar credibilidade: “*Até minha netinha, que é recém-nascida, eu dou chazinhos para ela.*”. E outro ainda enfatiza, ilustrando a procura, para além dos clientes e família: “*Faço. Amigos da minha mulher também me procuram pra comprar e saber.*”.

No sentido de complementar essa importância, e uso em casa das plantas pelos próprios raizeiros, investigou-se como eles adquiriram esses saberes, pois a origem desses saberes pode gerar significado muito maior que dado ao uso. Casos que o aprendizado veio por parte de alguém da família (pai, avó, avô, sogra, sogro, cunhado, tios) essa resposta endossa o uso particular. E ela reflete a importância da cultura mesmo no processo de comercialização, pois, as pessoas que vão comprar o fazem por

um costume ou tradição como também os raizeiros, em sua maioria, ainda o fazem movidos por suas crenças e saberes transmitidos desde seus ancestrais.

São nestas informações a evidência da rede familiar que influencia de forma direta a propagação dos saberes e conseqüentes usos, como também a comercialização de plantas medicinais.

Dos que dizem não ter aprendido os saberes sobre plantas medicinais com a família, responderam ter aprendido com o trabalho. Entraram no comércio de plantas medicinais com vistas apenas no valor comercial que podia trazer e foram aprendendo com a prática e livros.

Assim, é possível constatar que a maior parte dos raizeiros, 80%, adquiriu seus saberes sobre plantas medicinais com a família. Um dos entrevistados afirmou ter a influência do pai no uso e comercialização de plantas medicinais. Seu pai é vegetariano e, nessa busca de uma vida mais saudável, acabou abrindo a loja que no início vendia apenas condimentos e artigos alimentícios. Atualmente, a loja já vende artigos naturais. Ele comenta que os produtos comercializados são alimentícios e não propriamente medicinais, até porque ele não tem autorização ou habilitação para receitá-los.

Ao cruzar as informações sobre a origem dos saberes e se os raizeiros fazem uso em casa constatou-se que os saberes continuam a ser propagados por via familiar. Isso não assegura que as pessoas mais novas da família acreditem, utilizem e também que irão passar para seus futuros descendentes. Mas há o esforço inicial para que seja continuada a transmissão desses saberes pela rede familiar.

Para um neófito que se aproxima do local de venda de plantas medicinais geralmente o raizeiro fala sobre as ações de cada remédio. Apenas 20% dos raizeiros afirmaram indicar/receitar os remédios, e, o restante, afirma que as pessoas que compram plantas medicinais e remédios naturais já sabem o que vão comprar. Pelas respostas deles raramente pessoas que não têm costume, ou nunca usaram, compram plantas medicinais. Dentre as falas dos raizeiros uma se destacou por afirmar que quando as pessoas vão pela primeira vez ao estabelecimento aí sim lhe são ensinadas as formas de uso.

Assim, os produtos mais procurados por mulheres são aqueles referentes a sistema reprodutivo, como aparecem nas seguintes falas: *“Elas procuram para infecção e engravidar. Como pé-de-perdiz, sangra d’água, vinho de jatobá e algodãozinho.”* (R-

9, 01/2008); “*As mulheres?! reposição hormonal!*” (R-10, 01/2008); “*É diversificada a procura, mas o leite de soja para a reposição hormonal sai muito*” (R-11, 01/2008); “*Para infecção!*” (R-14, 01/2008); “*Infecção do útero e ovário*” (R-13, 01/2008); “*Para o útero, mioma, ovário e cabelo*” (R-6, 01/2008); “*Infecção de útero e ovário*” (R-12, 01/2008).

Como visto nas falas acima citadas o interesse das compradoras, em geral, é referente ao sistema reprodutivo. Isso está diretamente ligada a mudança social no comportamento feminino. Essa mudança de comportamento se demonstra de duas maneiras: mudança do comportamento sexual e ao mesmo tempo um movimento de solução para os problemas de saúde íntimos de mulheres. Este último, ainda pode estar atrelado a não procura de serviço médico adequado. Pelo temor as mulheres fogem das visitas médicas, de serem reprimidas ou pelo fato de se envergonharem por causa de seu próprio corpo.

Os homens procuram os “*Afrodisíacos, gota e gastrite*” (R-6, 01/2008); “*Afrodisíaco!*” (R-12, 01/2008); “*Doenças venéreas e no sangue.*” (R-9, 01/2008); “*Energético, como catuaba e guaraná em pó*” (R-11, 01/2008); “*Ah, o Viagra do Amazonas, cápsula e garrafada!*” (R-13, 01/2008); etc.

Estes dados referentes ao que os homens procuram demonstram preocupação com o desempenho sexual. O que estaria diretamente atrelado aos problemas femininos indicados pelos próprios raizeiros. Esta procura dos homens por afrodisíacos e energéticos pode indicar tanto somente um busca por um desempenho sexual mais eficaz, ou pode estar revelando um dado importante de impotência e, atrelado a isso como no caso das mulheres, a não busca por atendimento médico, por vergonha, talvez. Entretanto, são dados que merecem mais atenção e pesquisas específicas.

Quando comparamos os dados de 2005 e 2008 não há surpresa. Os raizeiros entrevistados em 2005, concentrados no Setor Central de Goiânia, fazem coro quanto as respostas dadas aos produtos mais procurados tanto por homens quanto por mulheres, com os raizeiros entrevistados em 2008 que se concentrava nos Setores Central e Campinas.

Quanto às formas de uso, as receitas são diversificadas e às vezes para um tipo de planta há diferentes maneiras de uso. Assim, as plantas podem ser utilizadas em

formas de chá, maceradas, mastigadas, garrafadas, encapsuladas, diluídas, em pó. De fato, a maneira como o remédio é preparado é um passo importantíssimo, pois, como já é sabido, a maneira e o horário que as plantas são coletadas podem influenciar nos princípios ativos concentrados na planta naquele momento. De igual modo o jeito como a planta é seca, macerada, diluída, embalada, separada, transportada e preparada na hora de tomar também influencia. Talvez esteja aqui o maior risco no uso desses tipos de remédios, pois, quem assegura, ou se responsabiliza, pela confiabilidade da planta, ou do remédio e sua eficácia? Como garantir sem o controle e sem a fiscalização? Ao mesmo tempo em que estes estabelecimentos permitem acesso mais próximo e barato as classes menos abastadas podem também ser um eminente risco para a saúde pública do ponto de vista da segurança sanitária do processo completo.

Presenciou-se nos locais de venda alguns clientes que chegaram com prescrições médicas. Alguns médicos já especializados fazem a indicação. Entretanto, o médico deve estar habilitado para fazê-lo. Como já discutido anteriormente, sobre as diferentes medicinas, é necessário que o médico conheça seu sistema de funcionamento para fazer uso de qualquer uma delas. Assim, não basta ter a formação oficial. Para receitar remédios naturais, que são elementos de outras medicinas é necessária sua formação na medicina específica. Para isso, existe uma diversidade de cursos de especialização nessas áreas e tratamentos.

Dentre os tratamentos alternativos no HMA são desenvolvidos a acupuntura, homeopatia, fitoterapia e a quiropraxia, os quais são apresentados da seguinte forma:

Acupuntura é um tratamento médico que consiste em aplicação de agulhas finas em determinados pontos do corpo. Faz parte do tratamento da medicina tradicional chinesa, que inclui a fitoterapia, a dietoterapia, a massagem – TUI-NA, e os exercícios de TAI-CHI. [...] Dentre os procedimentos utilizados pela equipe de médicos acupunturistas do HMA estão o agulhamento seco, a auriculoterapia, a eletroacupuntura e o uso de ventosas. São usados materiais como: agulhas descartáveis e moxabustão (recurso da terapêutica oriental, que consiste no aquecimento e cauterização da pele nos pontos de acupuntura, com o uso de mechas de Artemísia seca) (HOSPITAL DE MEDICINA ALTERNATIVA, 2008).

Já a homeopatia

é um método terapêutico criado pelo médico Samuel Hahnemann há mais de 200 anos, que visa equilibrar o indivíduo para que possa vencer a doença ou os sintomas molestos os quais o acometem. A Homeopatia é considerada uma **especialidade terapêutica** e não parte da medicina alternativa, sendo reconhecida pela Associação Médica Brasileira (HOSPITAL DE MEDICINA ALTERNATIVA, 2008).

Introduzida em 1840 pelo homeopata francês Benoit, a homeopatia faz um profundo interrogatório “emocional do indivíduo suas sensibilidades, maneiras de reagir a determinados fatos da vida (medos, desejos, decepções, a maneira como dorme, se alimenta, sonhos, eliminações etc.). O médico analisa todas as peculiaridades do paciente, avalia-o homeopaticamente e o médico de acordo com as leis da semelhança do medicamento e o indivíduo a ser medicado” (HOSPITAL DE MEDICINA ALTERNATIVA, 2008). Já os medicamentos homeopáticos podem ser de origem vegetal, animal ou mineral.

O uso de remédios de origem animal não é comum no comércio da cidade de Goiânia, mas como pode ser observado na pesquisa de Moura (2002), na região da Chapada Diamantina-BA, ela constatou o uso de remédios dessa origem em três diferentes sistemas: o sistema de oposição binária quente/frio, associação de propriedades medicinais animais devido a características morfológicas ou etológicas¹⁰ e o uso de subprodutos como remédios.

Em estudo sobre as comunidades indígenas da América Central, Dary (2002), constata algumas formas de usos de determinados animais como pode ser visto abaixo:

entre los usos medicinales de los animales se mencionaron los siguientes: el polvo de serpiente de cascabel se considera bueno contra **la diabetes**. También se refirió como bueno contra **el cáncer**. El colibrí o ‘gorrioncillo’ (*Phaetornis superciliosus*) era usado para combatir **el dolor de corazón**. El pájaro se mataba y se frotaba en el pecho del que tenía el padecimiento de corazón. El mamífero frecuentemente usado en la medicina local es el tacuacín, cuya grasa (“manteca”) se utiliza contra **la tos aguda**. Algunos le agregan mansanilla a la manteca ‘con eso se untan los pulmones y también se le da a beber un poquito a la persona. Debe buscarse un taco así bien gordo.’ **Esta es una medicina que en la actualidad es muy escasa**. Pero aún más raro es el uso de rata cocida o frita, empleada antiguamente **contra la tos ferina**. Se comía un pedazo a cada día o cada tres días. Muy pocos saben que el agua de zopilote es contra **el SIDA**, por un ‘sanador’ (o curandero). Entre los medicamentos más apreciados, pero difíciles de encontrar, se encuentra la miel abejas conocidas como de ‘talnete’, usada contra **quemaduras de los huesos**. Se unta en la parte afectada y se toma una cucharada cada día. Esta miel, según cuentan, ha escaseado debido a las fumigaciones de la MOSCAMED. El uso de esta miel contra heridas y quemaduras se reportó como muy eficaz. Cabe mencionar que los egipcios utilizaron miel silvestre par el mismo fin, tres mil años antes de Cristo (DARY, 2002, p.147-148, grifos nossos).

Grifou-se as partes de indicação para os usos medicinais de animais, destacando aqueles utilizados tanto em doenças simples como a tosse e também para

¹⁰ Ciência descritiva dos costumes e das tradições dos animais no seu ambiente natural.

doenças complexas como o câncer e a AIDS. E apesar desse uso variado, esta medicina está se perdendo. E isso pode estar acontecendo por dois motivos: pelas dificuldades de encontrar os animais e elaborar os remédios, em oposição a facilidade de se encontrar remédios prontos; a questão da extinção e a perda desses conhecimentos de geração para geração, como também a diminuição e destruição das comunidades de origem desses usos.

Outra técnica é a Quiropraxia. Segundo a Associação de Quiropraxia¹¹, com base na Organização Mundial de Saúde, ela é

uma profissão da saúde que lida com o diagnóstico, tratamento e a prevenção das desordens do sistema neuro-músculo-esquelético e dos efeitos destas desordens na saúde em geral. Há uma ênfase em técnicas manuais, incluindo o ajuste e/ou a manipulação articular, com um enfoque particular nas subluxações (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE QUIROPRAXIA, 2008).

O tratamento ou técnica mais conhecido popularmente, é a fitoterapia

um método terapêutico que utiliza plantas medicinais no tratamento de indivíduos doentes, na manutenção e na preservação da saúde em indivíduos sãos. Sob vários aspectos se assemelha ao tratamento alopático, como: a observação de presença de princípios ativos, ações farmacológicas definidas, doses preconizadas, efeitos adversos e até mesmo tóxicos descritos. **A Fitoterapia se diferencia do tratamento alopático principalmente por tratar a pessoa doente e não propriamente a doença.** A Fitoterapia aborda o indivíduo de forma holística, visando o equilíbrio em sua totalidade: corpo, alma e espírito, e não somente, a exclusão do sintoma. Proporciona não um mero alívio de sintomas, mas, através de um tratamento holístico, traz cura, saúde e qualidade de vida (HOSPITAL DE MEDICINA ALTERNATIVA, 2008).

A fitoterapia se assemelha ao tratamento da homeopatia no sentido de buscar a compreensão do indivíduo como um todo, não apenas a doença, como acima foi destacado em negrito. Assim, é importante saber dos hábitos do paciente. Diferente da homeopatia e da medicina oficial não se necessita que o paciente tenha uma consulta prévia. “O aspecto emocional tem grande valor [...], principalmente na Medicina *Ayurveda*, pois o paciente é visto com suas peculiaridades e por inteiro” (HOSPITAL DE MEDICINA ALTERNATIVA, 2008).

¹¹ Já existem duas faculdades de Quiropraxia aqui no Brasil e profissionais habilitados graduados por elas. A OMS reconhece a profissão e recentemente publicou um documento intitulado “**Diretrizes da OMS sobre Formação Básica e Segurança em Quiropraxia**”. Este documento é um “importante ponto de referência para praticantes, autoridades políticas administrativas, que querem que a quiropraxia seja uma ajuda segura e eficaz para a saúde dos cidadãos e para as leis de regulamentação e licenciamento”. “Precisamos ter a profissão regulamentada, porque virá a beneficiar, com segurança, não só a nós, que nos beneficiamos com ela, mas o custo do nosso sistema de saúde” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE QUIROPRAXIA, 2008).

Outro fator de extrema importância é que em 2006 o Governo Federal, por meio da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, regulamentou o uso das plantas medicinais no Sistema Único de Saúde – SUS.

2.3 A proximidade dos raizeiros com a natureza

Em Goiânia há plantas medicinais no comércio de todas as regiões e biomas do Brasil, como também a presença de alguns remédios do exterior. Esse fato, de não negociarem apenas com plantas do bioma próximo, foi o ponto inicial para entender como são adquiridas as plantas, quais os agentes envolvidos nesse processo.

Ao falar das plantas mais difíceis de serem encontradas, os raizeiros citaram algumas plantas como “cabeça-de-nego” (*Annona coriacea*, também conhecida como cabeça-de-negro ou araticum) e “roseta”. A justificativa para a dificuldade de aquisição desses dois remédios foi a seguinte: “*porque são da Bahia e não tem aqui*”.

Entretanto, em busca da localização original dessas plantas, foram encontradas pesquisas desenvolvidas por Pereira & Silva (2008), sobre os nomes de plantas medicinais na região geoeconômica de Brasília. Elas citam a “cabeça-de-nego” como uma planta dessa região.

Já sobre a “roseta” não tem citações e/ou relatos em pesquisas na internet. No livro¹² no qual faz sua indicação como diurética e combate a gases intestinais e usa-se ainda para inflamação das vistas e feridas, não cita seu nome científico. Isso complicou sua identificação e a constatação da resposta fornecida.

Outra planta citada foi a “arnica” (*Lychnophora ericoides*). A arnica está em processo de extinção. E sua própria situação de quase extinção incentiva diversas pesquisas, como é o caso da pesquisa sobre a germinação *in vitro* da arnica:

A crescente destruição dos ecossistemas através da conversão de paisagens naturais em agricultura e pastagem e do extrativismo predatório tem se constituído na principal ameaça à biodiversidade. Segundo dados da Sociedade Brasileira de Botânica, **a arnica encontra-se ameaçada de extinção devido ao extrativismo predatório**. A crescente demanda da indústria farmacêutica em todo o mundo constitui oportunidade de uso de plantas medicinais nativas, sendo fundamental o estudo de sua propagação e

¹² Livro de Körbes, vulgo Irmão Cirilo sobre Plantas Medicinais

o manejo sustentável. O objetivo deste trabalho foi avaliar a taxa de germinação *in vitro* de sementes de arnica em diferentes meios e estabelecer um protocolo para estabelecimento e multiplicação (SILVA, 2006, s/p, grifos nossos).

Também, na pesquisa da USP, sobre as propriedades terapêuticas da arnica, afirma-se a mesma situação de processo de extinção¹³, porém com uso equivocado do termo conforme explicação na nota de rodapé:

O estudo também identificou que a arnica brasileira contém mais substâncias analgésicas e antiinflamatórias durante a floração, que normalmente ocorre de dezembro a março mas pode variar em função da região. A arnica brasileira, encontrada nos campos rupestres do país, **está em extinção devido à extração indiscriminada e à destruição dos ambientes naturais da planta**. Por isso, a equipe, com a colaboração da Unaerp, começou a testar a produção dessas substâncias por cultura de tecidos. A técnica consiste na obtenção de calos a partir de folhas de plântulas germinadas *in vitro*. Essas folhas são acondicionadas em frascos com diferentes reguladores de crescimento para induzir o desenvolvimento. Assim, obtém-se o calo, uma massa de crescimento desordenado de células produtoras do goiasensolido (GUEDES, 2001, s/p).

A arnica é uma planta encontrada em elevas altitudes, em regiões de planaltos. Nesses planaltos a agricultura, principalmente a modernizada, se desenvolve desmatando e destruindo grandes áreas de ecossistemas não totalmente ainda estudados. Não concordamos que o extrativismo da arnica seja a principal ação que leve a sua extinção, apesar de entender que o extrativismo predatório existe.

A “garra do diabo” (*Harpagophytum procumbens*), outra planta indicada como difícil pelo raizeiro R-7, e sua justificativa foi o preço: “porque é caro, cada 100 gramas custa R\$ 8,00”. Em alguns sítios da internet, como na página www.saudenarede.com.br/fi_toterapicos/garra_do_diabo.html, que comercializa remédios fitoterápicos, a seguinte descrição faz uma justificativa seu alto preço:

Garra do Diabo desenvolve-se em áreas limitadas da África, especialmente no deserto do Kalihari e nas estepes da Namíbia. Seu nome provém do aspecto do fruto ramoso e lenhoso provido de barbas semelhantes a garras. A planta era comumente usada pelos nativos africanos, na forma de infusão, em doenças reumáticas, diabetes, arteriosclerose, doenças do fígado, rins e bexiga. Além de possuir também uma possível ação benéfica sobre doenças do estômago, vesícula, pâncreas e intestinos. Também proclamavam que seu uso regular reduzia os males da velhice e as artérias tornavam-se mais elásticas. Embora fosse de conhecimento botânico desde o século XIX, foi somente após a Primeira Guerra mundial, inicialmente na Alemanha, que desenvolveram-se estudos sobre suas propriedades farmacológicas (SAÚDE NA REDE, 2008)

¹³ Extinção não é a mesma coisa que processo de extinção. Entretanto, existe o uso equivocado do termo para designar que a planta está em processo de extinção e não propriamente em desaparecida definitivamente. Nessa pesquisa afirmamos que a arnica está em processo de extinção.

Essa justificativa coincide com a mesma dada pelo raizeiro de Goiânia. Mas, ambas são falas de comerciantes de plantas, interessados na criação de diversas e até não verídicas explicações para justificar os altos preços de venda. Às vezes a quantidade de plantas ou sementes a ser comprada é tão pouca que gerará pouco lucro, também. Assim, o comerciante encarece o produto, pois, sua venda se faz em pequenas quantidades, e ele aumenta seus lucros.

Outro remédio citado foi o guaraná em pó (*Paullinia cupana, variedade sorbilis (Martius) Duke*). O raizeiro que o citou que hoje em dia é muito difícil conseguir o guaraná por causa da alta produção de refrigerante. Esta justificativa pareceu-nos a primeira vista sem fundamentos, pois é uma mercadoria facilmente encontrada em diversos tipos de estabelecimentos como drogarias, supermercados, lojas de suplementos alimentar, academias e também nas feiras e ambulantes, como com os próprios raizeiros. O guaraná em pó é um produto comercializado há bastante tempo, sem nenhum relato de choque de interesses entre as produções de refrigerantes e remédios.

O Ministério da Agricultura e Pecuária, pelas pesquisas da CEPLAC (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira)¹⁴ divulga o seguinte relatório em seu *sítio* sobre o guaraná:

O guaranazeiro (*Paullinia cupana, variedade sorbilis (Martius) Duke*) é uma planta nativa da Amazônia, produz o fruto conhecido como guaraná. É uma espécie vegetal arbustiva e trepadeira da família das sapindáceas, cujo nome provém do termo indígena 'varana', que significa árvore que sobe apoiada em outra. Cultivado inicialmente, na Amazônia pelos índios maués. Na Bahia é cultivado no baixo sul da **Bahia, tornando o estado o maior produtor do país**. O cultivo é de grande importância sócio-econômica para a região em virtude de ser explorado por pequenas propriedades e por ser uma atividade típica de agricultura familiar. **A área cultivada na Bahia é de 8.000 ha com produção de 2.600 toneladas e uma produtividade média superior a 500 kg/ha contra menos de 300 kg/ha da região produtoras da Amazônia**. A produtividade dos plantios da Bahia é muito superior, visto que a região reúne condições mais propícias ao desenvolvimento da planta, com boa distribuição de chuvas ao longo do ano, solos de maior fertilidade e baixa incidência de doenças como a antracnose, além de usar tecnologias geradas pelos pesquisadores da Ceplac (FRAIFE FILHO; RAMOS, 2008, s/p, grifos nossos).

Como visto acima no relatório da CEPLAC, a produção de guaraná somente

¹⁴ Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira - CEPLAC, órgão do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, atua em seis estados do Brasil: Bahia, Espírito Santo, Pará, Amazonas, Rondônia e Mato Grosso. Além do cacau pesquisa sobre 22 tipos de culturas e sobre a bovinocultura também.

no estado da Bahia chega a 2.600 toneladas, havendo ainda outros estados produtores, além do próprio estado do Amazonas, lugar de origem da planta. O relatório também desmistifica a região Norte como maior produção do guaraná.

Além do sítio da CEPLAC, o sítio da maior indústria de refrigerantes de guaraná, também foi visitado; no intuito de descobrir desde quando e como é adquirido o guaraná. Assim, o histórico do refrigerante Guaraná Antarctica, da AMBEV¹⁵, informa que atualmente a indústria produz parte de sua matéria-prima até mesmo para garantir a qualidade da matéria-prima:

[...] O refrigerante natural produzido com base no fruto de guaraná, é comercializado no país desde **1921**. De lá para cá, ganhou espaço na vida e nos lares dos brasileiros e conquistou paladares estrangeiros de vários países. Atualmente, ocupa o posto de segunda marca de refrigerantes mais vendida no Brasil, **é líder absoluto em seu segmento e está entre as 15 marcas mais vendidas no mundo.**

O Guaraná Antarctica foi lançado no **mercado brasileiro em 1921**, como Guaraná Champagne Antarctica.[...]. Desde a criação do refrigerante, a Antarctica **já comprava o fruto do guaraná diretamente de fornecedores da região de Maués (AM)**, para produzir o extrato em sua unidade em São Paulo. Com o sucesso do produto e o aumento do consumo, a Antarctica detectou, no final da década de 1940, a necessidade de estabelecer um escritório na região uma filial da companhia para facilitar o comércio do fruto, realizado diretamente em Maués. O extrato do guaraná, porém, continuou sendo produzido em São Paulo até **1962, quando entrou em atividade uma unidade industrial para extração do fruto na cidade de Maués.**

Mas foi no início da década de **1970, com a preocupação de garantir a qualidade da matéria-prima, que a Antarctica passou a produzir parte dos frutos para produção do Guaraná Antarctica.** O início do plantio, em 1971, na Fazenda Santa Helena, permitiu à empresa aprofundar os estudos sobre a cultura do guaraná e repassar a tecnologia e os conhecimentos desenvolvidos no local para os demais fornecedores. Assim, a Antarctica garantiria a melhor qualidade e preços menores das sementes compradas de terceiros.[...] **os 430 hectares de área cultivada da Fazenda Santa Helena estão distribuídos em 34 quadras dentro da mata nativa, promovendo o equilíbrio ecológico. A área total da fazenda é de 1.070 hectares.** (AMBEV, 2008, grifos nossos)

A partir de 1971, então, nessa grande área da Fazenda Santa Helena a indústria garante parte das sementes necessárias para a produção de refrigerantes. Ela ainda pesquisa com o intuito de garantir a melhor qualidade de seu produto como, também para repassar conhecimento para os fornecedores assim barateando o custo da produção.

O comerciante de Goiânia afirmou que a grande dificuldade de se encontrar guaraná em pó deve-se a uma grande produção de refrigerantes, e essa produção não

¹⁵ AMBEV – Companhia de Bebidas das Américas

permitiria o uso de guaraná para outras finalidades. De fato, a indústria de refrigerantes é grande consumidora de guaraná e ao mesmo tempo é também produtora. Como visto acima, este é um relato de apenas uma indústria, mas a maior do segmento. E empresas de médio e grande porte não ficariam totalmente a mercê de uma produção pequena e incerta. Da mesma forma que já existe mercado para o consumo de guaraná em pó também há produção destinada à mesma.

Outras plantas citadas como difíceis de serem encontradas são pariparoba (utilizada para reumatismo) e papaconha (utilizada para bronquite). A justificativa é o alto custo e a distância, pois vêm da Bahia. Entretanto, a pariparoba – *pothomorphe umbellata* – segundo publicação da FAPESP de pesquisa da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da USP, ela é originária da Mata Atlântica. A papaconha – *Hybanthus calceolaria* – também conhecida como Ipecacuanha-branca, Poaia-branca, é uma planta de origem nordestina.

As plantas e remédios importados também foram citados pelos raizeiros como difíceis de serem encontrados. Mas dizem que em São Paulo é diferente ali, se encontram com mais facilidade.

Quanto ao motivo da dificuldade de se encontrar a planta, os raizeiros entrevistados disseram ser o difícil acesso, o manejo não adequado, a extinção, o alto custo ou outros motivos. Uma das intenções com o questionamento era identificar se o raizeiro conhecia o processo de aquisição das plantas e suas dificuldades também, como seu local de extração ou produção e conseqüentemente a degradação do meio ambiente ou não. Mas, dentre os entrevistados apenas um falou da questão da extinção e da arnica.

Associando estas respostas ao fato de que a maioria dos raizeiros afirmou receber mercadoria de fornecedores de estados do Sudeste do país, fica evidenciado que o problema da extinção, manejo inadequado não insere na realidade vivida por eles. Eles compram as plantas preparadas para a comercialização – secas, repartidas, separadas, empacotadas, etc. – e não os preocupa ou não os interessa saber o *lócus* da extração e se seu processo é legal ou não.

Sobre a aquisição das plantas medicinais, ficou constatado que nenhum dos raizeiros faz apenas a coleta. Predomina-se a compra e 40% dos raizeiros que comercializam em Goiânia têm realizado algum tipo de coleta.

Antes de iniciar este estudo havia a hipótese de que os próprios raizeiros eram os coletores. Entretanto, boa parte dos raizeiros entrevistados negociam com mercadorias oriundas de fornecedores. E apenas 40%, deles, além de produtos adquiridos com fornecedores, ainda fazem algum tipo de coleta. Pode-se concluir que com o aumento da procura por mercadoria, com o desenvolvimento das redes de distribuição facilitando a compra do produto diretamente de fornecedores, a tendência é o fim ou a raridade de raizeiros que façam coleta num futuro próximo.

Dentre aqueles que ainda fazem alguma coleta destacam-se R-6 que opta ela mesma por buscar algumas das plantas. Conhecida por sua atividade, ela afirma sempre levar professores com seus alunos para coletar algumas plantas no cerrado. Alguns locais destacados para a coleta foram: as fazendas do município de Goiânia – “*Sim em Goiânia, a região é rica.*” (R-6, 01/2008) –, as fazendas da estrada de Goiânia para Brasília, Bom Sucesso, Alexânia e a região de Barreiras na Bahia, são as preferidas pelos raizeiros. As plantas que são coletadas por esses raizeiros indicadas nas entrevistas são a Douradinha e a Arnica, principalmente.

Aliada a este assunto está o cultivo de plantas comercializadas. E dentre estas apareceram o picão de praia (“de beira dos rios”) e trançagem seca. Também foi citada a existência da fazenda do dono da loja *A raizeira*, com diversas plantas cultivadas e outras conservadas no cerrado. Da propriedade são retiradas algumas plantas para serem comercializada na loja.

A maioria dos raizeiros trabalha, aproximadamente, cerca de 20 anos com plantas medicinais. Há raizeiros com mais de 40 anos de trabalho e outros com apenas 2 anos de experiência nesta área.

Todos os entrevistados afirmam acreditar na cura pelas plantas e que fazem uso de plantas medicinais cotidianamente, assim como as pessoas próximas, como familiares e amigos. Houve afirmações de que os amigos, conhecendo o trabalho que desenvolvem, sempre procuram seus saberes sobre quais remédios naturais usar.

Dos raizeiros entrevistados 30% moraram na zona rural e destes 10% apenas até 2 anos. Esse dado é um dos que contradizem a hipótese inicial de que a maioria dos raizeiros viria de uma direta e intensa experiência no campo, já comentada no início do capítulo 2.

Como já afirmado anteriormente, as questões referentes a extração, manejo,

conservação ou devastação são assuntos que não aparecem nas falas dos raizeiros. Algumas respostas, por vezes, revelam o não conhecimento da realidade do processo de coleta ou cultivo, de secagem ou processamento. A fase do processo a qual, de fato, demonstram ter intimidade, conhecimento e até mesmo encobrem algumas informações é a parte do fornecimento e distribuição das plantas-mercadorias.

Poucos deles cultivam algumas plantas em casa e esta relação quando apresentada apareceu de forma pormenorizada. Como a fala seguinte: *Cultivo sim, picão de praia, de beira de rio! Estão em extinção, são difíceis de encontrar*” (R-6, 01/2008). E a justificativa desse outro raizeiro: *“Moro de aluguel e não tem espaço. Mas, minha mãe que mora em Abadia planta pra mim trançagem seca na sombra.”* (R-12, 01/2008).

Logo, fica elucidada que a relação raizeiro-natureza mediada pela comercialização das plantas medicinais é distante. Não há um contato direto da maioria dos raizeiros com “natureza viva”, pois estes trabalham com a planta-mercadoria. Assim, como não há um conhecimento de como se desenrola o processo inicial de aquisição das plantas e remédios e seus efeitos na natureza. Se há destruição ou conservação de ambientes de onde são extraídas as plantas que eles comercializam suas falas demonstraram desconhecimento e/ou desinteresse pelo tema.

Mesmo havendo esta separação entre raizeiros e natureza, e até mesmo desinteresse por possíveis conseqüências ao meio ambiente que seu trabalho cause. O fato de estarem na cidade comercializando plantas medicinais demonstra um elo desses raizeiros mercadores com essa mesma natureza distante.

Ao final da etapa de 2005 desta pesquisa, concluiu-se que os raizeiros mercadores não lidavam com conceitos e conhecimentos sistematizados como na academia. Porém, eles detinham os saberes através da prática, mesmo que essa prática fosse a de comércio e não propriamente a de convívio direto com a natureza. Esta conclusão confirma-se também na etapa de 2008, quando constatou-se que a grande maioria dos raizeiros não é oriunda de áreas rurais com presença de ambientes de natureza conservada. Também, é confirmada quando os próprios entrevistados afirmam que é no uso e na prática que eles adquiriram seus saberes sobre plantas medicinais.

Essa relação raizeiro natureza ainda não é diretamente mediada pela Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Essa política não é direcionada

especificamente para a fiscalização e controle do serviço de comércio, a despeito de este ser um dos objetivos da política. Por entender que é relevante no capítulo 3 está uma breve apresentação dessa política, assim como algumas reflexões.

III. AS REDES SOCIAIS: DE PONTO EM PONTO ATÉ AS RAÍZES

Este capítulo primeiramente apresentará a localização dos raizeiros, evidenciando o estabelecimento da rede geográfica. Para compreender a distribuição e as redes em que estão envolvidos os raizeiros da cidade de Goiânia. A próxima seção discutirá sobre a categoria redes sociais, e serão apresentadas e analisadas as questões referentes às redes em que os raizeiros se envolvem, como a familiar, e também, as de distribuição e comércio. A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos merecerá uma seção neste capítulo por ser esta a mais recente ação do governo federal, evidenciando suas intenções nos vários setores vinculados à coleta, cultivo, beneficiamento, distribuição e usos de plantas medicinais em nível nacional. Ao final, as considerações finais da pesquisa.

As redes se formam a partir da conexão de nós. Estas redes conectam diferentes nós como pessoas, pontos comerciais, pontos espaciais etc.

Baseado nas idéias de Kansky (1963), Corrêa (1997) afirma que as interações espaciais se realizam a partir dos atributos das localizações e das possibilidades reais de se articularem entre si, e isso ocorre pelos pontos articulados por vias e fluxos, ou seja, pelas redes geográficas.

Já as redes sociais segundo Barbosa et all (2000) refere-se “ao conjunto de pessoas em uma população e suas conexões” (p.1). O mesmo autor ainda acrescenta que “a análise de redes sociais baseia-se no pressuposto da importância das relações entre unidades que interagem” (2000, p.1), neste estudo a relação dos raizeiros.

Logo, o comércio de plantas medicinais em Goiânia pode ser analisado pelo estudo das redes sociais, considerando as relações entre os raizeiros e as redes comerciais, na qual os nós seriam os pontos de comercialização ligados pelo fluxo de mercadorias; e as redes geográficas, permitindo uma análise espacial também das possibilidades e atributos das localizações.

3.1 Redes e raízes

O estudo de rede pretende desvelar a complexidade das formas de comunicação criadas no mundo. Para isso, busca entender como se estabelecem as conexões sociais e territoriais diversas. As redes podem ser sociais, urbanas, informacionais, técnicas, econômicas etc.

Devido ao desenvolvimento tecnológico quando se fala em rede logo se associa as redes de comunicação pela internet, como de relacionamentos, e sistema de telefonia, tanto fixa como móvel, serviços bancários, etc. Mas, segundo as palavras de Scherer-Warren (2005), rede é um sistema de nós interconectados. Assim, podem ser identificadas diversas outras redes que sejam malha viária, mercados periódicos, distribuição varejista, circuitos de ônibus ou rotas aéreas.

Como asseguram Costa e Ueda (2007), a noção de rede foi primeiramente associada ao labirinto na Antiguidade Clássica, também a tecelagem. Dias e Silveira (2005) enfatizam essa associação a tecelagem:

Embora desde sempre a rede esteja presente nos modos como os homens imaginam e representam o mundo – na Antiguidade grega a rede era observada como técnica de tecelagem, composta de fios regularmente entrelaçados que servia para capturar pequenos animais, e essa mitologia do fio e da tecelagem se enriquecia do imaginário das formas da natureza - , a partir do século XIX o extraordinário desenvolvimento das técnicas de comunicação contribuiu para a notoriedade e a difusão da idéia de rede (p. 7).

A partir de então, o termo “rede” passou a ser metaforizado para compreender técnicas, comunicações e fluxos entre diferentes locais.

Dias (2005) ainda discute os sentidos de redes agora intensificados e acelerados nos últimos tempos e que vão atribuir grande valor ao uso de redes nas análises. A autora (2005) enfatiza ainda quatro grandes fluxos que atravessam o espaço geográfico: “os movimentos de pessoas [...], os movimentos comerciais [...], os movimentos de informação [...], e os movimentos de capitais [...]” (p. 11).

Baseando em Dias (2005), que relaciona os movimentos de pessoas no âmbito global, procurou-se neste estudo estabelecer-se uma relação da migração com o uso de plantas medicinais. O fluxo migratório é importante no sentido do emigrante rural levar consigo os saberes sobre o ambiente no qual se encontrava e a maior proximidade com a natureza. São os deslocamentos que fazem o intercâmbio e a

amálgama de hábitos, costumes, instrumentos utilizados, alimentação, saberes. De um local para outro sempre se leva ou traz algo como a experiência, *souvenir*, instrumentos e coisas diversas. Um exemplo vivo, em nossa própria história, é a migração de europeus no período da colonização da América. Eles trouxeram, além da cultura, que foi imposta, outras coisas, como animais e o cavalo é um exemplo. Também levaram da América para a Europa, e de lá para o mundo, plantas alimentícias como batata e tomate.

Os resultados desta pesquisa, conforme ilustração 13, mostraram que já não é significativo no meio dos raizeiros o fluxo rural-urbano, mas a maioria deles vem do Nordeste e de cidade do interior do estado de Goiás como Pilar de Goiás, Rio Verde, Varjão etc. Observando a figura nota-se que 60% dos raizeiros são de cidades do próprio estado de Goiás e apenas R-6 afirmou ter vivido em zona rural, na fazenda durante 22 anos. Mas, como dito ao final do segundo capítulo, apenas 30% dos entrevistados moraram em zona rural.



Fonte: MACHADO, L. H. B. Trabalho de Campo, 2008.

Conforme já foi mencionado, o destaque no estudo efetuado é para a investigação da resistência dos saberes na cidade mesmo após períodos de contato com avanços médicos e farmacêuticos. Entre as redes, aquela se revelou essencial na transmissão de conhecimentos e desenvolvimento de redes comerciais foi a familiar.

Em 2005 os dados refletiam que os raizeiros do Setor Central em sua maioria tinha vindo de zona rural da Bahia. Ao se ampliar a pesquisa do setor central para a cidade de Goiânia, conclui-se que os migrantes baianos estabeleceram seu ponto

comercial no setor central, enquanto os dados para Goiânia demonstram que esses baianos diluem-se nos 20% dos nordestinos como representa a ilustração 03 anterior.



Fonte: MACHADO, L. H. B., Trabalho de Campo, 2008.

Já no que diz respeito aos movimentos comerciais ou fluxos de mercadorias, estes têm se ampliado também quando se fala em plantas medicinais. O que era apenas um uso restrito ao domínio caseiro passou estabelecer-se em diversas feiras, bancas e lojas. E se só utilizavam-se as plantas do bioma local, ou as que estavam plantadas no quintal por causa da facilidade, agora pode-se comprar plantas de outros biomas nacionais, como de outros países no mundo inteiro, conforme já dito no caso da planta garra do diabo. A acessibilidade de produtos de origem distante, importados não é mais problema.

Aliados ao desenvolvimento dos movimentos comerciais estão os fluxos informacionais. As redes se compõem de infra-estrutura, equipamentos, frota e maquinário para se efetivar, por exemplo, a rede comercial. Mas a divulgação dos produtos, o uso dos meios de comunicação são necessários para o fechar de acordos e negócios, ou seja, para se chegar ao fim da rede, que é o consumidor. Dessa forma, as informações são um grande impulsionador da circulação das redes comerciais, como das demais.

E são os movimentos de capitais ou fluxos monetários ou financeiros que colocam em prática as movimentações anteriores, pois são os fluxos monetários que geram empregos e atraem migrantes, criam infra-estruturas e possibilitam as informações.

Diante disso, as redes geram e tornam-se alvos de estudos porque estes movimentos criam novas conexões e novas ordens sociais e territoriais se estabelecem. Como aparece nas falas dos raizeiros, assim também, ocorreu com o comércio de plantas medicinais: as primeiras redes de uso e comércio de plantas eram menores, sem tantos nós. Geralmente limitavam-se a um coletor (pais e avós) que buscava e levava para família e vendia para vizinhos e/ou outros na cidade. Este mesmo desempenhava a tarefa de coleta e de distribuição ou venda.

Com advento e estabelecimento dos avanços do meio técnico científico os movimentos comerciais, informacionais e de capitais são acelerados, o que altera o processo de distribuição de plantas medicinais internacional, nacional e regional no sentido de expansão e reorganização da comunicação espacial. No caso em estudo, dentre as hipóteses inicialmente construídas, pensou-se ainda que existiria uma importância para esse tipo de rede local e regional. Entretanto, as redes nacionais foram as predominantes relatadas como aquelas que atuam na distribuição das plantas comercializadas na cidade de Goiânia.

Plantas e remédios internacionais também foram citados. São conhecidos e bastante procurados. Como já relatado, alguns produtos citados vêm da África e Japão. Mas, a maioria das plantas comercializadas vem, de fato, dos biomas brasileiros, com destaque para plantas do Cerrado. Boa parte dessas mercadorias tanto do Cerrado como de outros biomas chega aos raizeiros pelos distribuidores localizados no Sudeste. Estes distribuidores têm mercadorias originárias de todo o Brasil e de diversas partes mundo, inclusive porque em cidades cosmopolitas como a própria São Paulo o acesso e oportunidades para criar ou inserir-se nessas redes nacionais e internacionais é maior e facilitado. A região Sudeste é um nó importante para rede de distribuição nacional de plantas medicinais e remédios, ou seja, um nó central de grande influência nesta rede.

Para Scherer-Warren (2005) há três dimensões de análise das redes que devem ser consideradas: “a temporalidade, a espacialidade e a sociabilidade” (p. 37).

A primeira dimensão diz respeito a comunicação em rede em tempo real, mas que permite a conexão de tempos sociais diferentes. No caso do comércio de plantas medicinais constatou-se isso da seguinte maneira: o tempo lento do raizeiro-coletor e pequeno raizeiro-mercador, muitas vezes ainda com técnicas rústicas, é simultâneo ao tempo rápido dos pedidos feitos pela internet e telefones fixos e celulares

das empresas de distribuição, que recebem os pedidos. Da mesma forma, também raizeiros feirantes, podem receber solicitações por telefone de envio de determinados remédios para o Japão e Estados Unidos da América, como relatou R-6¹⁶.

Quanto à espacialidade deve-se observar a criação de novas territorialidades, virtuais e presenciais, e a conexão entre ambas. Existem locais específicos na cidade de Goiânia que estão se constituindo em centralidades do comércio de plantas medicinais com o setor Central e o setor Campinas. Esta configuração espacial se dá pelo fato desses lugares já estarem estabelecidas como centralidades comerciais, atraindo as lojas de plantas medicinais que se concentram nesses locais. Mas também constatou-se que de 57 feiras-livres diurnas dos bairros de Goiânia visitadas, 26 dessas apresentaram a existência de pelo menos uma banca de raízes. Os espaços virtuais também têm se constituído e se multiplicado. Existem atualmente diversos sítios de comercialização, comunidades em sítios de relacionamento como o *Orkut*, *Hi5* e *Blogs*. Nos sítios de relacionamentos as plantas medicinais aparecem ligadas ao tema “vida natural”. A ligação de ambos espaços, o virtual e o presencial, é feita principalmente entre raizeiro e fornecedor/distribuidor, para a solicitação de mercadorias. Não foi constatado algum raizeiro em Goiânia administrando um espaço virtual de comércio ou de discussão sobre plantas medicinais.

Já a dimensão sociabilidade está ligada às novas formas de relações sociais, em intensidade, abrangência, intencionalidade e, em especial, seu significado e alcance num novo tipo de esfera pública. Os laços familiares apareceram como os mais importantes, pois por eles os saberes e técnicas são transmitidos, gerando influência para a abertura de novos pontos comerciais, seja banca ou loja, próprios.

Quanto às novas formas de relações sociais e a intencionalidade expressam-se nesse aumento de pontos comerciais em Goiânia. Sua abrangência está aumentando através das distribuidoras nacionais, principalmente. O comércio que era antes realizado regionalmente agora se dá tanto em escala nacional quanto internacional conforme já foi dito. Com a recente política de Plantas Medicinais e Fitoterápicos obrigando o Sistema Único de Saúde – SUS, a inserir o uso de plantas medicinais em seus tratamentos fica clara também a intencionalidade de inserção da esfera pública do sistema de saúde.

¹⁶ Informação fornecida durante as entrevistas. Mesmo sabendo que é ilegal o envio de mercadorias desse tipo por questões de biossegurança, R-6 afirmou que manda por conhecidos e já o fez até pelo sistema dos Correios.

3.2 A localização dos pontos de comércio de plantas medicinais em Goiânia

Essa organização espacial dada por construções sociais e constituição de redes de raizeiros na cidade de Goiânia, será apresentada e discutida baseando-se em suas localizações e interações, uma vez que, como afirma Corrêa (1997),

As construções sociais, as redes são historicamente contextualizadas, constituindo-se em parte integrante do longo e cada vez mais complexo processo de organização espacial socialmente engendrado. Pois as **localizações, vias e fluxos são elementos essenciais e insubstituíveis da própria existência e reprodução social** (p. 306, grifos nossos).

Assim, concordando com Corrêa, é de extrema importância entender as bases para a reprodução social dos raizeiros; portanto, o complexo processo de organização espacial de Goiânia, com foco no comércio de plantas medicinais neste estudo, será analisado se apoiando em Corrêa, e dará ênfase à localização dos pontos comerciais.

No núcleo central de Goiânia localiza-se a Praça Cívica. Nela se encontram o Palácio das Esmeraldas – casa oficial do Governador do Estado – o prédio do Centro Administrativo – com diversos órgãos estaduais –, além do Museu Zoroastro Artiaga e a Secretaria de Finanças do Município de Goiânia. Para esta praça convergem três das principais avenidas da Cidade: Tocantins, Goiás e Araguaia de tráfego intenso de carros, ônibus, bicicletas e pessoas. E, perpendicularmente, elas são cruzadas pelas Avenidas Paranaíba e Anhangüera.

Na ilustração 15, a Praça Cívica pode ser localizada. Neste mapeamento, de 2005, havia uma concentração de raizeiros no encontro das avenidas Goiás e Paranaíba, e outra concentração de raizeiros no Mercado Central de Goiânia, localizado entre a Rua 3 e a Avenida Anhangüera.

Esta região é considerada como o Núcleo Pioneiro de Goiânia, centro histórico da cidade. Este núcleo juntamente com alguns prédios, monumentos e outras áreas da cidade estão tombados como Patrimônio Nacional, por causa de seu traçado urbanístico e da arquitetura de vários prédios concebidos no estilo *Art Dèco*. Como já afirmado, o aspecto que mais se evidencia no setor central é o fato de ser uma centralidade econômica e financeira, comercial (bancos, lojas, serviços, órgãos públicos, cartórios, clínicas e hospitais, etc.), de lazer (mercados, feiras, cinemas, *Shoppings*

Center e outros), e igualmente centralidade de trabalho e conexão de linhas de transporte público. É nessa paisagem de edificações tombadas como patrimônio, pessoas trabalhando, indo aos bancos ou as clínicas, circulando, nesse movimento de vaivém de camelôs gritando nas calçadas oferecendo óculos e CDs ‘piratas’, bancas de jornal e lanchonetes que, em várias esquinas, se encontram as concentrações de raizeiros supracitadas.

Essa paisagem do centro faz lembrar Cosgrove (1998), ao afirmar que “a paisagem sempre esteve ligada [...] com a cultura, com a idéia de formas visíveis sobre a superfície da terra e com sua composição. A paisagem de fato é uma ‘maneira de ver’, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma ‘cena’, em uma unidade visual” (p.85). O autor afirma ainda que esse termo surge justamente para representar uma nova relação dos seres humanos com seu ambiente e por isso, que “examiná-las e decodificá-las nos permite refletir sobre nossos próprios papéis para reproduzir a cultura e a geografia humana no nosso mundo diário” (1998, p.85).

Assim, propõe-se examiná-las e decodificá-las: ao andar pelas ruas, avenidas e praças de Goiânia e observar sua paisagem de vários locais é possível encontrar pontos de comercialização de plantas medicinais sejam eles lojas, bancas em feiras e mercados. Na Avenida Goiás, do Setor Central, entre a Avenida Paranaíba e a Rua 55, encontra-se uma loja que comercializa plantas medicinais. Com duas grandes portas abertas, várias prateleiras repletas de ervas empacotadas em pequenos sacos plásticos transparentes, grandes potes com pó das ervas que foram moídas, óleos e xaropes já engarrafados em diversos tamanhos. Essa loja, “Casa das Raízes”, é de R-1.



Ilustração 16. Foto. Loja do Sr. João, na Avenida Goiás.

Fonte: MACHADO, L.H.B, dez., 2005.

Voltando para a Avenida Paranaíba, no Mercado Aberto pode-se encontrar também duas pessoas comercializando plantas medicinais. Nesse caso não em lojas, mas em barracas do próprio mercado. Algumas das plantas estão em saquinhos

plásticos, outras não, encontram-se simplesmente empilhadas umas sobre as outras; às vezes amarradas com borrachas pretas de câmara de pneus ou “liguinhas amarelas (de prender dinheiro)”. Geralmente as borrachas pretas são mais largas que as amarelas e amarram as raízes ou troncos mais grossos e as amarelas as raízes e troncos mais finos ou em menor quantidade. Já as plantas ou parte delas que são mais delicadas não estão embaladas e também não estão amarradas para que não se esmaguem. Essas últimas só são separadas e embaladas na efetivação da compra de acordo com a quantidade que o cliente deseja. Um dos donos dessas barracas é o raizeiro R-4.

Uma banca azul de ferro em frente o lado oeste do Mercado Aberto pode ser vista na esquina da avenida Paranaíba com a avenida Goiás, isso na calçada do estacionamento do banco Bradesco. Durante a noite a banca fica trancada guardando a mercadoria e durante o horário comercial está aberta. É uma banca fixa. Ali, algumas das plantas estão ensacadas e outras empilhadas, além dessas também são comercializadas garrafadas feitas pelo próprio dono da banca, o R-2.



Ilustração 17. Foto. Banca na esquina da Avenida Paranaíba com a Goiás.

Fonte: MACHADO, L.H.B, nov., 2005.

Ainda na Avenida Paranaíba, na esquina ao lado do Instituto de Nefrologia e em frente ao lado leste do Mercado Aberto encontra-se outra “banca-armário” de ferro, de cor branca. O R-3 é o dono desta banca.

Só neste pequeno recorte espacial da capital goiana é possível localizar e enumerar cinco raizeiros. Dentre estes raizeiros quatro são irmãos. Assim eles são membros de duas redes a familiar e a comercial referente à plantas medicinais. Essas relações familiares e sua influência na rede comercial de plantas medicinais serão tratadas especificamente mais adiante.

A caracterização desta paisagem contribui na construção da compreensão da mesma no sentido de desvelar porque, como e onde as plantas são utilizadas e comercializadas. Nessa paisagem do centro da metrópole goiana algumas características tornam-se mais relevantes para esse estudo, como a existência dos mercados Central, e Aberto, o Camelódromo e as próprias avenidas movimentadas por ônibus, carros e pessoas, onde se encontram os raizeiros.

3.2.1 Localização e circuitos dos raizeiros

Na apresentação já explicamos a ampliação da área de estudos que, inicialmente, seria os Mercados Aberto, Central e de Campinas e a Feira Hippie, todos localizados no Centro e Campinas. Os dois setores haviam sido selecionados por serem centralidades expressivas da cidade de Goiânia, com significativo comércio, agências bancárias, órgãos públicos, serviços, e grande fluxo de pessoas. Esse fluxo ainda é intensificado, tanto no Centro como em Campinas, por também existir conexão de linhas de ônibus interurbanos e municipal.

No setor Central já era conhecida a existência de uma loja na Avenida Goiás, a “Casa das Raízes”, já mencionada, e duas lojas na Avenida Paranaíba, “Clorofila” e “Santa Efigênia”, que se especializaram na venda e também na distribuição de plantas medicinais para outros pontos comerciais.

Campinas abriga o terminal de integração das linhas de transporte público, o terminal da praça da “A”, onde as linhas de ônibus fazem conexão sem a necessidade de passageiros fazerem o pagamento de outra passagem. No centro não existe um terminal para integração de viagens, mas a quantidade de linhas que passa ali possibilita outras conexões com a aquisição de outra passagem.

Na idéia inicial o projeto era desenvolver um estudo sobre raizeiros mercadores, que se caracterizam por comercializar plantas medicinais de maneira informal, podendo ser ambulantes ou fixos no Centro e em Campinas. Após iniciado o trabalho de campo, como relatado na apresentação, constatou-se a presença de outros tipos de pontos comerciais, como as lojas nos setores selecionados, Centro e Campinas, como também no Setor Sul e Setor Pedro Ludovico, ampliando o universo espacial da pesquisa.

As primeiras informações conseguidas foram da existência de apenas quatro feiras, totalizando a possível presença de sete raizeiros. Possível, porque, a informação veio acompanhada com a ressalva de que esses dados poderiam ser diferentes “in loco”.

No quadro abaixo aparecem esses dados fornecidos pela SEDEM, os quais foram parcialmente confirmados em campo. A presença de comercialização de plantas medicinais no Cepal do Setor Sul, nos dias indicados foram localizados. Já no Cepal do Jardim América a feira de quinta-feira que ocorre a noite e a de domingo não foram visitadas.

Ilustração 18. Quadro: Primeira etapa de levantamento de raizeiros em Goiânia, segundo dados da SEDEM, 2007.		
	Dia	Número de raizeiro
Setor Sul	Quarta-feira	3
	Sábado	1
Jardim América	Quinta-feira	1
	Domingo	2

Fonte: MACHADO, L.H.B. Trabalho de campo, fev. 2007.

Na segunda etapa foram ainda visitados os mercados de Campinas, Centro-oeste, Vila Nova, e feita a localização de pontos comerciais nas proximidades destes mercados. Esses dados que aparecem na ilustração 19.

Ilustração 19. Quadro: Segunda etapa de levantamento de pontos comerciais de plantas medicinais em Goiânia, 2007.		
Caracterização do ponto comercial	Quantidade	Localização

Loja	4	Campinas
Mercado	8	Campinas, Centro-oeste e Vila Nova
Feira	1	Campinas
Ambulante	2	Campinas

Fonte: MACHADO, L.H.B. Trabalho de campo, mai. 2007.

De acordo com a ilustração 19 foram localizadas 4 lojas que estavam no Setor Campinas: “Rei das Raízes”, “Raízes 10”, “Nativa”, “A raizeira”. Já no Mercado de Campinas foram localizadas 4 bancas, no Mercado Centro-Oeste apenas uma banca e no Mercado da Vila Nova 3 bancas. Ainda foram localizados um feirante atrás da Igreja Matriz de Campinas e 2 ambulantes sendo um na praça ao lado da Igreja Matriz de Campinas e outro na praça Joaquim Lúcio, na rua 24 de outubro, próximo ao Hospital Santa Lúcia.

Além do levantamento dos raizeiros da região de Campinas e Vila Nova esta etapa se desdobrou na conferência da existência de lojas no Setor Central e Setor Sul. Com estes dados confirmados em campo, somou-se as informações de lojas presentes também em outros bairros, outras informações colhidas nas entrevistas, tanto as realizadas em 2005 como as de 2007, como podem ser observadas na tabela abaixo:

Nº	Loja	Localização	Outras / rede	Total
01	A Raizeira	Av. Anhanguera - Campinas e Centro (outros ¹⁷)	12	14
02	Cactus Farma	9ª Avenida, 7 - Setor Leste Vila Nova	1	1
03	Casa das Raízes	Av. Goiás – Centro	1	1
04	Casa de Raízes	Av. Botafogo - Setor Pedro Ludovico	1	1
05	Clorofila	Av. Paranaíba – Centro	1	1
06	Ervanaria	Av. Paranaíba – Centro	1	1
07	Império das Raízes	Av. Anhanguera - Campinas	1	1
08	Nativa	Av. Rua Jaraguá - Campinas	1	1
09	Planta Fé	Av. 83 – Setor Sul	1	1
10	Raízes 10	Av. Anhanguera – Campinas	1	1
11	Rei das Raízes	Av. Anhanguera - Campinas	2	2

¹⁷ Os outros Bairros são: Vila Canaã, Cidade Jardim, Nova Esperança, Vila Nova e Garavelo. Eles não aparecem no quadro por não terem sido visitados.

12	Santa Efigênia	Av. Paranaíba - Centro	1	1
13	Garden Tamburil	Av. Jamel Cecílio – Jardim Goiás	1	1
Total de lojas localizadas em Goiânia				27

Fonte: MACHADO, L.H.B. Trabalho de campo, mai., 2007.

Ao observar a tabela 01, dois dados se destacam: o primeiro é a quantidade de lojas que a rede “A raizeira” tem. O segundo dado é a concentração de lojas nos Setores Campinas e Centro. Para melhor visualizar estas concentrações na tabela 02 e na ilustração 20, aparecem a quantidade de lojas por setores:

Tabela 02. Concentração de ervanárias por setores - Goiânia, 2007.		
Setor	Quantidade	Percentual (%)
Campinas	8	30
Central	9	33
Outros (Setor Sul, Setor Pedro Ludovico, Vila Nova, Jardim Goiás, Vila Canaã, Cidade Jardim, Nova Esperança e Garavelo)	10	37
Total	27	100

Fonte: MACHADO, L.H.B. Trabalho de campo, mai., 2007.

A observação da tabela 02 registra a concentração de ervanarias em dois importantes setores de Goiânia, o Setor Campinas e o Setor Central o que confirma a hipótese que as centralidades da cidade também abrigariam comércio de plantas medicinais. A história, a estrutura e organização espacial destas centralidades favorecem a presença desse tipo de comercialização, pois são setores antigos, que mantêm a tradição dos mercados e feiras grandes e antigas. E de maneira mais clara a ilustração 20 mostra essa concentração nestes dois setores.



Fonte: MACHADO, L.H.B. Trabalho de campo, mai., 2007.

A visita as feiras evidenciou a importância delas na articulação espacial na distribuição e comercialização de plantas medicinais na cidade. A feira se configura num ponto ou nó estratégico, pois é um local na cidade onde se faz semanalmente o contato com o campo, encontram-se os produtos “naturais” ou rurais e dentre eles os remédios, plantas, garrafadas, mas também pomadas, cápsulas e xaropes. Na ilustração 21 abaixo, da banca de R-12 na feira do Itatiaia, no sábado é possível observar a variedade de produtos medicinais comercializados. Na ilustração 22, banca no Mercado de Campinas, esta variedade de produtos também aparecem. Como pode ser observado além das plantas medicinais ensacadas e em pó estão expostos cereais, conservas e garrafadas.



Na foto ao lado podem ser observadas a presença de folhas secas empacotadas (1), xaropes engarrafados (2), garrafadas (3), tubérculos – gengibre (4), pó de plantas encapsuladas (5), gel (6), óleos (7) e ervas maceradas – em pó em potes de vidro (8).

Ilustração 21. Foto. Banca na Feira do Itatiaia- Goiânia/GO.

Fonte: FERNANDES, C. A. mar., 2008.

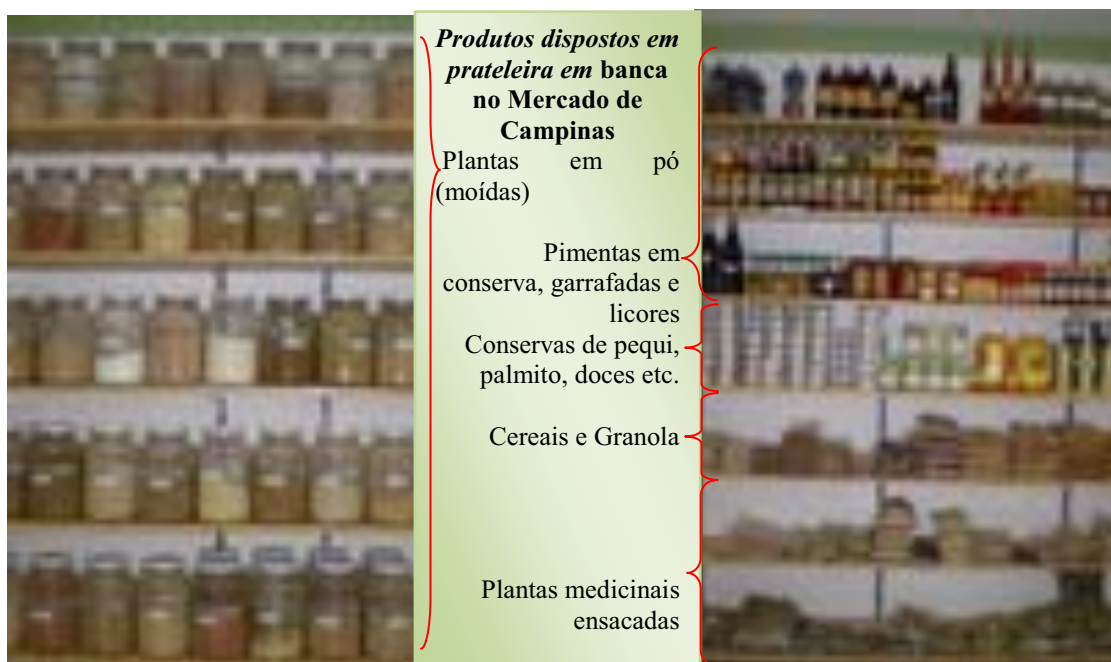


Ilustração 22. Fotos da banca do Mercado de Campinas – Goiânia/GO.

Fonte: MACHADO, L.H.B. Trabalho de campo, mar., 2008.

Como apontado na apresentação, este mesmo raizeiro, R-12, ainda faz o seguinte percurso pela cidade: domingo está na feira do Urias, na segunda na feira da Fama, na quarta-feira no Criméia - Oeste, quinta-feira no setor Centro-Oeste e sábado à noite no Balneário. Além de pertencer a redes de distribuição e comércio, esse raizeiro ainda percorre um circuito semanal pela cidade, demonstrando mais um tipo de dinâmica espacial. Para os raizeiros feirantes esta é uma dinâmica comum.

Os raizeiros feirantes constroem circuitos como estes por vários pontos da cidade. Eles vão estar presentes em mais de uma feira com o objetivo de expor seu produto para outros públicos em locais diferentes. Para Corrêa (2001), isso é caracterizado como uma sincronização espaço-temporal das atividades humanas. Sobre isso esse autor explica que,

Os dias de funcionamento de cada mercado acham-se articulados aos dos demais, numa lógica de tempo e espaço, envolvendo o deslocamento periódico e sincronizado dos participantes de um dado mercado. Em outros termos, os comerciantes e prestadores de serviços reúnem-se a cada dia em um determinado núcleo de povoamento, para onde converge a clientela de uma área próxima ao núcleo (p.51).

São as feiras que fazem a grande cobertura espacial da cidade fornecendo frutas, legumes e também remédios naturais. Pode parecer que o número de feiras não atenda toda cidade. Mas dois aspectos clareiam esse fato: as feiras não fazem apenas a

cobertura de um bairro, mas de uma região em torno do bairro em que está estabelecida, e, o segundo, é a existência de novas feiras ainda não legalizadas ou em processo de legalização.

Tabela 03. Levantamento de raizeiros em Feiras - Livres Diurnas de Goiânia, 2007.					
Nº	SETOR	TURNO	LOCALIZAÇÃO GPS	RAIZEIROS	ENDEREÇO
Segunda-feira					
1	Setor Fama	Diurna		01	Rua 27, qds. 10 e 11, esquina com rua 3
Terça-feira					
2	Dom Bosco	Diurna			Rua 29, esquina com R1 e R4
3	Cepal Vila Abajá	Diurna	22K0682528 / UTM 8156848	01	Rua Benjamim Constant esquina com rua 05 e Marginal Sul
4	Castelo Branco	Diurna	22K0681358 / UTM 8154535	01	Rua 55, entre qds. 10 e 13
5	Conjunto Riviera	Diurna	22K0690977 / UTM 8154093	01	Av. da Liberdade com rua 14
Quarta-feira					
6	Bairro Goiá	Diurna	22K 0678060 / UTM 8154684	03	Av. Felipe Camarão, qds. 38 e 39
7	Parque Amazonas	Diurna	22K0683463 / UTM 8149624	03	Praça José Rodrigues de Moraes Filho, qds. 197 e 198
8	Jardim Novo Mundo	Diurna		NÃO TEM	Rua Estádio Galifórnia, qd. 136
9	Críméia Oeste	Diurna	22K0684762 / UTM 8158290	01	Rua João Alves de Castro, qd. 20, Praça Dom Prudêncio
10	Vila Canaã	Diurna	22K0679575 / UTM 8154136	01	Av. Aderup com Av. Nendemeyer, entre qds. 217 a 221
11	Vila Nova	Diurna		NÃO TEM	Av. 10ª Avenida, entre qds. 46 e 66
12	Cepal Setor Sul	Diurna	22K0687111 / UTM 8154299	01	Rua 115 esquina com Av. Fued José Sebba
13	Setor Coimbra	Diurna	22K0683260 / UTM 8149624	03	Av. Perimetral, entre T-1 e T-6
14	Setor Ferroviário	Diurna		NÃO TEM	Rua 44 em frente à 67-A, qd. 144ª
15	Conjunto Vera Cruz II	Diurna	22K0672094 / UTM 8155044	02	Av. Gercina Borges Teixeira, Etapa II, qds. C48 e C49
Quinta-feira					
16	Setor Aeroporto	Diurna	22K0684936 / UTM 8155686	01	Rua 11-A, entre qds. 15-A e 22-A
17	Setor Centro-Oeste	Diurna	22K0683332 / UTM 8156525	01	Rua 510 com rua P-25
18	Setor Universitário	Diurna		NÃO TEM	Rua Uberaba com rua 307, entre qds. 1 e 116
19	Bairro Capuava	Diurna	22K0684872 / UTM8158332	02	Rua Tomaz A. Gonzaga, entre qds. 20 e 26
20	Jardim Planalto	Diurna	22K0680466 / UTM 8151420	02	Av. Marco Polo, entre qds. 41 e 51
21	Conjunto Vera Cruz I	Diurna			Av. Gercina Borges Teixeira o/ rua Heliezer Qd. C16 e C17
22	Cepal Jardim América	Diurna			Praça C-108, entre rua C-105, rua C-115 e Av. C-1
Sexta-feira					
23	Setor Sudoeste	Diurna	22K0681193 / UTM 8153216	02	Praça C-8, C-12 com C-15
24	Críméia Leste	Diurna		NÃO TEM	Av. Couto Magalhães, qd. G com qd. L
25	Vila São José	Diurna	22K0680528 / UTM 8151584	01	Av. Padre Wendel, entre qds. 564 e 566
26	Dom Bosco	Diurna			Rua 29, esquina com rua 1 e rua 4, Setor Oeste
27	Rua Ipameri	Diurna			Rua Ipameri, entre qds. 109 e 133
28	Bairro Feliz	Diurna		NÃO TEM	Rua 810 com rua 823, entre qds. 937 e 939
29	Conjunto Baliza	Diurna			Rua BL-2, Qd. B-1
Sábado					
30	Jardim Novo Mundo	Diurna		NÃO TEM	Rua Alegrete com rua Joinville, entre qds. 38 e 45
31	Finsocial	Diurna	22K0679366 / UTM 8163476	03	Rua VF-52
32	Parque Laranjeiras	Diurna			Rua C2A, fim ruas C2A/C4
33	Cepal Setor Sul	Diurna	22K0687111 / UTM 8154299	01	Rua 115 esquina com Av. Fued José Sebba
34	Setor Bueno	Diurna			Rua T-49, com Av. T-1
35	Novo Horizonte	Diurna	22K0679020 / UTM 8150201	02	Av. Domiciano Peixoto
36	Cidade Jardim	Diurna	22K0680064 / UTM 8155353	01	Av. Dom Emanuel
37	Setor Fama	Diurna			Av. Marechal Rondon com rua 3, qd. 11
38	Conjunto Itatiaia	Diurna	22K0686074 / UTM 8163476	01	Rua R-11
39	Pq. Ind. João Brás	Diurna	22K0675369 / UTM 8154159	02	Av. Berlim com Rua Oriente s/n
Domingo					
40	Conjunto Riviera	Diurna		NÃO TEM	Av. da Liberdade
41	Jardim Guanabara	Diurna		NÃO TEM	Av. Contorno qd. 37-A
42	Conjunto Vera Cruz I	Diurna			Av. Gercina Borges Teixeira com Rua Heliezer, qds. C-16 e C-17
43	Conjunto Vera Cruz II	Diurna			Av. Gercina Borges Teixeira
44	Jardim Nova Esperança	Diurna			Av. Sol Nascente
45	Úrias Magalhães	Diurna	22K0684409 / UTM 81599626	01	Av. Francisco Bibiano entre Av. Central e qd. 53
46	Balneário Meia Ponte	Diurna	22K0681781 / UTM 8162422	01	Av. Circular
47	Vila Redenção	Diurna	22K0687277 / UTM 8150682	01	Praça do Comércio, qd. C-01
48	Setor Universitário	Diurna		NÃO TEM	Rua Uberaba com rua 307, qd. 1 com qd. 116
49	Setor Palmito	Diurna		NÃO TEM	Av. Cristóvão Colombo, qds. 212 e 213

50	Setor Pedro Ludovico	Diurna	22K0686100 / UTM 8151259	01	Praça Isidória de Almeida Barbosa
51	Cepal Jardim América	Diurna		NÃO TEM	Pça C-108, entre r. C-105, r. C-115, Av. C-1
52	Vila Nova	Diurna			Av. Nona Avenida, entre a 5ª Av. e rua 207
53	Setor União	Diurna			Rua U-55
54	Setor Centro-Oeste	Diurna			Rua P-25 com rua 510 e rua 509, qd. 21
55	Vila Mutirão	Diurna			Av. do Povo, entre a r. Transversal e qd. Q
56	Bairro da Vitória	Diurna			Av. Comercial
57	Vila Pedroso	Diurna		NÃO TEM	Rua 2, qd. K
TOTAL	GOIÂNIA	Diurnas		41	

Fonte: MACHADO, L.H.B. Trabalho de campo, 2007, base de dados Prefeitura de Goiânia.

Legenda da tabela 03.	
Total de feiras diurnas (Funcionamento: 07 h às 14 horas)	57
Feiras visitadas	41
Feiras não visitadas	16
Feiras visitadas com raizeiros	26
Feiras visitadas sem raizeiros	13
Total de raizeiros	41

Fonte: MACHADO, L.H.B. Trabalho de campo, 2007, base de dados Prefeitura de Goiânia.

Na tabela acima aparecem em cor laranjada o período de funcionamento das feiras-livres, diurno¹⁸; em cor verde estão indicadas as feiras visitadas durante o ano de 2007; e na cor cinza as feiras não visitadas, como podem ser observadas na legenda acima.

As feiras e Mercados desempenham importante papel na cidade. Conhecida como a cidade das feiras, Goiânia atrai muita gente de diversas partes do país para as feiras¹⁹ Hippie, da Lua, do Sol, do Cerrado e outras. A Feira Hippie realiza-se aos domingos pela manhã. Sua localização ao lado da Rodoviária facilita o acesso para muitos clientes de outras cidades chegarem a feira aumentando o número de clientes. A fama da feira, aliada ao grande número de pessoas que procura a feira gerou, a abertura de algumas galerias comerciais nas proximidades. Tudo isso atrai também a informalidade. Nessa feira localizamos 3 pequenos raizeiros: R-25 R-26 e R-30.

As Feiras da Lua e do Sol, respectivamente, ocorrem no sábado e domingo. A primeira se localiza na Praça Tamandaré e a segunda na Praça do Sol, ambas no setor Oeste. São feiras que atendem um público mais elitizado e muitos turistas, principalmente de Brasília. Seus produtos têm o preço maior e alguns produtos

¹⁸ Foram selecionadas as feiras livres diurnas comercializam hortifrúti e as noturnas têm o comércio voltado para lanches prontos, roupas, sapatos, acessórios, bugigangas, etc.

¹⁹ As feiras especiais atraem pessoas de todo o país por causa da venda atacadista, principalmente de confecção.

apresentam acabamento diferenciado em relação aqueles da Feira Hippie. Nestas feiras não foram localizados raizeiros. Apenas alguns ambulantes ilegais que oferecem alguns produtos como gel de arnica. A feira do Cerrado tem uma especificidade: os produtos comercializados são artesanais. Não há venda de industrializados e roupas como acontece nas Feiras Hippie, do Sol e da Lua.

Independente de ser especial ou livre, são acrescentadas de novos feirantes, algumas pessoas desempregadas e que não conseguem recolocação no mercado formal. De acordo com a tabela 03, o mapa demonstra as feiras dos bairros visitados com raizeiros:

Os mercados também expressam o caráter cultural da cidade. Um exemplo é o mercado central de Goiânia (ilustração 24) que foi estabelecido antes da fundação da cidade e até hoje está em funcionamento. Eles exercem papel importante principalmente para os moradores dos bairros adjacentes como o Centro e Campinas. Estes moradores são em sua maioria composta por idosos, que passam boa parte do dia sozinhos, pois seus parentes trabalham e outros moram de fato sozinhos. Eles freqüentam diariamente o mercado, fazendo pequenas compras para manter um vínculo com o espaço, onde eles podem passar algumas horas do dia conversando e se distraíndo. Com as reformas dos mercados²⁰ da cidade de Goiânia, estes espaços têm voltado a ser freqüentados também pelas pessoas mais jovens.



Ilustração 24. Foto: Entrada principal do Mercado Central de Goiânia (Rua 3).

Fonte: MACHADO, L.H.B. Trabalho de campo, mar. 2008.

3.3 Raízes familiares: as relações familiares e as redes de comércio de plantas medicinais em Goiânia

Como já afirmado, a família nos parecia peça fundamental na transmissão

²⁰ Os Mercados do Setor Pedro Ludovico, Central, Municipal e de Campinas já foram reformados, proporcionando um ambiente mais organizado, com banheiros e bebedouros para os donos de bancas e clientes.

dos saberes: ela, como o elo da transmissão de conhecimentos e tradições. Dentre as hipóteses formuladas no início da pesquisa, em nenhuma delas estava a questão familiar diretamente ligada a configuração reticular. As questões que causavam inquietações no início da pesquisa eram: como e por que (r)existem raizeiros na metrópole? Esses raizeiros representavam uma herança cultural de seus vínculos com um ambiente rural?

Conforme já tratado no segundo capítulo, os raizeiros que vieram do campo trazem sim heranças culturais. E estes resistem a metrópole por dois principais motivos: o primeiro, e mais importante do ponto de vista comercial, é a existência da demanda de clientes; O segundo é a cultura que faz com que o migrante se refugie nesse saber e também faz os clientes procurarem as plantas. Assim começam a se estabelecer as redes sociais, pois as pessoas que trazem esse mesmo costume de uso medicinal de plantas se conhecem ou acabam se conhecendo pelas famílias e amigos.

As redes sociais, compostas por familiares, são facilmente identificáveis nos pontos de venda de plantas medicinais de Goiânia. Estas redes, se iniciam quando há um parente que trabalha e incentiva demais pessoas da família a trabalhar também com plantas medicinais. Assim, é o caso de um raizeiro que é irmão do outro raizeiro e que tem um filho dono de uma banca; dessa forma as redes comerciais se formam e ampliam.

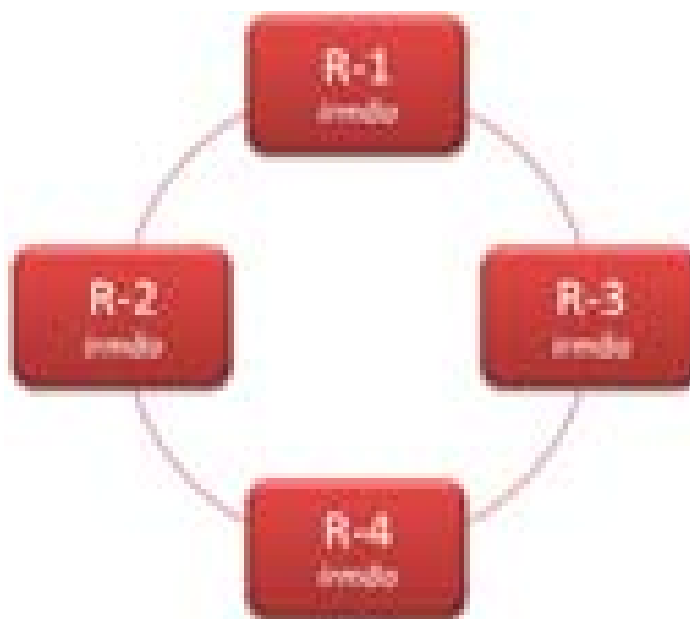
Ao mesmo tempo em que os pais podem transmitir seus conhecimentos de medicina popular aos seus filhos, também eles estão possibilitando a esses a oportunidade de que não apenas aprendam como também futuramente abram seu próprio estabelecimento. Se os filhos começam a trabalhar com os pais, ou tios, ou mesmo com raizeiros não parentes, isso faz com que haja um aprendizado e se tornem futuros raizeiros.

Alguns casos de relatos revelam as redes familiares no comércio de Goiânia, e eles estão representadas nos organogramas apresentados nessa seção.

Na figura abaixo, estão representados quatro raizeiros localizados na região de encontro das avenidas Goiás e Paranaíba, região já referida anteriormente como área de concentração de raizeiros. Um desses raizeiros, R3, tem banca no Mercado Aberto. Em frente está localizado outro, R-4, na esquina da Rua 7 com a Paranaíba. Mais adiante, precisamente na esquina das avenidas Goiás e Paranaíba encontra-se mais um raizeiro, o R-2. O último deles, R-1, encontra-se na Avenida Goiás, na loja Casa das

Raízes. Estes quatro raizeiros além da proximidade profissional são irmãos. Nascidos na Bahia começaram a trabalhar com o comércio de plantas medicinais após chegarem a Goiânia.

Ilustração 25. Rede circular de ervanárias da família QM



Fonte: MACHADO, L.H.B. Trabalho de campo, mar. 2008.

Como pode ser observado na ilustração 25 acima a rede que os une é a familiar. São irmãos e, por isso, se configura em uma rede circular. Para Corrêa (1997), a rede circular é aquela que em um só circuito compreende todas as conexões. Ele afirma que

Trata-se de rede na qual há um único circuito que abarca todos os nós, os quais estão dispostos de modo circular. Neste tipo de rede não há um centro nodal nitidamente dominante, ainda que os nós possam diferenciar-se entre si. Os fluxos podem assumir a direção dos ponteiros de relógio ou a direção contrária (1997, p.312)

Destarte, a rede circular se aplica a esses quatro raizeiros em três aspectos: todos os quatro são abarcados pelo circuito, que é fechado, ou seja, circular. Não há entre eles um centro nodal e os fluxos de saberes, de fluxo de informações, e de mercadorias acontecem tanto num sentido como no contrário. Eles estabelecem fluxos e comunicação fechados, e entre eles, isso não os impede de estarem em outros tipos de redes também. Como será abordado adiante de R-1 ainda se desdobra outro tipo de rede: a dentrítica.

O R-1, dono da loja “Casa das Raízes”, na Avenida Goiás, no Setor Central, irmão dos R-2, R-3 e R-4, tem uma filha (R-28) e um genro (R-5) que também abriram lojas de plantas medicinais. Suas lojas localizam-se na Avenida Anhangüera, no Setor Campinas e adotaram o mesmo nome: “Rei das Raízes” (I e II). O responsável por uma das lojas é R-5, o genro, e pela outra é R-28, a filha. Ambos já trabalharam com o R-1 anteriormente e agora têm seu próprio negócio. Da mesma maneira, o R-14, dono da loja “Raízes 10”, também localizada na Avenida Anhangüera, no mesmo setor, foi funcionário durante 8 anos do R-1, e agora trabalha independentemente. E R-13, também trabalhou com o sogro e já tem sua própria rede de ervanarias, com 14 lojas distribuídas pela cidade: “A raizeira”.

Compreendemos que esta rede pode ser considerada como a rede christalleriana (Ilustração 26), no sentido de que o centro nodal seria R-1, mantendo sua localização excêntrica na rede, e dele sairiam os diversos fluxos para R-5, R-28, R-14 e R-13, “mas desempenhando a função de viabilizar a distribuição de bens e serviços, atendendo a demanda social. Podem conformar a estrutura espacial de organizações [...] voltadas para a solidariedade e não para a acumulação capitalista” (Corrêa, 1997, p. 311) como ocorre na rede dentrítica.

Ilustração 26. Rede christalleriana em elo familiar



Fonte: MACHADO, L.H.B. Trabalho de campo, mar., 2008.

Há hierarquia nessa rede *christalleriana*. Mas é hierarquia dos saberes e de experiência passados de R-1 para os demais, além de informações e de alguns pedidos de mercadorias realizados, que são feitos em conjunto com o objetivo de queda dos custos.

Atualmente, alguns sobrinhos ainda trabalham na loja do R-1. Futuramente eles podem vir a abrir também novos estabelecimentos que comercializam plantas medicinais. Assim, existe a possibilidade de aumento dessa rede familiar no/do comércio de plantas medicinais na cidade.

Deste modo, como R-13 é nó da rede *christalleriana* de R-1, ele também desenvolveu outra rede a de casa, de comércio. Ela, “A raizeira”, também forma uma rede com 14 nós distribuídos pela cidade. Como pode ser observado na ilustração 27, “A raizeira” esta distribuída em 14 pontos comerciais em diferentes bairros na cidade.

Ilustração 27. A rede da “A raizeira” locais com lojas



Fonte: MACHADO, L.H.B. Trabalho de campo, mar. 2008.

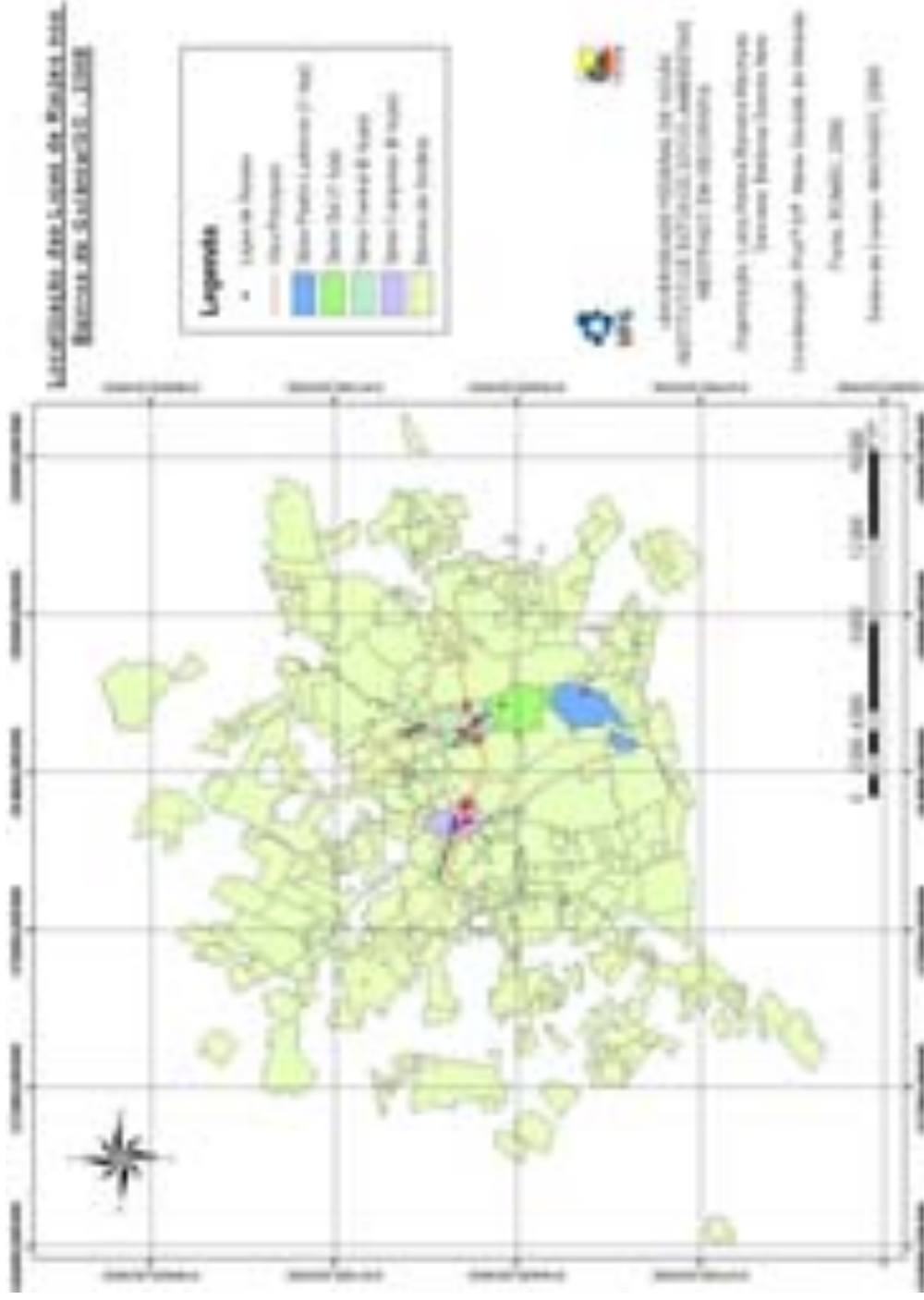
Entretanto, esta se classifica como outro tipo. Seria uma Rede Axial. Isso porque, essa rede

Caracteriza-se pela disposição linear dos nós, associada via de regra a à existência de uma única via de tráfego linearmente disposta. A hierarquia dos centros nodais obedece a uma regularidade espacial, fruto e condição de interações que se realizam em duas direções. As interações perpendiculares ao eixo são muito pouco significativas (Corrêa, 1997, p. 311).

Para R-13 todas estas lojas estariam ligadas de maneira linear, talvez as centrais estabeleçam-se como as maiores, mas continuariam dentro de uma rede de fluxos linear. O que R-13 faz para uma das lojas, o faria também para as outras, respeitadas as devidas proporções, pois é de seu interesse que todas elas cresçam. Mas a relação dele com os funcionários das diversas lojas poderia ser classificada como uma rede dentrítica, pois a hierarquia se estabelece aí tem o interesse de acúmulo capitalista.

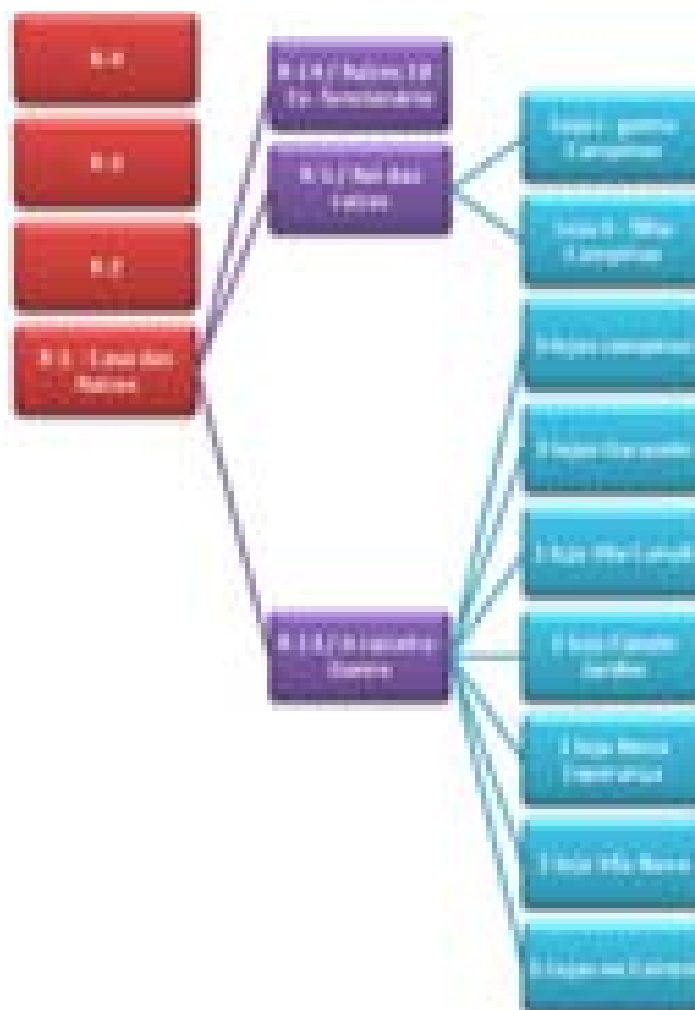
Observe-se no mapa abaixo como esta rede se distribui na cidade. Os dois setores que exercem importante centralidade, o Centro e Campinas, concentram 8 lojas; já no lado leste da cidade aparece uma loja, na Vila Nova; nos bairros Cidade Jardim e Vila Canaã, lado oeste da cidade, mais duas lojas; mais uma loja na região Noroeste, no Nova Esperança e, por fim, no Garavelo, setor já próximo a Aparecida de Goiânia, que também exerce importante centralidade tanto para aquela região de Goiânia, quanto para Aparecida de Goiânia.

Ilustração 28. Mapa de localização das lojas de raízes nos bairros de Goiânia-GO – 2008



A próxima ilustração 29 representa em cores como estas redes anteriores se ligam formando uma rede mais ampla. Observe que na cor vermelha aparecem os 4 raizeiros irmãos (R-1, R-2, R-3 e R-4), na cor roxa estão pessoas que trabalharam com R-1 e depois abriram seus próprios estabelecimentos. E, por fim, na cor azul está a ampliação de estabelecimentos de R-5 (“Rei das Raízes”) e R-13 (“A raizeira”). Como esta rede se baseia na solidariedade de saberes e incentivos de inserção no comércio de plantas medicinais de Goiânia esta rede classifica também como Rede Christalleriana.

Ilustração 29. Rede Christalleriana de Ervanarias em Goiânia - GO – 2008



Fonte: MACHADO, L.H.B. Trabalho de campo, mar.2008.

Mais uma rede familiar que se estabelece sobreposta a rede comercial de plantas medicinais da cidade é a da loja “Nativa”. Ela é uma loja que se caracteriza por produtos alimentícios, segundo R-11, um dos 4 filhos do proprietário da loja. O dono

resolveu abri-la por interesse de deixar para os filhos, que hoje trabalham com ele na loja, um sustento. Neste caso, a família interferiu de outra forma. Foi a preocupação do pai em proporcionar para os filhos um sustento futuro, que o levou a abrir o estabelecimento.

Ilustração 30. A Rede Solar da “Nativa”



Fonte: MACHADO, L.H.B. Trabalho de campo, mar.2008.

Este modelo de rede funciona como Rede Solar, pois a “Nativa” fornece produtos para a loja “Mistura Fina”, no bairro Jardim América e para a loja de Alto Paraíso (GO). Além dessa ligação de fornecimento de produtos, existe também a ligação de parentesco. Os donos dessas lojas são tios de R-11. Assim, se caracteriza por rede solar:

pela localização central de um relativamente poderoso nó, ponto focal de vias e fluxos vinculados a nós muito menores. Trata-se de rede fortemente centralizada, com ausência de ligações entre os pequenos nós subordinados (CORRÊA, 1997, p. 307).

Além de fornecer produtos para os parentes a “Nativa” ainda fornece para diversos raizeiros menores na cidade, como foi relatado por R-6 e R-12.

Juntamente com a “Nativa”, a “Casa das Raízes”, “Clorofila” e a “Santa Efigênia” elas são as maiores distribuidoras para vários pequenos raizeiros (pR) de Goiânia. A “Casa de Raízes” também funciona como distribuidora, mas com menos força que as supracitadas, por não se localizar nos setores que exercem centralidade.

O que caracteriza mais influência e mais vendas para essas lojas é o fato de

já estarem consolidadas física e comercialmente. O que diferencia essas lojas dos pequenos empreendimentos de pequenos raizeiros (pR) são os critérios: capacidade financeira para efetivar compras no atacado e local adequado para armazenamento dessa grande quantidade adquirida. São considerados pequenos raizeiros os ambulantes, os feirantes, bancas e as pequenas lojas.

Na ilustração 31 está representada esta distribuição de mercadorias das grandes lojas para os pequenos raizeiros.

Ilustração 31. Rede Solar – Principais Lojas distribuidoras para pequenos Raizeiros (pR) de Goiânia/GO, 2008.



Fonte: MACHADO, L.H.B. Trabalho de campo, mar. 2008.

Essas mercadorias chegaram as grandes lojas de Goiânia vindas principalmente de dois estados fornecedores nacionais. Os fornecedores atacadistas desses distribuidores de Goiânia são, principalmente, de São Paulo e do Paraná. Alguns produtos para a “Nativa” vem de um assentamento no Maranhão. Na ilustração 32 é possível acompanhar o fluxo da mercadoria de São Paulo e do Paraná passando pelas grandes lojas de Goiânia, pequenos raizeiros e consumidor final.

Ilustração 32. Principal rota das aquisições atacadistas



Fonte: MACHADO, L.H.B. Trabalho de campo, mar. 2008.

Os distribuidores citados nas entrevistas são: Quimer (São Paulo), Galena (Campinas / São Paulo), Bom-chá (São Paulo), Flora erva (Paraná), Nativa (Campinas, Goiânia), Cactus farma (Vila Nova, Goiânia), Casas das Raízes (Centro, Goiânia), Santa Efigênia (Centro, Goiânia), Natu life cosméticos (Goiânia), Nutriervas (São Paulo e Minas Gerais), Bamchai, ASSEMA – Associação das áreas de assentamentos do Estado do Maranhão.

Bahia, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Maranhão e o próprio Estado de Goiás são os estados fornecedores de remédios e plantas medicinais para o comércio de plantas medicinais em Goiânia.

Os meios que permitem aos raizeiros o acesso aos fornecedores/distribuidores são as indicações de parentes e amigos. Também, os próprios fornecedores/distribuidores se apresentam deixando contatos como números de telefones e endereços na internet. Aqui revela-se a importância das redes sociais de amigos e família e das redes informacionais com as redes de internet e de telefone.

Como já demonstrado até então, e ao observar as ilustrações abaixo se nota que a maioria dos raizeiros tem natureza familiar, pois são cônjuges e ex-cônjuges, pais e filhos, primos e tios, cunhados entre si.

É o caso, por exemplo, de R-9, que tem uma banca no camelódromo, localizada na Avenida Anhanguera do Setor Central. Ela assumiu a banca de seu pai porque com o avançar da idade ele ficou sem condições físicas de continuar

trabalhando. O fez por ter conhecimento sobre plantas medicinais adquirido na vivência familiar desde criança. A ilustração 33 mostra mais uma rede familiar entre R-1, R-5, R-14 e R-28:

Ilustração 33. Diagrama representativo do parentesco entre raizeiros



Fonte: MACHADO, L.H.B. Trabalho de campo, mar.2008.

A Ilustração 34 representa outra relação de parentesco de R-8, onde aparecem o primo que faz coletas, o tio e a irmã que comercializam plantas medicinais nos bairros Vera Cruz e João Braz, respectivamente.

Ilustração 34. Diagrama representativo da rede de contato familiar dentro do comércio de plantas medicinais



Fonte: MACHADO, L.H.B. Trabalho de campo, mar. 2008.

Dos raizeiros encontrados na Feira Hippie dois se caracterizam por bancas montadas em carrinhos e uma raizeira pela barraquinha de feira. Todos os três possuem

barracas fixas e cadastradas no Mercado Aberto de Goiânia. Devido ao grande tamanho da feira é difícil saber onde começa e termina a informalidade; entretanto, um dos raizeiros admitiu estar ali ilegalmente. Isso no sentido de não ser feirante da Feira Hippie o que o colocava em constante alerta com a fiscalização.

Uma relação de influência interessante evidenciada durante a pesquisa foi o fato de ex-cônjuges terem sido influenciados antes da separação e, após os dois continuaram a trabalhar com o comércio de plantas medicinais. Apesar de não se configurar em relação de parentesco, foi num período de relacionamento familiar que se estabeleceu o incentivo, e a proximidade com as plantas medicinais e, conseqüentemente, com o comércio delas. Um caso é dos raizeiros R-25, sua ex-esposa R-26, e o primo R-30, que comercializam na Feira Hippie e no Mercado Aberto.

No Mercado Central também foi constatada a presença de uma raizeira R-21, que emprega dois sobrinhos (R-29) e na banca ao lado trabalha seu ex-marido (R-22), também raizeiro.

Baseados nas informações e dados apresentados fica evidente que a rede comercial de plantas medicinais em Goiânia é intrinsecamente ligada a relação familiar. A família é importante elo, não apenas de transmissão dos saberes, de uma geração a outra, mas, principalmente, na ampliação de nós na rede comercial.

Como já citado anteriormente, os familiares têm uma importância, também, com uma forte influência nos negócios. Essa influência vai desde a colaboração nas vendas – trabalhando como funcionários – até o incentivo de abertura de novos pontos comerciais – tanto bancas como lojas. Essa presença da família se expressa nos seguintes dados: 70% dos raizeiros entrevistados afirmaram ter a presença de pelo menos um, como pode ser visto na ilustração abaixo familiar no trabalho:



Fonte: MACHADO, L.H.B. Trabalho de campo, jan. 2008.

Dentre os que afirmaram ter familiares laborando junto, apenas uma raizeira alegou que a presença de seus familiares era na coleta e distribuição, que fazem para ela e não no estabelecimento de venda como os demais que indicaram cônjuge, filhos, pai, cunhados, sogro e primo.

Destarte, cabe repetir, fica clara a função da família na aproximação das pessoas com as plantas medicinais.

Além dessas redes apresentadas existem as redes informacionais que também se estabelecem e permeiam este comércio.

3.4 Redes informacionais: a informação, divulgação e saberes no comércio de plantas medicinais.

Como já visto anteriormente os saberes são passados principalmente pelo elo familiar existente entre os usuários e os potenciais usuários. Mas, outras formas de conhecimento das ações das plantas medicinais também são utilizadas. Os livros, revistas e panfletos têm importante papel nessa divulgação. A maioria dos raizeiros sempre os tem para consulta, e como também já explicitado, para alguns servem de respaldo. Mas, além desses meios já abordados no segundo capítulo, ainda há a influência da televisão e da internet, dos impressos.

3.4.1 Os impressos

Os livros, revistas e panfletos exercem importante papel na divulgação dos conhecimentos das plantas medicinais. Geralmente estas publicações tem o texto simples e objetivo, de fácil acesso a qualquer pessoa. O que os diferencia é o custo e a intencionalidade.

O livro é um material mais caro e que apenas determinado público o compraria. Esse público compõe-se de pessoas que procuram mudar de hábitos de vida e que estão a procura de uma vida mais saudável. É um público de condição financeira abastada. Os motivos que as levam a mudar de estilo de vida podem ser vários: doenças, saúde, religioso, moda, ou influências diversas. Sua intencionalidade é passar conhecimento adequado e com determinado enfoque e aprofundamento.

As revistas são mais acessíveis que os livros. Elas são mais baratas, mais atrativas, com uma linguagem mais simplificada e com outros temas que também justificariam a compra. Estão mais acessíveis por ficarem em exposição nas bancas nas ruas da cidade. Seu objetivo é trazer rápidas e novas informações para diversos públicos, mas principalmente as revistas femininas.

Os panfletos têm uma intencionalidade direta: convencer e conquistar o consumidor. Estes panfletos geralmente apresentam o nome popular da planta e para que ela é indicada. Esse tipo de material é distribuído gratuitamente. Os panfletos, como podem ser observados abaixo, têm o mesmo padrão diferenciando basicamente nas informações específicas de cada loja. A Raizeira, por exemplo, anuncia que aceita cartões de crédito, vende no atacado e varejo, entrega em domicílio, e dá prazo de pagamento de 30 dias no cheque.

3.4.2 A internet e a televisão

A televisão talvez seja o meio que mais influencia as pessoas. De acordo com alguns raizeiros, após uma reportagem sobre plantas medicinais no programa “Globo Repórter”, da rede Globo, as pessoas passam a procurar mais por estes produtos.

Outros programas, como referidos no capítulo anterior, também exercem influências no consumo e na procura de produtos.

Já a internet tem ganhado, nos últimos anos, grande espaço na vida dos brasileiros. Várias empresas já têm atuado com aquisições, divulgação e vendas pela internet. No caso dos raizeiros e plantas medicinais, foram localizados vários *sites*, já citados, que falam sobre plantas e como usá-las. No caso, dos raizeiros de Goiânia, nenhum sítio citado foi encontrado. Mas existem os da região Sudeste que atuam como distribuidores nacionais.

Podem ser encontrados em páginas na internet que comercializam plantas medicinais vários manuais eletrônicos de uso de remédios. Como exemplo, algumas páginas na internet foram localizadas nos seguintes endereços eletrônicos: <http://www.drogcentral.com.br/saude/ervas.html> Guia de Consulta e Utilização de Ervas Medicinais; <http://www.ervax.com.br/> - Ervax; <http://www.cotianet.com.br/eco/herb/>- Herbário Aquiléa; <http://www.plantamed.com.br/> - Plantas e Ervas Medicinais e Fitoterápicos e www.chaverdeautentico.com.br – Emagreça Com Chá Verde.

3.5 A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos - PNPMF

As políticas nacionais são instrumentos que indicam rumos e as linhas estratégicas de ações governamentais. Competência conferida pela Constituição Federal para a União torna-se seu dever elaborá-las e executá-las com o objetivo de desenvolvimento social e econômico.

Essa preocupação de criar diretrizes nacionais para o uso e regulamentação de plantas medicinais se consolidou em 2006 com a criação da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos – PNPMF. Isso pode ser uma preocupação do Estado com os recursos da biodiversidade vegetal do país, mas, também, demonstra o reconhecimento e a preocupação de preservação dos saberes tradicionais. Além disso, visa proporcionar acesso a tratamentos de menor custo com a inserção do uso de plantas medicinais no Sistema Único de Saúde, e o incentivo a pesquisa.

A criação da política revela não apenas a intenção política do governo em

relação a regulamentação do uso da biodiversidade, mas suas representações sobre plantas medicinais. E o que era apenas um saber não reconhecido de populações a margem do desenvolvimento, passa a ter valor cultural, econômico, político. A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos funciona assim como uma vitrine das representações que o Estado tem sobre plantas medicinais e seus usos.

Para entender essa afirmação será apresentada a estrutura da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e posteriormente sua discussão.

Para construir a política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos do Brasil foi preciso a formação de um grupo de trabalho interministerial²¹. A este grupo coube a formulação da política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos, pois, a questão vai além da questão de saúde.

Elaborada em 2006, essa política apresenta seus objetivos geral e específicos, suas diretrizes, o desenvolvimento das diretrizes, monitoramento e avaliação, as responsabilidades Institucionais e as terminologias.

Seu objetivo geral resume-se em garantir acesso seguro e uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos, promovendo uso sustentável da biodiversidade, e desenvolvimento da cadeia produtiva e da indústria nacional. Mediante esse objetivo, os papéis de cada ministério na PNPMF começam a se clarificar, sobretudo à luz dos 4 objetivos específicos: ampliar opções terapêuticas considerando o conhecimento tradicional; construir marco regulatório para a produção, distribuição e uso de plantas medicinais e fitoterápicos; promover pesquisas e promover uso sustentável da biodiversidade.

Para efetivar esses objetivos, 17 diretrizes foram traçadas e na concretização dessas diretrizes estão propostas de 2 a 8 ações de desenvolvimento para cada diretriz. Ações essas que passam por diversos setores que podem desenvolver não apenas a questões diretamente ligadas ao acesso de plantas e fitoterápicos, mas também as

²¹ Esse grupo de trabalho foi constituído por um coordenador (Edmundo de Almeida Gallo), um gerente executivo (Márcio Bruno Carvalho Monteiro), ambos do Ministério da Saúde e representantes da Casa Civil (Ivanildo Tajra Franzos e Mariana Bandeira de Mello Parente Sade) e mais representantes de 9 ministérios, sendo os seguintes: Ministério da Saúde - MS (Agência Nacional de Vigilância Sanitária, Fundação Oswaldo Cruz), Ministério do Meio Ambiente - MMA, Ministério da Integração Nacional - MIN, Ministério da Ciência e Tecnologia - MCT, Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA, Ministério do Desenvolvimento, Indústria, e Comércio Exterior - MDIC, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome, MDSCF. Estes representantes juntamente com 14 outros integrantes dos ministérios formam a equipe técnica, totalizando 30 componentes.

pesquisas sobre biodiversidade, produção, exportação, populações e saberes tradicionais, educação de saúde, estruturação e organização da escala produtiva com incentivo especial para a produção familiar. Além disso, também a regulamentação de todo o processo, como pode ser observada a seguir:

1. Regulamentar o cultivo, o **manejo sustentável, a produção, a distribuição**, e o uso de plantas medicinais e fitoterápicos, considerando as experiências da sociedade civil nas suas diferentes formas de organização;
2. Promover a **Formação técnico-científica e capacitação** no setor de plantas medicinais e fitoterápicos;
3. Incentivar a **formação e capacitação de recursos humanos para o desenvolvimento de pesquisas, tecnologias e inovação** em plantas medicinais e fitoterápicos;
4. Estabelecer **estratégias de comunicação** para divulgação do setor plantas medicinais e fitoterápicos;
5. **Fomentar pesquisa, desenvolvimento tecnológico e inovação com base na biodiversidade brasileira**, abrangendo espécies vegetais nativas e exóticas adaptadas, priorizando as necessidades epidemiológicas da população;
6. Promover a **interação entre o setor público e a iniciativa privada, universidades, centros de pesquisa e Organizações Não Governamentais** na área de plantas medicinais e desenvolvimento de fitoterápicos;
7. Apoiar a **implantação de plataformas tecnológicas piloto para o desenvolvimento integrado de cultivo** de plantas medicinais e produção de fitoterápicos;
8. Incentivar a **incorporação racional de novas tecnologias** no processo de produção de plantas medicinais e fitoterápicos;
9. **Garantir e promover a segurança, a eficácia e a qualidade no acesso** a plantas medicinais e fitoterápicos;
10. **Promover e reconhecer as práticas populares de uso de plantas medicinais e remédios caseiros**;
11. Promover a adoção de **boas práticas de cultivo e manipulação** de plantas medicinais e de manipulação e produção de fitoterápicos, segundo legislação específica;
12. Promover o **uso sustentável da biodiversidade e a repartição dos benefícios** derivados do uso dos conhecimentos tradicionais associados e do patrimônio genético;
13. Promover a **inclusão da agricultura familiar** nas cadeias e nos arranjos produtivos das plantas medicinais, insumos e fitoterápicos;
14. **Estimular a produção de fitoterápicos em escala industrial**;
15. Estabelecer uma **política intersetorial** para o desenvolvimento socioeconômico na área de plantas medicinais e fitoterápicos;
16. **Incrementar as exportações** de fitoterápicos e insumos relacionados, priorizando aqueles de maior valor agregado;
17. Estabelecer mecanismos de incentivo para a inserção das cadeias e dos arranjos produtivos de fitoterápicos no processo de **fortalecimento da indústria farmacêutica nacional** (BRASIL, 2006, p. 21 – 23, grifos nossos).

Entre elas destacamos a diretriz número 10 que trata da promoção e reconhecimento das práticas populares de uso de plantas medicinais e remédios caseiros. Esta diretriz se desdobra nas seguintes ações:

- 10.1 Criar parcerias do governo com movimentos sociais visando o uso seguro e sustentável de plantas medicinais;

10.2 Identificar e implementar mecanismos de validação e/reconhecimento que levem em conta os diferentes sistemas de conhecimento (tradicional/popular x técnico/científico);

10.3 Promover ações de salvaguarda do patrimônio imaterial relacionado às plantas medicinais (transmissão de conhecimento tradicional entre gerações);

10.4 Apoiar as iniciativas comunitárias para a organização e reconhecimento dos conhecimentos tradicionais e populares (BRASIL, 2006, p. 28).

É positivo que o governo, representado pelo grupo de trabalho que formulou essa política, se preocupe com o movimento social, que tenha a objetivo de implementar mecanismos de validação e reconhecimento, assim como ações de salvaguarda desses saberes, com o apoio às iniciativas comunitárias. A intenção é que estas populações, que lidam diariamente com plantas medicinais, sejam atingidas por essa política. E o esperado é que o conhecimento dessas populações seja tratado, de fato, como parceria.

Desde 2006 a PNPMF está em vigor. O interessante é destacar que, como pode ser observado, nas diretrizes a política funciona como intenções e orientações. No país existe apenas um hospital que trabalha numa perspectiva alternativa a Medicina Oficial, o Hospital de Medicina Alternativa – HMA, com mais de 30 anos de existência. Para que outros hospitais da rede pública possam efetivamente fazer uso e indicação de remédios naturais é necessária qualificação dos profissionais da saúde, pois apesar da inserção de plantas medicinais o princípio da comprovação da eficácia e segurança de tratamentos da Medicina Oficial não deixa de existir. Diante disso, fica clara a necessidade de estruturação de todo o sistema público de saúde para a consolidação do uso de plantas medicinais nele.

Sobre a implementação PNMPF, não há ainda, regulamentação, nem fiscalização do comércio de plantas medicinais. Há esforços isolados de órgãos como a Vigilância Sanitária de Goiás que está iniciando um cadastramento de raizeiros. E esta inexistência de controle e fiscalização é exposto nas maneiras de estocagem dos produtos, grande parte exposta a contaminação por manejo e estocagem inadequados. Isso decorre da recebendo poluição de carros, do amontoado feito de qualquer forma, plantas misturadas, algumas plantas ainda com raízes dentro de baldes com água durante dias, embalagens sem denominação, e datas de referências, existência de potes com pó de plantas moídas artesanalmente, manuseio dos remédios sem luvas ou processos inadequados de higiene.

Essas observações não têm o objetivo de desmerecer os saberes empregados no uso de plantas medicinais e remédios. Apenas se configura uma preocupação com a

saúde pública e, ao mesmo tempo, uma denúncia da ausência do Estado na regulamentação e fiscalização efetiva do comércio e uso de produtos que afetam a saúde pública. Esta denúncia objetiva a segurança de uma população, muitas vezes, desprovida de instrumentos de validação da eficácia e segurança de uso de determinados produtos. Compreende-se que os saberes são importantíssimos, mas devem ser utilizados sempre de maneira a gerar benefícios a sociedade.

O reflexo da não implementação acontece nos casos de raizeiros ambulantes, de feiras e de mercados que são fiscalizados pela SEDEM, e esta cobra uma taxa anual. Essa regulamentação não é específica para comércio de plantas medicinais, e ela é a mesma de feiras e ambulantes, às vezes, incluídas em alguns projetos como o Pró-fruta²². Outros ainda atuam na informalidade. Quanto aos que trabalham em lojas estes não são obrigados a ter um responsável técnico, como um farmacêutico, ou mesmo um biólogo; nem as plantas têm registros de origem, qualidade e validade como já mencionado. Destarte, não há obrigatoriedade de fiscalização da ANVISA ou mesmo Vigilância Sanitária.

As conseqüências dessa ausência de fiscalização e controle se desdobram em prejuízo para a conservação do meio ambiente, pois, já foi dito, não se sabe a origem das plantas comercializadas. Também, é risco para o usuário que não tem garantia de eficácia e indicação de uso das plantas. Igual risco de utilizar plantas contaminadas por manuseio, transporte, armazenamento e exposição inadequados. Já para o comércio, sem o controle, a desvantagem ou conseqüência é a ausência de um selo de qualidade do produto, que dê ao produto confiabilidade.

Sobre a Política conclui-se que é um passo importante dado pelo governo federal. A integração entre setores da economia e ministérios, que a política propõe é ousada, desafiadora, porém necessária para o desenvolvimento de um país com diversas potencialidades culturais, naturais, agrícolas, científicas, industriais, comerciais etc. Mas ainda é apenas o primeiro passo. Agora faz-se necessária a implementação desta proposta.

²² Programa da SEDEM, que cadastrou os vendedores ambulantes de frutas do setor central de Goiânia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo maior deste trabalho foi discutir a relação sociedade / natureza a partir das redes que são criadas, como também os significados e representações sobre a natureza que permeiam as atividades dos raizeiros urbanos de Goiânia. Simultaneamente, objetivou-se desvelar as representações e usos que os raizeiros fazem da natureza pela sua atividade profissional; mapear a ocorrência de raizeiros na cidade de Goiânia, para assim vislumbrar suas áreas e de ocorrência e concentração; identificar os consumidores de plantas medicinais, sua crença e eficácia; identificar e evidenciar as várias redes que surgem relacionadas com a coleta, distribuição e venda de plantas medicinais.

Assim, durante a realização da pesquisa buscou-se a compreensão das representações e comunicações do comércio de plantas medicinais em Goiânia. Investigou-se como são adquiridos esses saberes e costumes; Os porquês e como e onde se estabelecem os pontos de comércio de plantas medicinais, suas origens, procedências e motivação para entrar no mercado formal ou permanecer no mercado informal e porque os consumidores ainda utilizam tais remédios frente ao desenvolvimento da medicina moderna oferecida na metrópole.

Para compreender como eles surgem e resistem ao tempo restringiu-se a algumas hipóteses, que contribuiriam como ponto de partida para a explicação dos usos. A primeira hipótese baseava-se na migração campo-cidade e que essas pessoas trouxeram consigo os saberes relativos ao uso medicinal de plantas. A segunda hipótese foi o caso de pessoas urbanas, sem tanta proximidade com a natureza – como pessoas do campo geralmente têm – e que mesmo assim se interessaram por plantas medicinais. Pensou-se que o uso principal e predominante era o de plantas medicinais do Cerrado. E também, a família como elo de transmissão de saberes.

Aliados as hipóteses os questionamentos que nortearam a pesquisa foram os seguintes: por que as pessoas utilizam plantas medicinais na metrópole? O que faz elas buscarem remédios naturais? Quais representações permeiam todo esse processo de comércio e uso de plantas medicinais e remédios naturais? Como esses saberes são passados e resistem na metrópole? Como resistir frente à indústria farmacêutica e à

medicina oficial? Como e onde estão localizados os pontos comerciais? E qual a comunicação estabelecida entre os distribuidores, raizeiros e clientes?

Com respaldo nos resultados obtidos e apresentados nesta pesquisa foi possível chegar a algumas considerações delineadas em de três eixos: primeiro – as representações, os usos e os saberes; segundo – a organização e propagação das redes de comercialização; e terceiro – a relação sociedade / naturezas e o papel dos raizeiros nesta relação.

Sobre os saberes e as representações grifa-se a importância de clarear que cada modo de ver o mundo, cada conjunto de representações gera significados, usos e ações diferenciadas das coisas, dos lugares e, em especial, da natureza. Ao estudar o uso de plantas medicinais é importante compreender que esse uso está condicionado diretamente às representações que os usuários constroem, edificando um conjunto de conhecimentos e de técnicas relativos à manutenção da saúde, desde a prevenção, tratamentos até a cura das doenças. Logo, existem diversos tipos de medicina. Assim, cada medicina também aparece ligada às concepções, metodologias e aos conhecimentos. As medicinas são parte e, ao mesmo tempo, resultado desse conjunto de representações.

A medicina oficial se pauta na comprovação científica e acadêmica de tratamentos e medicamentos. Ela é legitimada pelo poder público, estando passível de fiscalização, avaliação, penalidades e mudanças em seu sistema, agentes e produtos. Logo, está diretamente ligada a legislação de cada país. Já as medicinas tradicionais estão diretamente ligadas aos grupos étnicos. Mas as medicinas alternativas ou populares são aquelas que se formam a partir da influência de várias origens como a medicina tradicional local, da medicina oficial moderna e de técnicas rudimentares.

Cada medicina tem seu sistema próprio de representações. Assim, são inseridas em cada um desses sistemas que as plantas medicinais passam a ser utilizadas de diversas formas. Nas medicinas tradicionais as plantas medicinais têm papel central, há uma valorização dos elementos da natureza além da preocupação do equilíbrio completo do corpo (corpo, alma e espírito). Para a medicina popular há a crença nas plantas sem que haja a real comprovação científica de eficácia. O uso está ligado à fé para alcançar a cura e a indicação é feita por alguém de conhecimento pautado na prática. Este pode ser a mãe, o tio, o raizeiro ou mesmo o próprio usuário. Na medicina

oficial o uso de plantas medicinais ainda é tímido. Os usos são feitos somente com indicação médica especializada, dosada e, às vezes, em interação com medicamentos (alopáticos).

Sobre esse os saberes cabe qualificar sua importância, pois sua resistência a metrópole e aos seus dias modernos faz com que duas coisas aconteçam: a resistência e propagação dos saberes e da comercialização por meio da família. A família apareceu como o mais importante elo na disseminação dos saberes, o que já era esperado, mas também aparece como elo gerador da expansão comercial de plantas medicinais. A rede comercial de plantas medicinais em Goiânia recebe grande influência de familiares que já trabalham, ou trabalham com este comércio.

Chegamos então as seguintes conclusões: o uso de plantas medicinais em Goiânia não se restringe a plantas do Cerrado. São comercializadas plantas medicinais de diversos lugares do Brasil e do Mundo. Isso demonstra que o interesse por remédios naturais como o uso de plantas medicinais é um fenômeno não apenas local. Concluimos que não é necessário ter vivido no campo para ter conhecimentos sobre o potencial medicinal das plantas, mas que é a família a grande transmissora da cultura de valorização e uso de plantas medicinais. Tanto as pessoas que comercializam como as que consomem o fazem por crenças e hábitos culturais. É o uso de pessoas próximas, como família e amigos, que faz com que as pessoas se aproximem e façam uso de plantas medicinais. A natureza é vista de maneira distante, muitas vezes mediada pela mídia. Mídia essa que influencia outras pessoas a buscarem tratamentos e curas nas plantas, mas somente os crentes no poder da cura das plantas e os pacientes esperam para comprovar a eficácia das plantas.

No caso do segundo eixo, o comércio de plantas medicinais em Goiânia se configura como expressão cultural das práticas da medicina popular. Essa comercialização demonstra não apenas uma opção pelos baixos preços dos produtos, mas o principal incentivo de uso de plantas medicinais é a tradição familiar. Assim, apesar dos reais preços mais baratos que os remédios alopáticos, do incentivo do governo federal – pela Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos – constatou-se que a opção pela medicina é influência cultural e social próxima de família e amigos. Como afirmam os entrevistados, as pessoas descrentes do potencial medicinal

das plantas não usam e os curiosos, na maioria das vezes, não têm paciência para o resultado lento que pode ocorrer depois de um ou dois meses.

As redes comerciais apresentam os pontos comerciais materializados em carrinhos de ambulantes, feiras e mercados e lojas. Intramuros de Goiânia, quatro grandes lojas fazem boa parte da distribuição de plantas medicinais e outros produtos naturais para os pequenos raizeiros, pois as grandes lojas têm capital e local de armazenamento para efetivar compras no atacado. Alguns pequenos raizeiros têm familiares que fazem coletas nos Cerrado, ou até eles mesmos fazem coletas específicas ou encomendadas. Mas a maior parte dos produtos que chegam ao mercado goianiense vem da Região Sudeste do país, com destaque para os estados de São Paulo e Paraná. Essas empresas fazem a compra e distribuição em nível nacional, garantindo que plantas medicinais de outros estados e países cheguem também a Goiânia.

Uma característica desvelada no decorrer da pesquisa foi a influência da família na propagação das redes comerciais de plantas medicinais em Goiânia. As pessoas que comercializam plantas medicinais envolvem a família no trabalho: filhos, sobrinhos, esposas passam a trabalhar com o raizeiro. Mais tarde estas pessoas abrem seu próprio ponto comercial. O aumento do mercado de plantas medicinais e do interesse por ele é então reflexo da demanda de clientes.

Por parte do poder público também passa haver interesse na regulamentação de todo o processo desde a coleta, produção até o consumo de plantas medicinais. A partir de 2006, o governo federal aprova a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos – PNPMF. Isso demonstra haver uma mudança, pois a medicina oficial, juntamente com a rede pública de saúde começa a se interessar por remédios naturais, principalmente as plantas medicinais.

A PNPMF funciona como um conjunto de intenções do Governo Federal para o país. Ela objetiva garantir acesso seguro e uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos, com consonância com a sustentabilidade da biodiversidade, social e econômica. Para isso, a equipe interministerial autora da PNPMF traçou objetivos específicos e diretrizes discutidas no capítulo 3.

A construção da PNPMF demonstra uma preocupação além do uso de plantas medicinais estritamente, pois essa política atinge o campo cultural, o campo da saúde pública, o campo da economia, o campo social e o campo da biodiversidade.

Assim, consideramos que a PNPMF, nasce dentro de um conjunto de preocupações com o desenvolvimento nacional.

Entretanto, como já afirmado, a PNPMF, é apenas um conjunto de diretrizes ainda não realizadas de maneira completa e concreta em todas as suas propostas. Entre as ações que já estão se consolidando destacam-se os incentivos financeiros para produção familiar de plantas medicinais, verbas para pesquisas, incentivos para a criação e ampliação de redes de pesquisas etc. Pôde-se, então, constatar um quadro geral da orientação federal até o uso local: não existe legislação específica definida e em vigor sobre cultivo, comercialização e uso de plantas medicinais.

No país existe apenas um hospital que trabalha numa perspectiva alternativa a Medicina Oficial, o Hospital de Medicina Alternativa – HMA, com mais de 30 anos de existência. Para que outros hospitais da rede pública possam efetivamente fazer uso e indicação de remédios naturais é necessária qualificação dos profissionais da saúde, pois apesar da inserção de plantas medicinais o princípio da comprovação da eficácia e segurança de tratamentos da Medicina Oficial não deixa de existir. Diante disso, fica clara a necessidade de estruturação de todo o sistema público de saúde para a consolidação do uso de plantas medicinais.

Sobre a implementação PNMPF, não há ainda, regulamentação, nem fiscalização do comércio de plantas medicinais. Há esforços isolados de órgãos como a Vigilância Sanitária de Goiás que está iniciando um cadastramento de raizeiros. E esta inexistência de controle e fiscalização é exposto nas maneiras de estocagem dos produtos, grande parte exposta a contaminação por manejo e estocagem inadequados. Isso decorre da recebendo poluição de carros, do amontoado feito de qualquer forma, plantas misturadas, algumas plantas ainda com raízes dentro de baldes com água durante dias, embalagens sem denominação, e datas de referências, existência de potes com pó de plantas moídas artesanalmente, manuseio dos remédios sem luvas ou processos inadequados de higiene.

Essas observações não têm o objetivo de desmerecer os saberes empregados no uso de plantas medicinais e remédios. Apenas se configura uma preocupação com a saúde pública e, ao mesmo tempo, uma denúncia da ausência do Estado na regulamentação e fiscalização efetiva do comércio e uso de produtos que afetam a saúde pública. Esta denúncia objetiva a segurança de uma população, muitas vezes,

desprovida de instrumentos de validação da eficácia e segurança de uso de determinados produtos. Compreende-se que os saberes são importantíssimos, mas devem ser utilizados sempre de maneira a gerar benefícios a sociedade.

Entretanto, o comércio de plantas medicinais, antes de fatores de propagação cultural, é uma forma de sobrevivência. Logo, ela se apresenta como uma oportunidade de emprego e acaba por funcionar também como uma forma de resistência, já que consegue divulgar e propagar os conhecimentos sobre plantas medicinais através do trabalho destes raizeiros. É uma resposta ao desemprego se manifestando tanto na forma legal e formal como na informalidade e ilegalidade também.

No caso do terceiro eixo o estudo com os raizeiros conclui-se quão importantes são os conhecimentos adquiridos por estas pessoas, para a própria manutenção de seus conhecimentos, como para divulgação dos potenciais e usos medicinais de plantas. Mas também são importantes na construção das concepções de natureza e a relação com ela.

Essas concepções de natureza e os modos como os grupos sociais se relacionam com ela são construídos de acordo com suas culturas revelando diferentes usos. Como foi apresentado no capítulo 1 ao longo do tempo essas concepções também se modificam. E atualmente um discurso que rotula a natureza é a tão falada biodiversidade.

Abordando o discurso da biodiversidade, conceito recente, que segundo Almeida (2003), é a crescente destruição da natureza, que leva a invenção discursiva da biodiversidade, podemos vislumbrar o discurso do Capitalismo. O conceito de biodiversidade é recente e às vezes é apresentado como um conceito vazio. Mas essa obscuridade é algo que protege determinados interesses e desvia debates.

Sobre o conceito de biodiversidade Alglabi (1998), com base nos estudos de Wilson (1988) e de Raven (1992), afirma que:

nele incluem-se todos os produtos de evolução orgânica, ou seja, toda a vida biológica no planeta, em seus diferentes níveis – de genes até espécies e ecossistemas completos – bem como sua capacidade de reprodução. Corresponde à ‘variedade viva’, ao próprio grau de complexidade da vida, abrangendo a diversidade entre e o âmbito das espécies e de seus habitats (p.61).

Aubertin (2005) nos lembra que,

Le mot biodiversité, néologisme obtenu par contraction de l’expression *biological diversity*, est apparu dans nos dictionnaires récemment, au début

des années 1990. Sous cette forme, la question de la sauvegarde de la diversité biologique connaît une large médiatisation que touche un public toujours plus nombreux. Parallèlement et en conséquence, la notion de biodiversité acquies une autonomie grandissante par rapport à la problématique scientifique initiale (p.99).

Respaldados no discurso da biodiversidade estão os atores hegemônicos globalizados, que se associam a instituições e profissionais também globalizados para concretizarem o processo de (re)significação de coisas, como das florestas tropicais, das populações tradicionais e seus conhecimentos da natureza objetivando benefício econômico próprio. Aqui nota-se uma nova noção abordada na relação sociedade/natureza – uma (re)significação do valor da natureza através do termo biodiversidade (e seu discurso). Almeida (2003) ainda completa:

O discurso da biodiversidade promete salvar a natureza das práticas destruidoras e em seu lugar instituir uma cultura da conservação. É uma nova maneira de falar sobre a natureza dentro de uma profunda mediação técnico-científica e é, também uma nova interface entre a natureza, o capital e a ciência (p. 79).

A biodiversidade é de extrema importância para as populações tradicionais e raizeiros urbanos, pois é por meio desta que seus conhecimentos e culturas são apreendidos e passados para futuras gerações. Uma vez que para essas sociedades o humano, o natural e o espiritual nunca esteve separados, como Almeida (2003) chega mesmo a afirmar que a visão de biodiversidade para essas populações é um produto de uma cultura particular na apropriação, conhecimento e conservação do seu espaço.

Compreendemos que cada raizeiro tem sua concepção de natureza, baseada na sua experiência de proximidade ou não com a natureza. Assim, também lembramos que como afirma Almeida (2003b), citando Serje (1999), “não existe Natureza no singular. As naturezas são tantas quanto os grupos sociais” (p72). Dessa forma, para alguns raizeiros que tiveram contato com a natureza no passado sua experiência é única, pois além da individualidade dela pode ter ocorrido com tipos diferentes de naturezas, pois são as naturezas tantas e não apenas uma.

Mas na cidade a experiência que tem aproximado raizeiros com as naturezas é a experiência comercial. A natureza é a fornecedora de mercadoria, a mídia parceira no incentivo a adesão das medicinas populares, alternativas e tradicionais. A demanda do uso é cultural. As pessoas têm o hábito, o costume, a necessidade de uso das plantas medicinais e os raizeiros têm conquistado o espaço comercial que esta demanda tem proporcionado. Algumas representações que existem sobre as o uso de plantas

medicinais são perigosas como pensar que tudo que vem da natureza é bom e curativo, que não existe contra-indicação, nem efeitos colaterais e que não há problema nas interações com outros remédios e medicamentos. Isso é em parte consequência de uma representação naturalista da própria natureza. E em parte desconhecimento de todo o potencial das naturezas.

Para os raizeiros não só importa o valor mercantil da biodiversidade como também é importante o valor cultural, o qual ela contribui diretamente.

Na busca da singularidade dos usos das Naturezas, por raizeiros a partir de seus conhecimentos, foi possível perceber a importância de sua existência para a propagação das potencialidades dessas Naturezas como para outras pessoas que fazem usos dela.

O fato de os raizeiros existirem numa metrópole, perto de clínicas, conforme relatado, evidencia uma forma de demonstrar e propagar sua cultura seus saberes. Em 2005 era afirmado ser necessário maior aprofundamento na pesquisa para afirmar se os conhecimentos das plantas do Cerrado e o uso medicinal delas era uma prática que estava em declínio ou em ascensão, ou mesmo se é uma resistência. Hoje, com base nos dados de campo de 2007 e 2008, na tendência política, preocupação mundial com a biodiversidade é possível afirmar a necessidade de maior aprofundamento, mas para compreender os motivos e meandros do aumento do uso e do interesse por de plantas medicinais. A cada dia as pessoas têm procurado tratamentos alternativos e naturais. Alguns incentivados pela cultura familiar, outros por forte influência da mídia e outros ainda – em menor quantidade – por curiosidade. Uma prova contundente é o fato dos crescentes procura e usos gerarem a ampliação do comércio de plantas medicinais e remédios naturais na cidade de Goiânia.

Além destas questões pode-se aprofundar em tantas outras questões como a extração e seu manejo, o cultivo empresarial/industrial, a partir da agricultura familiar, a importação e exportação destas plantas, a biopirataria o envolvimento de indústrias farmacêuticas no mercado fito e natural, a rede nacional de distribuição de plantas medicinais, a legalização, implementação da lei e a fiscalização da comercialização de plantas medicinais assim como toda a modificação no processo cultural referente ao uso de plantas medicinais.

Este trabalho pode acrescentar à Geografia conhecimentos sobre as representações usos e redes envolvidos no processo de comercialização de plantas medicinais do Cerrado como de outros biomas também. Contribui na compreensão de mais uma forma de uso da natureza. Serve também como um diagnóstico da situação atual de comércio de plantas medicinais em Goiânia com base em seu mapeamento.

Ainda é necessário que estudos aprofundem as questões aqui levantadas e discutidas. Esperamos ter dado uma contribuição à ciência geográfica com esta pesquisa cujo propósito é, também, instigar outros temas. Muito ainda pode ser estudado sobre plantas medicinais e a Geografia.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, Sarita. **Geopolítica da biodiversidade**. Brasília: IBAMA, 1998.

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino. **Introdução à etnobotânica**. Recife: Bagaço, 2002.

ALMEIDA, Maria Geralda de. **Em busca do poético do sertão** In: ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTI, Alessandro JP. (Orgs.) **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003a. 284 p.

_____. Cultura ecológica e biodiversidade. **Mercator**. Fortaleza, ano 2, n.3, p. 71-82, jan./jul. 2003b.

_____. A reinvenção da natureza. **Espaço e cultura**. Rio de Janeiro, n.3, p. 41-53, jan./dez. 2004.

_____. **Tantos Cerrados: múltiplas abordagens sobre a biodiversidade e singularidade sociocultural**. Goiânia: Vieira, 2005.

_____. Aportes teóricos e os percursos epistemológicos da geografia cultural. **Geonordeste**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, ano XIX, n.1, p. 33 – 54, jan./jul. 2008.

AMBEV, Companhia de Bebidas das Américas. **Histórico do refrigerante Guaraná Antarctica**. Disponível em <<http://www.ambev.com.br>>. Acesso em jul. 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE QUIROPRAXIA, ABQ. **O que é Quiropraxia e o que é fitoterapia**. Disponível em: <http://www.quiropaxia.org.br/>. Acesso em jul.2008.

AUBERTIN, Catherine. **La biodiversité: une notion en quête de stabilité**. In: AUBERTIN, Catherine (Org.). **Représenter la nature? ONG et biodiversité**. Paris: IRD Éditions, 2005.

BALBACH, Alfons. **A flora nacional na medicina doméstica**. São Paulo: Editora Edificação do Lar, 1969.

BALBACH, Alfons; BOARIM, Daniel de Sá Freire. **As Plantas Curam**. [S.l.] Editora Vida Plena, 2002.

BARBOSA, Maria Tereza S. et al. Modelos dinâmicos e redes sociais: revisão e reflexões a respeito de sua contribuição para o entendimento da epidemia do HIV. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 16(Sup. 1) p.37-51, 2000.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 60 p.

CHAUÍ, Marilena de Souza. O que é ser educador hoje? Da arte a ciência: a morte do educador. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O educador: vida e morte**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Os novos temas e as geografias contemporâneas**. Goiânia, 24/08/2006. 6 p. Notas de aula.

_____. **Caminhos de aprender**. Aprender caminhando e a força do inacabamento. Goiânia, 10/04/2006. 4p. Notas de aula.

CIDADE, Lúcia Cony Faria. Visões de mundo, visões da natureza e a formação dos paradigmas geográficos. **Terra Livre**, São Paulo, n. 17, p. 99-118, jul./dez. 2001.

CLAVAL, Paul. A geografia Cultural: o estado da arte. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 1999.

_____. Paul. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.) **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2001.

_____. Paul. Campo e perspectivas da Geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.) **Geografia cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2002a.

_____. Paul. A volta do cultural na geografia. **Revista Mercator**, Fortaleza, ano 01, número 01, p.19-28, 2002b.

_____, Paul. Apresentação. In: KOZEL, S.; SILVA, J.C.; GIL FILHO, S.F.. Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

CORREA, Roberto. Lobato; ROZENDAHL, Zeny. **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2001.

_____. Geografia Cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.) **Introdução a geografia cultural**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2003.

CORREA, Roberto. **Interações Espaciais**. In: CASTRO, Iná; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. Explorações Geográficas: Percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **Sobre a Geografia Cultural**. Textos NEPEC: Tio de Janeiro, 2007. Mimeografado.

COSGROVE, Denis. A Geografia esta em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny. (Orgs.) **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

COSTA, Jodival Maurício; UEDA, Vanda. Redes técnicas e território: notas sobre a reticulação espacial. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, n. 32, p. 131-145, 2007.

COUTINHO Maria da Penha de L. et al. Uso da maconha e suas representações sociais: estudo comparativo entre universitários. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 3, p. 469-477, set./dez. 2004.

DARY, Claudia. **Género y biodiversidad en comunidades indígenas de Centroamérica**: un enfoque social sobre las formas de uso y Conservación de los recursos naturales. Guatemala: FLACSO, 2002.

DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. Apresentação. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (Orgs.). **Redes, sociedade e**

territórios. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005.

DIAS, Leila Christina. Os sentidos da rede: notas para discussão. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima (Orgs.). **Redes, Sociedades e Territórios.** Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005.

DIEGUES, Antônio Carlos. Etnoconservação: novos rumos para proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: HUCITEC, 2000.

DI STASI, Luiz Cláudio. **Plantas medicinais verdade e mentiras.** São Paulo: Unesp, 2007.

FAPESP. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. **Informações sobre pariparoba e papaconha.** Disponível em: <<http://www.fapesp.br/>>. Acesso em jul. 08.
FERNANDES, Tânia Maria. **Plantas Mediciniais:** memória da ciência no Brasil. Rio de janeiro: Fiocruz, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque Holanda. **Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa.** São Paulo: Companhia editora nacional, 1972.

FRAIFE FILHO, Gilberto de Andrade; RAMOS, José Vanderlei. **Guaraná.** Disponível em: <<http://www.ceplac.gov.br/radar/guarana.htm>> Acesso em maio de 2008. Não paginado.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des)caminhos do meio ambiente.** São Paulo: Contexto, 1989.

_____. A invenção de novas geografias. **Território,** Niterói, p.257-284, 2002.

GUEDES, Andrea. Propriedades terapêuticas da arnica: estudo identifica substâncias antiinflamatórias e analgésicas em planta. **Revista Ciência Hoje.** Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/3101>>. Acesso em 24 ago. 2008. Não paginado.

HENRIQUE, Wendel. Proposta de periodização das relações homem-natureza: uma abordagem geográfica de idéias, conceitos e representações. **Terra Livre,** Goiânia, n. 24, p. 151-175, jan./jun. 2005.

HERZLICH, Claudine. A problemática da representação social e sua utilidade no campo da doença. **Physis: Revista Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 15(Suplemento), p.57-70, 2005.

HOSPITAL DE MEDICINA ALTERNATIVA, HMA. **Quadro de atividades educacionais e de pesquisa do hospital de medicina alternativa e tratamentos alternativos no HMA**. Disponível em <<http://www.hma.goias.gov.br/>>. Acesso em jul. 2008.

JODELET, Denise. (Org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

_____. Número especial sobre as representações sociais. **Psicologia Teor. Prat.** São Paulo, n.spe v.6, 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scieloph?script=sci_arttext&pid=S1516-6872004000300001&lng=pt&nrm=>>. Acesso em jul. 2008.

KÖRBES, Cirilo Vunibaldo. **Plantas medicinais**: manual ampliado, 1990. Francisco Beltrão-PR: ASSEFOAR,1990.

KOZEL, Salete. As representações no geográfico. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Orgs.). **Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba: UFPR, 2002.

LIMA, Roberto. Natureza: uma categoria social. In: DUARTE, Laura Maria Goulart; BRAGA, Maria Lucia de Santana; SILVA, Cleide Bezerra da. **Tristes cerrados**: Sociedade e biodiversidade. Brasília: Paralelo 15, 1998. 299 p.

MACHADO, L. H. B. **Raizeiros de Goiânia**: usos e representações de plantas medicinais na metrópole, 2005. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade Federal Goiás, Goiânia, 2005.

MAIA, Carlos E. Santos; COELHO, Tito Oliveira. O comércio varejista periódico no espaço urbano no contemporâneo: um estudo na feira hippie de Goiânia. **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia, v. 17 n.02 jul./dez., Goiânia: UFG, 1997.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MOURA, F. de B. P. **Entre o peixe e o dendê: etnoecologia do povo dos Maribuns (Chapada Diamantina - BA) 2002.** Tese (Doutorado em Ecologia e recursos naturais) Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2002.

PASSMORE, John. Atitudes frente à natureza. **Revista de Geografia**, Recife, v. 11, n. 2, p. 91 – 102, jul./dez., 1995.

PEREIRA, Benedito Alísio da S.; SILVA, Maria Aparecida da. **Lista de nomes populares de plantas nativas da região geoeconômica de Brasília, DF.** Disponível em <<http://www.recor.org.br/publicacoes/plantas-nativas.html>>. Acesso em mai. 2008.

PREFEITURA de Goiânia. **Lista de feiras livres e especiais.** Disponível em: <<http://www.goiania.go.gov.br/>>. Acesso em jul. 2008.

RIBEIRO, José Felipe; WALTER, Bruno Machado Teles. Fitofisionomias do bioma cerrado. In: **Cerrado: ambiente e flora.** Planaltina: EMBRAPA-CPAC, 1998.

RIGONATO, Valney Dias. **O modo de vida das populações tradicionais e a interrelação com o cerrado da microrregião da Chapada dos Veadeiros: o distrito de Vila Borba.** Dissertação (Mestrado Geografia), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

RIGONATO, Valney Dias; ALMEIDA, Maria G.eralda. Cerrado: a fitofisionomia e a interrelação com as populações tradicionais. **Cerrados**, Montes Claros, v.1, n.1, p. 39 – 52, jan./dez. 2004.

ROMÃO, Patrícia de Araújo. **Mapa digitalizado de Goiânia.** 2005.

SANO Sueli Matiko; ALMEIDA Semíramis Pedrosa. **Cerrado: ambiente e flora.** Planaltina: EMBRAPA-CPAC,1998.

SANTANA, Dilma Pio e CARVALHO, Marta Horta Figueiredo **A dinâmica da informalidade em Goiânia a partir de 1980.** Monografia (especialização em Planejamento e Gestão Urbana) Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.

SANTOS, Milton. **Ser intelectual na era da globalização.** São Paulo, 1997. Conferência na cerimônia de Outorga do Título de Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo em 28 ago.1997.

_____. **A natureza do espaço.** Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 2002.

SAÚDE NA REDE, **Informações sobre garra do diabo.** Disponível em <http://www.saudenarede.com.br/fitoterapicos/garra_do_diabo.html> Acesso em jul. 2008.

SILVA, Adriana Amaral et al. Germinação *in vitro* de sementes de arnica (*Lychnophora ericoides Mart*): uma espécie ameaçada de extinção. In: 58ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC. 2006, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2006. Não paginado.

SPETHMAMM, Carlos Nascimento. **Medicina Alternativa de A à Z.** [S.l.] Edições Natureza, 2004.

SCHERER-WARREN, Ilse. Redes sociais: trajetórias e fronteiras. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (Orgs.). **Redes, sociedade e territórios.** Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005.

TOURINHO, Mary José Grisi. Abordagem etnofarmacológica das plantas medicinais diuréticas no povoado de Capim Grosso. **Mercator**, Sergipe v. 01, n.01, p. 34-71, jan.2000.

APÊNDICE

Quadro de referência de siglas de raizeiros entrevistados		
Sigla	Nome	Localização
R-1	João Queiroz Magalhães (irmão)	Casa das Raízes – Centro
R-2	Otávio Queiroz Magalhães (irmão)	Banca da Goiás com Paranaíba
R-3	Jonas Queiroz Magalhães (irmão)	Mercado Aberto
R-4	José Queiroz Magalhães (irmão)	Rua 70 com Paranaíba, abaixo da Goiás
R-5	Sr.R (sem identificação completa)	Rei das Raízes I – Campinas
R-6	Diva Aparecida	Mercado e feira Centro-oeste
R-7	Cleone	Mercado Campinas
R-8	Ivone	Feira ao lado da Igreja Matriz de Campinas
R-9	Reni (herdou a loja do pai)	Camelódromo – Centro
R-10	Sr. C (sem identificação completa)	Clorofila – Centro
R-11	Nilo (Pai de Nilo abriu a loja para os 4 filhos)	Nativa
R-12		Feira Centro-oeste
R-13	Lourival (func.) Ronaldo (dono)	A raizeira
R-14	Hugo	Raízes 10
R-15	Aldercia Maria da Rocha Silva	Mercado Central
R-16	Emília (func.) Alderina Lima Brito	Mercado Central
R-17	Dionísio Machado Silva	Mercado SPL
R-18	Adalgiza Maria da Conceição	Loja – SPL
R-19	Márcio (herdou a banca do avô e resolveu vender ervas)	Mercado Central
R-20	Venceslau	Mercado Central
R-21	Maria de Oliveira Leite	Mercado Central
R-22	Deoraci Guimarães (ex-marido de Maria de Oliveira Leite)	Mercado Central
R-23	Márcia Pereira (trabalha c/ 2 filhos)	Mercado Central
R-24	Almir	Ambulante – Goiás atrás do BRB
R-25	João Divino (outro raizeiro da feira é seu cunhado)	Ambulante – Feira Hippie e Mercado Aberto
R-26	Liliane Dias (o ex-marido trabalhava com plantas)	Banca Feira Hippie
R-27	Eulália	Mercado Central
R-28	Filha de João Queiroz e esposa de R5	Rei das Raízes II – Campinas
R-29	Anderson (sobrinho R-21)	Mercado Central
R-30	Primo de R-25	Feira Hippie
R-31	José Lopes	Erva fé, Rua 83
QM	Família Queiroz Magalhães (Jonas, José, Otávio e João)	Goiás com Paranaíba

Universidade Federal de Goiás – UFG
Instituto de estudos Sócio-Ambientais – IESA
Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Geografia – PPPGEO

Tema da Pesquisa: Raizeiros de Goiânia – representações, usos e redes de plantas medicinais.

Mestranda: Luiza Helena Barreira Machado

Orientadora: Maria Geralda de Almeida

ROTEIRO DE ENTREVISTA

I – Representações

1. Por que as pessoas utilizam plantas medicinais? _____

2. Como elas descobrem os locais de venda? _____

Algum cliente chega com prescrição ou indicação médica? ()sim ()não. Que tipo? ()receita ()oral.

3. Já ocorreu de algum cliente voltar para reclamar de resultados negativos? ()sim ()não.
4. Já ocorreu de algum cliente voltar para dizer que foi curado? ()sim ()não.
5. Relatos de casos de cura através do uso de remédios naturais (plantas medicinais/ garrafadas)

6. Como numa cidade como Goiânia, com tantos hospitais e uma medicina científica desenvolvida (pois já é referência nos tratamentos oftalmológico, odontológico e de câncer), com a presença de tantas farmácias e a existência de um pólo farma-químico

II – Usos

1. Qual o remédio mais procurado (planta/garrafada)? _____
2. Qual a doença que os clientes mais se queixam? _____
3. Quais as plantas mais difíceis de encontrar? _____ Por quê? _____

4. Qual o grupo mais procura remédios naturais (plantas/garrafadas)? ()Mulheres ()Homens.
5. Tem alguma explicação para essa procura? _____

6. O que as mulheres mais compram? _____
7. O que os homens mais procuram? _____
8. Qual a média de idade dos clientes? _____ ()Jovens ()Adultos ()Idosos
9. Quais as formas de uso possíveis? ()Chá; ()Maceração; ()Garrafada ()_____ ; ()_____ ;

10. Existem plantas que não podem ser utilizadas em conjunto? ()sim ()não. Quais? _____
 Por quê? _____

III – Redes

1. Além desse local vende em outro? ()sim ()não. Qual(is)? _____

2. Vende para terceiros revenderem? ()sim ()não. Onde? _____
3. Fabrica garrafadas? ()sim ()não. Por quê? _____
4. Como adquire as plantas? _____

5. E demais produtos industrializados? _____
6. Como é feita a encomenda ou pedido? _____

7. Apenas um fornecedor ou vários? _____
8. Esses fornecedores são pessoas que trabalham sozinhas, associação ou empresa? _____
9. De que município, estado que os fornecedores vêm? _____
10. Como conheceu o(s) fornecedor(es)? _____
11. Com que frequência recebe mercadoria? _____

IV – Saberes

1. Desde quando trabalha com plantas medicinais? _____
2. Apenas vende (); coleta (); prepara (); revende (); faz todo o processo ().
3. Faz uso comumente em casa? ()sim ()não _____
4. A família faz usos? ()sim ()não Por quê? _____
5. Amigos fazem uso? ()sim ()não _____
6. Com quem aprendeu esses saberes sobre plantas medicinais? _____
7. Fez cursos? ()sim ()não. Qual? _____
8. Faz parte de alguma associação ou cooperativa? ()sim ()não. Qual? _____ O que ela proporciona? _____ Ela colabora ou na faz diferença? _____
9. Se não, já recebeu algum convite para integrar alguma associação ou cooperativa? ()sim ()não.
10. Conhece livros sobre plantas medicinais? ()sim ()não. Qual? _____
11. Tem algum livro no local de venda? ()sim ()não. Qual? _____
12. Sua família trabalha com você? ()sim ()não. Quantos? _____
13. Tem pessoas mais novas interessadas ou aprendendo esses saberes? ()sim ()não.
14. Como esses saberes são passados/ensinados? _____
15. Você faz algum tipo de registro de formas de usos, histórias de cura ou mesmo de algum registro qualquer sobre esses saberes? ()sim ()não. Qual? _____ Por quê? _____
16. Passa receitas? Ou formas de usos? ()sim ()não. Por quê? _____
17. Troca informações sobre as plantas medicinais com clientes? ()sim ()não. Por quê? _____
18. Você cultiva em casa (ou em outro local específico) plantas que comercializa? ()sim ()não. () todas; () em parte; () nenhuma. Por quê? _____

19. Vende mudas ou sementes? ()sim ()não. Por quê? _____